Diário de Lisboa

CONCURSO 58 ANOS

Fundador **Joaquim Manso**

Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **Fernando Piteira Santos**

Abril 1979
Quarta-feira

ANO 59.º
N.º 19 934
10$00

18

Panasqueira: a guerra da mina

A silicose e a dorida memória dos mineiros são os grandes personagens de um texto de Daniel Reis que hoje publicamos na nossa página 10. O texto, nascido de uma reportagem para o «Diário de Lisboa», transformou-se em livro e vai ser em breve editado. Na foto: a revista, à saída do trabalho.

AMNISTIA EM DISCUSSÃO NA ASSEMBLEIA E NO CR

A direita joga na intolerância

O projecto de lei socialista que propõe uma amnistia às infracções criminais e disciplinares praticadas no 11 de Março e 25 de Novembro é esta tarde discutido na Assembleia da República. Projecto de lei polémico que, desde já, conta com a oposição do reduzido grupo parlamentar social-democrata. O Conselho da Revolução não tem ainda uma posição definida sobre o assunto, sendo divergentes as opiniões dos conselheiros Franco Charais e Ribeiro Cardoso. A posição do Presidente da República não será igualmente pacífica, dando-se como provável o veto da proposta socialista, que teria de voltar ao Parlamento para nova votação.

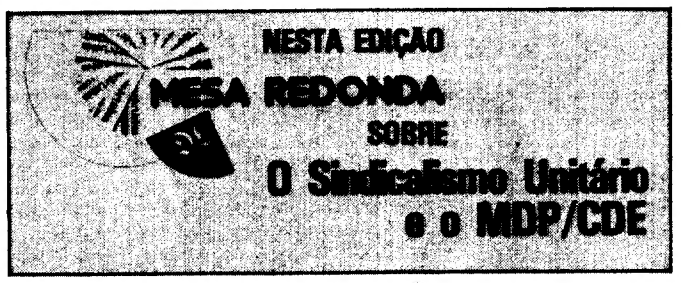
A amnistia socialista abarca os actos de deserção e ausência ilegítima, embora não considere aqueles que caiem no âmbito do delito comum, de coacção física sobre detidos ou utilização de engenhos explosivos. O Partido Socialista defende que o País necessita de se dedicar às tarefas de recuperação económica e de realização de objectivos de justiça social, em vez de se perturbar com julgamentos políticos exemplares. Esta amnistia que se enquadra num espírito de tolerância próprio do 25 de Abril foi, contudo, enredada numa discussão legalista que ameaça retirar o efeito apaziguador da iniciativa.

O PSD, através de Amândio de Azevedo, não está disposto a passar uma esponja sobre o passado, e nesse sentido oporse-á pelo voto à proposta dos socialistas.

No Conselho da Revolução são fundamentalmente duas as posições: o brigadeiro Franco Charais entende que ultrapassa o âmbito militar o conjunto de infracções criminais ou disciplinares cometidas por membros das Forças Armadas no período que decorreu entre o 25 de Abril de 1974 e a data da entrada em vigor da Constituição, Abril de 76. Na sua perspectiva, todas as forças políticas influenciaram o processo político, fazendo-o, quando puderam, com o recurso a militares. Seria assim injusto responsabilizar exclusivamente os militares pelos acontecimentos do 11 de Março e do 25 de Novembro. É esta a justificação que permite ao brigadeiro Charais considerar os actos referidos passíveis de serem amnistiados por iniciativa da Assembleia da República, ao abrigo do art.º 164 da Constituição.

Essa não é contudo a opinião do coronel Ribeiro Cardoso,

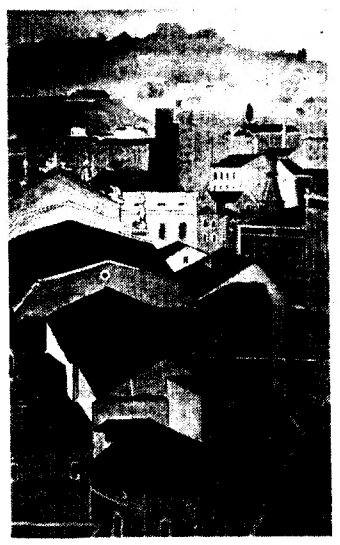
Continua na pág. 20



50 anos da Lisboa de Botelho

«Cinquenta anos de pintura de Lisboa», é o título da exposição das obras de Carlos Botelho que é hoje inaugurada na Galeria III. Carlos Botelho, que nasceu em Lisboa no último ano do século XIX, é o grande pintor de Lisboa, o artista que melhor compreendeu e exprimiu a cidade que vive nas suas telas e dentro de cada um dos lisboetas. É, talvez, por isso que as ruas da Lisboa de Botelho são desertas – os transeuntes somos nós, os que olhamos para a sua obra e nos sentimos parte do casario da cidade e do seu rio sem que seja necessário retratar-nos.

Figuram na exposição que vai ser hoje inaugurada paisagens lisboetas pintadas durante o período que decorreu entre 1929 e 1979. Lisboa está lá, inteira, viva, sempre diferente e sempre igual a si mesma.



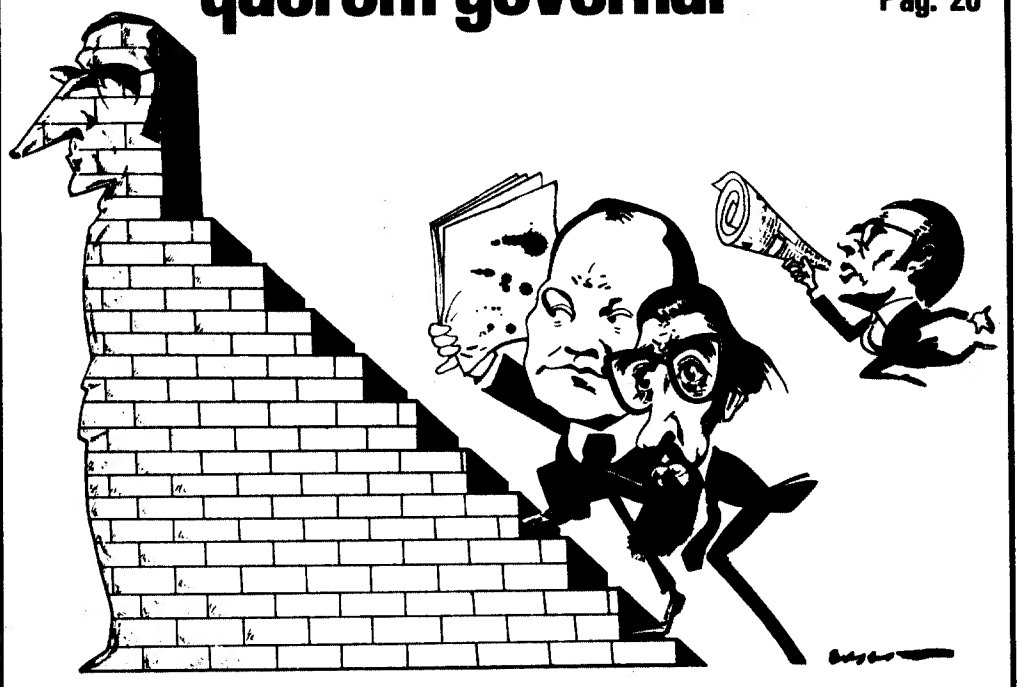
SOARES CHEGADO DA COLÔMBIA: Mota Pinto não serve

Pág. 6

"NEM CONSERVADORES NEM REVOLUCIONÁRIOS"

Barreto e Medeiros querem governar

Pág. 20



António Barreto e Medeiros Ferreira deram esta manhã fim ao que Mário Soares, regressado da Colômbia, classificou de «parto requentado e laborioso»: divulgaram um «manifesto reformador» de que nos falam desde há seis meses

post-scriptum

Um bom serviço ao País

– A Constituição diz que «os meios de comunicação social pertencentes ao Estado serão utilizados de modo a salvaguardar a sua independência perante o Governo». Sua Excelência tem vindo a torná-los cada vez mais submissos...

– A Constituição diz que «é garantida a liberdade de aprender e ensinar». Sua Excelência, para o conseguir, diminui a verba destinada à educação...

– A Constituição diz que «o direito à protecção da saúde é realizado pela criação de um Serviço Nacional de Saúde universal, geral e gratuito». Sua Excelência, para atigir aquele fim, atribui-lhe uma verba superior a 0,4% ao ano transacto, enquanto que para a segurança e ordem pública é de três vezes mais...

– A Constituição diz que «o Estado adoptará uma política tendente a estabelecer um sistema de rendas compatível com o rendimento familiar». Sua Excelência projecta fazê-lo «através de uma subida moderada das rendas»...

– A Constituição diz que «a Reforma Agrária tem como um dos objectivos a transferência progressiva da posse útil da terra para aqueles que a trabalham». Sua Excelência «devolve» as terras aos antigos agrários (e não só)...

– A Constituição diz que as cooperativas de trabalhadores agrícolas têm direito ao auxílio do Estado. Sua Excelência envia as «forças da ordem» para o Alentejo para auxiliar os agrários a «recuperar» os seus feudos...

– A Constituição diz que na «definição da Reforma Agrária deve ser assegurada a participação dos trabalhadores rurais». Sua Excelência manda a GNR espancá-los...

– A Constituição diz que o «Conselho da Revolução tem funções de garante do cumprimento da Constituição e da fidelidade ao espírito da Revolução do 25 de Abril». Sua Excelência diz que «o Conselho da Revolução não tem nenhuma competência para criticar as acções do Governo»...

– A Constituição diz uma coisa. Sua Excelência faz e diz o que muito bem lhe apetece...

– A Constituição diz que o Governo pode solicitar um voto de confiança à Assembleia da República. Sua Excelência deveria fazê-lo, indo porventura contra os seus princípios. Não adie mais o seu regresso a Coimbra! Prestará, finalmente, um bom serviço ao País...

Gabriel de Sousa
LISBOA

«Cuidado com as aspirinas»

A propósito da nossa local de 27 de Março último, com este título, recebemos da gerência da Bayer-Farma, Ld.ª, dirigida ao nosso director, a seguinte carta:

«No artigo acima mencionado referem frequentemente a palavra Aspirina quando, afinal, se querem referir à sua substância activa, o ácido acetilsalicílico.

«Neste contexto, permitindo-nos salientar que a palavra Aspirina é uma marca de fábrica registada em cerca de 70 países do mundo, em nome da Bayer AG, Leverkusen, República Federal Alemã, a qual desfruta também da protecção conferida às marcas. A Aspirina è utilizada nestes países para caracterizar uma especialidade farmacêutica cuja substância activiva é o ácido acetilsalicílico (AAS). Nestes países nenhuma outra firma está autorizada a utilizar a marca de fábrica Aspirina.

O vosso artigo é, portanto, incorrecto, na medida em que sugere que a Aspirina é uma marca livre que pderá ser utilizada por qualquer fabricante de analgésicos. Além disso, a mera utilização da marca de fábrica Aspirina já deverá ser considerada em Portual uma violação do direito de marca da Bayer.

Solicitamos assim, insistentemente a V. Ex.ªs, que, no interesse não só da defesa dos direitos da Bayer, mas também de uma informação correcta dos leitores, não citem a marca de fábrica Bayer Aspirina em próximos artigos deste tipo, que não incidam especialmente sobre a especialidade farmacêutica da Bayer. Em Portgal, tal como aliás em todos os países em que a Aspirina é a marca da Bayer, dever-se-á sempre referir «ácido acetilsalicílico» ou, resumidamente «AAS», nas reportagens sobre comunicações idênticas às do vosso artigo atrás indicado.»

PS: Que lógica?Que coerência?

O sr. dr. Mário Soares o disse: – «Não considero possível uma aliança com o PC, uma vez que este partido tem um projecto de sociedade diferente do projecto do PS». Admite, sim, uma aliança com o PSD e até já se aliou ao CDS, o que significa, logicamente, que o modelo de sociedade defendido por estes partidos não é diferente do do PS. E como é o próprio PS a dizer que o PSD «se coloca indubitavelmente contra o 25 de Abril e em confronto directo com as instituições democráticas que nos regem e que dele nasceram», logicamente é o próprio dr. Mário Soares a dizer-nos, francamente e na «linha de lógica e de coe- rência» o que é o PS e qual a sua política de alianças.

JFC
PORTO

DÊ-NOS NOTÍCIAS PELO TELEFONE 32 02 29

Contacte a Redacção do «Diário de Lisboa» através do nosso serviço automático de gravação de telefonemas, ao seu dispor entre as 21 horas e as 8 da manhã.

COMUNICAÇÃO SOCIAL

UM PROJECTO EM ESTUDO

Ler jornais em casa através da televisão

Uma grande cadeia americana de jornais, a «Knigth Ridder Newspapers Inc», anunciou ontem em Miami o lançamento, no próximo ano, dum programa -piloto de recepção de jornais por via televisionada. Alvah Chapman, presidente da cadeia revelou que vai começar em meados do próximo ano, um teste de seis meses do seu processo «Viewtron» que será distribuído de 150 a 200 famílias da região de Miami.

Já há várias companhias de televisão por canal que ofereceram ao público americano notícias breves, resultados desportivos e de bolsa, mas o programa previsto pela «Knigth Ridder» é de longe o mais ambicioso até hoje ensaiado nos Estados Unidos.

As notícias continuamente actualizadas serão transmitidas por linhas telefónicas e aparecerão em telas de televisão especialmente adaptadas a esta função.

«O potencial do sistema só tem os limites impostos pela imaginação», declarou um porta-voz da firma. «Se olharmos para o futuro é possível que um dia o consumidor possa fazer as suas compras, operações bancárias e de bolsa ou aprender matemática sem sair do seu salão».

SUSPENSO HÁ CINCO MESES

"Times" sem perspectivas

A administração do «Times» anunciou ontem não haver perspectivas de solução da disputa que, em Novembro do ano passado, conduziu à suspensão da publicação daquele jornal londrino. Tanto a «Times Newspapers Ltd», a empresa proprietária do jornal, quanto o Sindicato dos tipógrafos haviam fixado o dia 17 de Abril como data-limite para se chegar a um acordo sobre a introdução de tecnologia computarizada.

Em comunicado ontem divulgado, a administração informou que os 3.000 empregados readmitidos temporariamente durante as cinco semanas de negociações, seriam pagos apenas durante mais alguns dias, acrescentando que os contactos com os sindicatos, previstos para esta semana, seriam efectuados, apesar de tudo.

O conflito surgiu quando a empresa anunciou que, a partir de 30 de Novembro (de 1978) suspenderia a publicação do «Times», «Sunday Times» e outros jornais se não se chegasse a acordo com os sindicatos relativamente à introdução dum sistema de computadores que habilita os jornalistas a dactilografarem directamente o material noticioso em terminais de computadores para imediata composição.

Com efeito, o acordo não foi conseguido e os jornais deixaram de ser publicados, após o que a empresa iniciou o despedimento dos trabalhadores, cujos sindicatos se insurgiram contra o novo plano.

ANO 13.º LISBOA – DOMINGO, 4 DE FEVEREIRO DE 1934 N.º 4031

Diario de Lisbôa de Domingo

DIRECTOR JOAQUIM MANSO

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

ALGUMAS FIGURAS DO CHIADO

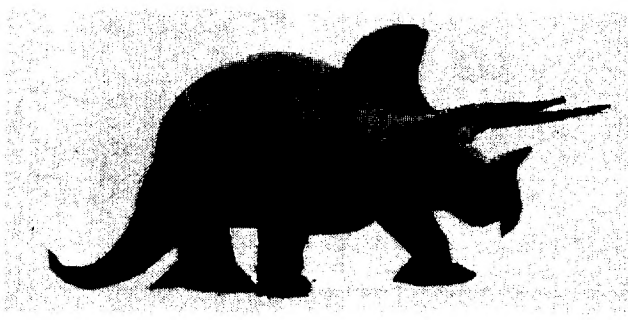
Dr. Brito Camacho · Queirino Gomes · Dr. Ramada Curto · Alfredo Soares · Dr. João de Barros · Dr. Lopes de Oliveira · Dr. Orlando Marçal · Julio Ferreira · João Perestrelo · Maestro René Bohet

14

CONCURSO

Recorte e guarde este cupão bem como os demais cupões que, em número de 30, serão diariamente publicados neste mesmo local. Depois só terá que enviar para o «Diário de Lisboa», em data que será anunciada, esta colecção de 30 cupões, juntamente com um boletim de identificação que será publicado diversas vezes durante o período do concurso.

Se tiver alguma dúvida, telefone-nos: «DL — Concurso» 321154-5 — 320271/2/3



BESTIÁRIO & ADJACENTES

Por BAPTISTA-BASTOS

Fúrias, o comprimento inútil

Por uma breve manhã de Novembro, o Fúrias despertou.

– Quero um jornal!

Não era uma decisão; era uma birra, num berro escoicinhante. Novembro é mês dos mortos, está bem de ver. E o Fúrias, que sempre se cauterizara na raiva secreta de ser um gebo; que sempre beneficiara, por via paterna, da desabusada protecção do Grande Defunto; que sempre manifestara um facataz irretorquível para a calúnia, para a denúncia, para a intriga – o Fúrias ergueu-se do leito. Espectáculo sinistro, diga-se de passagem, porque o Fúrias era altíssimo, míope, pesudo, ossudo, esquizóide, grotesco, desde criança revelando um conflito insanável com o trabalho. Sobre o ser isso tudo, acrescentava-se-lhe o gosto imoderado da necrofagia, pelo que, com avidez subalterna, era um tragador inverosímil dos despojos cadaverosos. No panteão particular das suas preferências ressumbravam alguns dos destemidos facetos da ordem dos mil anos, com especial sainete para o Casto de Santa Comba, dito o Tochas ou o Manholas.

Estripava-se pelo Casto, caso isso fora necessário – pensou. Pensou enquanto se encaminhava para o sítio onde incompletamente praticava as abluções do ritual. Era, aliás, nesse sítio onde pensava melhor. A força ascética que exercitava, olhos em alvo, jugular inchadíssima pelo esforço, impelia-o, frequentemente, a pundonorosas ideias. Deixara de ter onde agatanhar papel; pagar com a cadeia uma aventura de ratazanas, de que fora farsante e cúmplice; os parceiros de outrora ou haviam-se transformado em democratas instantâneos (como o pudim flã) ou contemplavam-no de soslaio, com desdém, cautela ou repugnância. Tolejara, durante anos, a insensata autopromoção de ser um indivíduo com talento idêntico ao da sua própria estatura. Rapiocara, de Brasillach, um par de ideias; de Drieu La Rochelle, um certo tom; de Maurras, a besuntice. Acontece este porém: não possuía nem estofo nem estilo. Posto à prova, revelara-se, tão-só, um mesquinho intriguista com evidentes delinquescências encefálicas. Logo os companheiros lhe apuseram uma alcunha cruel: o Comprimento Inútil. E todos se aperceberam de que os olhos do Fúrias, desorbitados e congestivos, não resultavam de miopia progressiva ou de glaucoma congénito; sim de uma idiotia hereditária, irrecuperável, resvalante. Um caso evidente de matóide oligofrénico.

Enquanto memora isto tudo, como numa tela cinematográfica desfilante de imagens e de sons obscuros, o Fúrias, também dito o Comprimento Inútil, contrai-se, quase sufoca de esforço latrínico. Desencasqueado, aliviado, suspira. Não se soergue, todavia. **«Defeco, logo penso»** – lema que traz gravado num cachucho enorme, falso, com cobras e lagartos entrelaçados, símbolos liminares de uma heráldica que ele mesmo inventou, mentiroso nato, para seu consumo privado.

Fenecera, de confisco, atolado nos detritos nauseabundos que acumulara, ao longo dos anos, o jornal onde sobrevivera numa pelintragem hedionda, arrumando palavras como quem pespega coices; traste militante, sem grandeza nem veemência, somente um obtuso presumido, roído de inveja, de mediocridade e de – piorreia. Artigalhara sobre cinema, sobre literatura, sobre política: um armorial de asnática, espinoteado através de plágios inauditos e de ideias de outrem, que ele proclamava de seu. Riam-se-lhe à socapa e à esbalda, os fingidos amigos. O Comprimento Inútil, arrogante, erguia as mandíbulas medonhas, agitava-se como um vime, coçava, com a unha do mindinho, um dos zigomas salientes, estigma de saburra simiesco; um vício que exemplificava a raiz da sua árvore genealógica. Iunitilidade comprida, jamais tentou corrigir os defeitos hereditários, dos quais, um deles, o conflito constante com objectos de pertença alheia.

Ora, desencasqueado aliviado, Fúrias, o Comprimento Inútil, houve de ideia, qu'é como quem esclarece: quis ter um jornal onde pudesse traquinar o imbróglio e vomitar o insulto. À pia comunal foi buscar alguns dos desensofridos: e, aí, ressurrectos da bruma salazareca, eis Malmequer Pereira, o magro, elegante e higiénico ideólogo; Marradas, o formoso e cativante estilista; Lopes Marreiro, o admirável e nunca assaz louvado autor de tantas e tantas fitas – para não designar outros renomados colaborantes. Este sinédrio estava ligado por uma linha comum: a da coerência política e ideo-

Continua na pág. 4

ponto a ponto

O deputado independente ex-PSD Sérvulo Correia vai pedir a suspensão do seu mandato parlamentar depois do debate das leis do Orçamento e do Plano. Aquele parlamentar, que é também assistente da Faculdade de Direito de Lisboa vai preparar o seu doutoramento em Ciências Político-Jurídicas, com uma tese ligada ao Direito Administrativo.

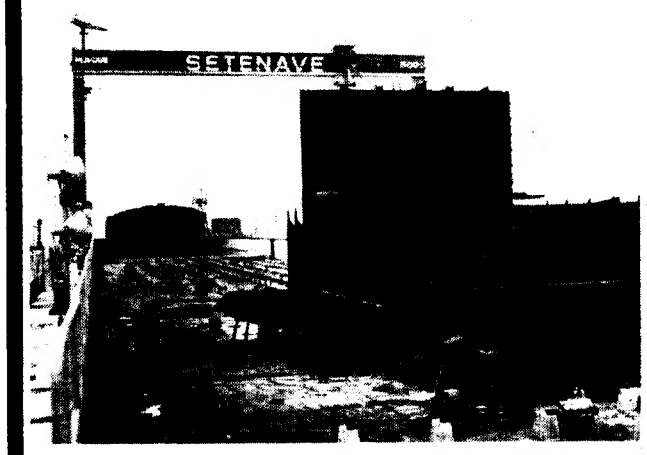
●

Salgado Zenha, presidente do Conselho Nacional do Plano, foi equiparado a ministro, de acordo com um decreto-lei ontem publicado no «Diário da República». A competência de Zenha restringe-se «à autorização de despesas e prática de actos administrativos», necessária porque o mesmo diploma atribui ao CNP autonomia admnistrativa.

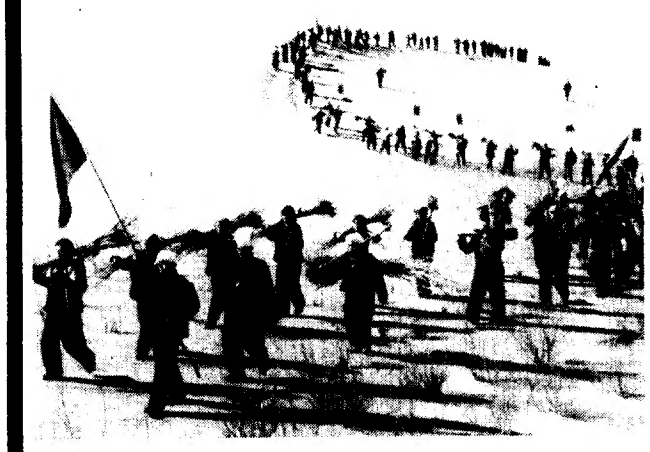
●

Jorge Sampaio, o ex-GIS que e actualmente membro do Secretariado do Partido Socialista orienta amanhã uma sessão de esclarecimento do Partido Socialista no Bairro Alto, subordinada ao tema «O que foi e o que é o 25 de Abril».

●



O embaixador da República Popular de Angola, Adriano Sebastião visitou esta manhã as instalações da Setenave. Angola está a reestruturar a sua frota mercante, de forma a conseguir assegurar as ligações entre os seus portos e o comércio internacional, tendo, além disso, encomendado ao Brasil vinte arrastões, um dos quais já foi lançado à água.



Imigrantes chineses devidamente documentados parecem estar a causar problemas em Macau, segundo afirmações de um deputado local. Ultimamente entrarem naquele território mais de trinta mil chineses que criam tensões em sectores como o emprego, a habitação e o abastecimento. O deputado macaense que levantou o problema sugere que poderá ser necessário adoptar medidas para suster a entrada de emigrantes chineses naquele território sob administração portuguesa.

As esperas sociais de Abril

HELENA CIDADE MOURA

«Ele fará isto ou aquilo... ele pensa isto ou aquilo... etc.». São frases vulgares que incluem uma gama complexa de juízos de valores e de atitudes: a imagem social que construímos acerca da pessoa em questão, levanos, nas condições que analisámos, a **esperar** dela um dado procedimento, ou julgamento.

Este é um fenómeno simples da interacção social que nos permite marcos de apoio suficientes, para vivermos a dinâmica da sociedade com estabilidade individual e ter uma noção do presente, enquadrada num cenário perspectivado.

Este é um fenómeno que possibilita a segurança da vida diária. É nesta base que nos podemos relacionar uns com os outros, que podemos, numa margem de liberdade e de tolerância, encontrar um equilíbrio social que permita o diálogo e o entendimento e a aceitação de vários comportamentos.

Quando as nossas **esperas** resultam dum consenso na leitura das situações, que poderão a cada momento levar a comportamentos diversos, mantendo-se a identidade de objectivos em que nos reconhecemos, o homem goza de liberdade.

Nestas condições, as esperas moldam os procedimentos sociais, na medida em que regulam os comportamentos **inesperados,** e, a nível individual, se vai estabelecendo uma relação entre aquilo que de nós espera a colectividade e a auto-imagem que vamos construindo.

No caso, porém, do sistema de vida não ser objectivado, um círculo de incógnitas aperta a pessoa humana. Os juízes não representativos de valores sociais levam a construir para o nosso semelhante um modelo muito próximo da nossa imagem, obrigando-o, em condições analisadas subjectivamente, a determinado procedimento, pautado pelo crivo de um código de valores artesanais, pertença de um pequeno grupo: o homem perde assim a liberdade.

Esta forma específica de acção social tem papel fundamental na imaturidade afectiva do indivíduo que, por sua vez, gera para os seus próprios medos e fantasmas, sociedades rígidas, não participativas, egocêntricos, de difícil projecção no futuro, e insuficiente vivência do presente.

Poderemos com igual justeza, substituir esta análise do particular para o global por uma análise do global para o particular e dizer que: uma sociedade rígida alimenta medos e fantasmas, tira a possibilidade de vivência do dia a dia porque impede a projecção no futuro, e que de toda essa rigidez resulta um código de valores restrito e uma análise da realidade não objectiva que leva a que as esperas sociais não tenham margem alguma de liberdade, o que torna sufocante a relação entre as pessoas e lhes limita a existência.

Qualquer dos pontos de partida da análise é válido, já que todo o fenómeno social é total. O que não é lícito é chamar pomposamente **humanista** (a que às vezes ainda se junta cuidadosamente o qualificativo **personalista)** a um estilo meramente formal, onde o homem existe independentemente da sociedade global, e **colectivista,** (com um sentido de agressão ao próprio homem) quando se atende à superstrutura da sociedade de maneira a que o homem encontre, e agora sim de uma forma concreta, viabilidade para um verdadeiro humanismo, estabelecido entre homens livres, que têm todos eles acesso à cultura, à educação, ao ensino, à saúde, à vida colectiva e à participação nessa superstrutura social.

A acção política luta por criar o sistema de controlo social, a nível da interacção que sirva os objectivos da sociedade global que se pretende. Os micro-fenómenos de todos os dias são reflexos dessa luta desesperada, entre propostas diferentes.

Os vencidos do 25 de Abril vão mascarando palavras e distorcendo valores de forma a reconstruirem, com uma mesma língua, a confusão de linguagens da Torre de Babel.

Tem sido nesta confusão de linguagem que se encobre o ferrete de 48 anos de «estabilidade» fascista, de mentira social, de falsa ordem, onde se gerou uma guerra colonial, onde se instalou o analfabetismo, a desprofissionalização, a doença, a mortalidade infantil, a fome, a degradação das habitações, o desrespeito pelo trabalho, o elitismo da cultura e o que é pior de tudo, a morte cívica das populações, sem estruturas de participação, de intervenção e acossadas pela polícia política.

Neste contexto surgiram não só as esperanças floridas de Abril, que alguns querem ver murchar, mas as **esperas** firmes de um povo que escolheu e confirmou as suas escolhas.

Expressão máxima dessa determinação são os pés, serenamente fincados na terra, dos camponeses alentejanos, enquanto, na maior parte dos casos, são distribuídas, aos agrários, com as reservas, a insegurança e a posse de terras que se esvaziam nas suas mãos, porque sem significado, porque fora de todas as esperas sociais e fora de um contexto histórico.

São as esperas firmes, que nasceram com os capitães de Abril, que geram o desespero daqueles que esperavam, com o tempo, ir disfarçando as conquistas de um povo e diluindo a própria Constituição; tudo isto em nome da «democracia», do «humanismo», do «humanismo personalista», orquestrados com uma ostentação: anti-socialista, anticomunista, antigonçalvista...

Começa de facto a ser incómodo para os «humanistas-per-

Continua na pág. 4

A OITO DIAS DE VISTA

O que se pede a Belém é realmente excessivo. Pede-se àquele velho casarão sem grandeza que seja laboratório de transformação de homens, ideias e coisas.

Pede-se a um militar jovem, sem experiência dos grandes comandos e das grandes complicações políticas, que em matéria militar dite a última palavra e para o mundo civil lance as pérolas dos seus pensamentos e que com as soluções que descortina nos deslumbre.

Pede-se-lhe que ouvindo os partidos desavindos trace a política justa para este «Portugal em mudança». E esquecem-os que tanto exigem, os que pedem a um simples cidadão que alguns deles elegeram a Terra e o Céu – que da própria natureza deste período de transição são as dificuldades em que nos debatemos e as contradições em que nos vemos envolvidos.

O discurso? Mas que poderá dizer-nos de novo e de útil o cidadão nosso compatriota, o militar com celeridade promovido às quatro estrelas, o Presidente **de todos** que **só alguns** elegeram?

E que, justamente, – não será impertinente recordá-lo – foi eleito com votos (e o apoio veemente) de homens e de facções que hoje desceram a terreiro para o contestar política e pessoalmente. Tendo-se zangado com o Partido Socialista (é a voz corrente) e não tendo conseguido conservar o apoio do PSD (como as palavras e os factos demonstram), o general Ramalho Eanes está desafiado a tomar decisões que poderão não ter apoio maioritário, coerente e estável. O «caso Mota Pinto» – ou seja a confiança dada a um Governo constitucional que não tem condições para funcionar no quadro institucional pela Constituição estabelecido – aí está a marcar o abismo entre as «intenções salvadoras» (dos corredores, antecâmaras e gabinetes) e a realidade nacional.

Os ataques ao Presidente, visando a política externa em que se tem mostrado empenhado, assinalam o despeito de uma «direita» obsecada pelo restauracionismo neocolonialista e que não se encanta com o desanuviamento internacional. Para a «direita», Ramalho Eanes é o homem que quer dialogar com as jovens Nações Africanas, que defende a diversificação das relações externas, embora sem prejuizo das alianças tradicionais, que interpretou e cita a Acta Final de Helsínquia.

Para a «direita», Ramalho Eanes é, também, o homem que elogiou (!?) o Partido Comunista. Singular acusação essa que traduz, o amargo desencanto, a irritação de uma «contra-revolução» que ficou a meio caminho, que, na realidade, foi detida de armas na mão e não só pelas palavras corajosas do Conselheiro da Revolução Ernesto Melo Antunes.

A «direita militar» não foi tão longe, como quis ir, em 25 de Novembro. A «direita civil», essa já se definiu, e polemicamente, em relação ao Presidente Ramalho Eanes, essa não esconde que este não é **o seu homem.**

E, por outro lado, é cada vez mais claro que os que apelam para o Presidente e quantos o incluem nos seus projectos, como elemento motor ou acessório, pretendem prevalecer-se, mais do «prestígio da função» e do «poder real» que lhe é inerente, do que da qualidade humana, intelectual e política do militar-cidadão. Não é António Ramalho Eanes que lhes interessa. Uns fazem contas às estrelas do general. Outros avaliam a capacidade de intervenção do Presidente. Mas – bem vistas as coisas – o «campo presidencialista» restringe-se, e restringe-se na medida em que são mais numerosos, e mais ardilosos, os que sorrindo ou de semblante carregado, pretendem instrumentalizar o Presidente.

Dizem-nos que o cidadão Ramalho Eanes está consciente dos escolhos que se oferecem à navegação presidencial e contra as sereias prevenido. Mas não o vemos, a oito dias de um discurso que não tem qualquer obrigação de ser excelente e decisivo, de ser forte e inovador, tentar penetrar o jogo partidário com ferramentas mais finas e levar mais longe, do que o conjecturalismo tecnocrático e pseudo-sociológico, a análise concreta da situação concreta.

Nenhum **discurso** romperá o «cerco» das nossas dificuldades e contradições. Os que esperam **o discurso** e tudo de **um discurso** esperam, do **discurso** e da sorte desesperarão.

Estamos perante um quadro político conhecido. Reduzidas «as novidades» em perspectiva. A «mobilidade do eleitorado» é relativa. As grandes «deslocações de voto» e as grandes «erosões partidárias», não darão mais frutos. O Partido Socialista já perdeu o que tinha que perder (dizem-nos que entrou já numa fase de recuperação) e o Partido Social-Democrata teve a cisão que foi além do que se pretendia (e que não descerá da cúpula às bases com igual força fraccionária). A Frente Eleitoral do CDS é uma agónica tentativa de reflutuação política. O MIRN agoniza. O PDC é repelido pelo CDS. A «direita que sempre foi direita» procura líder e reimprime «certidões de óbito». Um cadáver político não volta à circulação porque, insultando as instituições e os homens, se imprime um retrato que mais do que uma saudade triste significa uma provocação gritante.

A «linguagem da direita» já não é uma «linguagem política» contestatária e polémica, é um apelo insurreccional ou um vómito. E não poupa Ramalho Eanes.

A «linguagem do Governo» pode recortar-se em textos e trechos que circularam antes de 25 de Abril. E compromete Ramalho Eanes.

E o **discurso?** Desesperem os que esperam o apelo à aventura, o salto no espaço, no vazio. E desesperem os que esperam as soluções que –sem homens salvadores– só a Democracia livre (não tutelada), coerente, estabilizada, progressista, participada pelos trabalhadores e pelos criadores (intelectuais e técnicos) pode garantir. O verdadeiro **discurso** é o teu. É o do Povo que produz, sonha e cria.

FFH e Câmaras vão fixar preços de rendas de casa

O Fundo de Fomento da Habitação e as Câmaras Municipais vão passar a fixar o preço das rendas de casa – determina a portaria 187/79 da Secretaria de Estado da Habitação, inserta no «Diário da República» de ontem.

A portaria atribui às Câmaras Municipais que possuam serviços de habitação competência para fixar a renda das casas de renda limitada, tendo em conta a área bruta de cada fogo, o custo da construção por metro quadrado de área bruta e um acréscimo máximo de 38 por cento sobre o quantitativo que resultar do produto área bruta pelo custo da construção, acrescido de uma taxa de capitalização de sete por cento.

Nas Câmaras Municipais que não disponham de serviços de habitação será o Fundo de Fomento da Habitação a fixar as respectivas rendas.

Câmara de Albufeira cancela obras por falta de verbas

A Câmara Municipal de Albufeira poderá cancelar as obras em curso por não possuir «verbas para os meros actos de gestão corrente».

Vieira Xufre, presidente deste município, disse à ANOP que entre as obras em curso que podem vir a paralisar figuram as da estação de tratamento de esgotos, novos furos de captação de águas e conservação de estradas e caminhos, obras que, disse, terão reflexo na imagem turística da próxima época.

Vieira Xufre acrescentou que os empreiteiros já ameaçaram paralisar as obras uma vez que não recebem verbas em atraso. Esta situação, que levou a Câmara a assinar «declarações de dívidas de mais de quatro mil contos», foi exposta ao director-geral da Administração regional e local.

Vitorino Nemésio homenageado

PORTO, 18 – «Simultaneamente tão conhecido de todos nós e ao mesmo tempo tão ignorado», como afirmou Norberto Lopes ontem à noite nesta cidade, Vitorino Nemésio foi evocado pouco depois de decorrido um ano sobre a sua morte, na primeira sessão do Congresso Livreiro, a que presidiu o secretário de Estado da Cultura, David Mourão Ferreira. Promovido pela Livraria Bertrand, o congresso registou na sessão de ontem, no Clube da Boavista, a participação de muito público, nomeadamente ligado ao sector livreiro e editor, tendo Mourão Ferreira e a filha de Vitorino Nemésio falado, respectivamente, do significado ímpar do grande escritor açoriano na cultura portuguesa e da sua personalidade no convívio com as pessoas e na sua capacidade de comunicar com aqueles que o rodeavam.

As esperas sociais de Abril

Continuação da pág. 3

sonalistas-democráticos», o olhar firme dos partidos coerentes, como até o daquelas pessoas, independentes de partidos, que pautam a sua conduta pelas **esperas sociais de Abril** a que se vincularam, enquanto que eles, tão cuidadosos do Homem, tropeçam uns nos outros e se afogam em interesses pessoais e partidários.

Jeremias disse: «todos os que Te abandonaram, cairão em confusão!»

A verdade exige **presença** clara, embora a mão se possa estender ao que está **presente** do outro lado.

A confusão já se torna em ansiedade e assistimos à tentativa vária de canalização dos «apartidários», como se eles fossem o potencial suspenso que vai salvar a Pátria. Eleitos, do tal código de valores artesanais, geram em si os próprios comportamentos, cegos e surdos à realidade social, que, por seu lado, os não reconhece.

O actual governo dá o exemplo: liberto de qualquer marca partidária, liberto de qualquer ideologia, puro como Vénus que nasce das ondas, sem mácula, autoassegura-se todos os direitos e todos os poderes messiânicos.

O actual governo é uma lição em que cumpre meditar: a desresponsabilidade social levou-o à incapacidade para o diálogo, à ineficácia, ao vazio do discurso, à separação total entre ele e o país que «governa».

As teimas já ridículas do tecto salarial dos 18%, da lei das finanças locais, do imposto sobre o 13.º mês, lembram o personagem da fábula francesa que, por ter roubado carneiros (a coincidência é pouco delicada, mas a fábula existe), a conselho do advogado, se remete em julgamento a responder apenas: mé... mé... mé, a qualquer pergunta que o juiz lhe faça.

«Mais, revenons à nos moutons...!» Será que no meio de tanta austeridade, não foi orçamentado o tempo que perdemos como povo, que deseja cumprir-se?

Bestiário & Adjacentes

Continuação da pág. 2

lógica. Tamto o Fúrias, como o Malmequer, o Marradas, o Marreiro, esses e os outros, sempre foram assinalados por permanecerem fiéis aos doces ideais da juventude. Sobretudo o Marradas e o Marreiro. Indefectíveis.

Tempo foi varando o tempo; eis a verdade que, entre o berro da birra do Fúrias e o aparecimento do jornal desejado houve o espaço de algumas dilacerantes questões sobre o título a escolher, a designar, a dar. «A Latrina», sugeriu o Fúrias, inspirado, certamente, nas suas esforçadas angústias matinais. Malmequer, mais propenso ao vernáculo, ciciou, com forte sotaque insular: «A Cloaca»; Lopes Marreiro, viciado, vicioso, «A Grande Fita». Marradas, prudente, «A Soalheira». Desconhece-se, até agora, o autor do baptismo definitivo, consagratório:

«O Beco».

Sem saída – como todos os becos. Haja fúrias ou lamúrias – sem saída, sem saída...

Sendim e Tourém disputam posto fronteiriço

As freguesias de Sendim e Tourem, do concelho de Montalegre, disputam entre si a localização de um posto fronteiriço com a Espanha, cuja abertura foi recentemente determinada pelo Governo.

A freguesia de Sendim argumenta que a sua população possui uma identidade de cultura com a da vizinha Espanha, para além de existirem características geográficas idênticas.

Com a localização em Sendim daquele posto, segundo a respectiva Junta, serão servidos cerca de cem mil habitantes, portugueses e espanhóis.

Por sua vez, a Junta de Freguesia de Tourem, na exposição em que reivindica o mesmo posto, afirma que existe já uma estraga a ligar Tourem a Orense (Espanha), havendo camionetas de passageiros que permitem aos doentes daquela freguesia serem assistidos no país vizinho.

Segundo a mesma exposição, doze aldeias fronteiriças de Espanha defendem igualmente a bertura daquele posto em Tourem.

Nova feira para Custóias

PORTO, 18 – Tendo já adquirido o terreno necessário para o empreendimento (mais de 35 mil metros quadrados), a Junta de Freguesia de Custoias (Matosinhos), prepara-se agora para avançar com a construção de um complexo que inclui um novo recinto para a feira, um infantário-creche e um pavilhão gimnodesportivo, segundo foi ontem anunciado no decorrer de uma conferência de Imprensa.

De acordo com um elemento da Junta, a concretização deste projecto irá «colmatar imensas dificuldades que, desde há muito, vêm entravando o progresso e prejudicando a vivência social».

No espaço reservado à feira, que ficará com uma extensão três vezes superior à actual, será construído um parque infantil.

Delegação dos Baldios nos orgãos de soberania

Uma delegação do Secretariado Permanente da Conferência dos Baldios do Norte e Centro deverá ser recebida, hoje, no MAP, Presidência da República e Assembleia da República.

As audiências destinam-se a entregar aquelas entidades as conclusões da Conferência dos Baldios do Norte e Centro, realizada no passad dia 18 de Fevereiro, em Vila Real.

Juiz do Porto admoesta guarda da PSP

Um juiz do Tribunal de Polícia do Porto reprovou abertamente o comportamento de um guarda da PSP que agrediu duramente o motorista de um táxi, Serafim Magalhães, de 36 anos, prendendo-o e participando dele.

O juiz disse ao guarda que bem podia agradecer ao taxista por este não querer proceder criminalmente contra ele.

COMERCIANTES DE ALMADA CONTRA PRIVILÉGIOS AO "PÃO DE AÇUCAR"

"Ao Governo cabe reprimir e não fomentar os monopólios"

A revogação da decisão governamental de permitir a abertura do Pão de Açúcar nos sábados à tarde, reafirmando «à equipa Mota Pinto que não lhe cabe fomentar mas sim reprimir a formação de monopólios», foi um dos pontos da moção aprovada durante a última reunião dos pequenos e médios comerciantes do concelho de Almada, realizada na Incrível Almadense.

Os comerciantes decidiram ainda nomear uma comissão, constituída por dez elementos, encarregada de preparar um próximo encontro, onde serão discutidos em profundidade os principais problemas que afectam o sector.

Os participantes na reunião, que exigiram ao Governo o «respeito pela Constituição», distribuíram um manifesto da Assembleia Popular do Concelho de Almada (APCA), em que se afirma que «unir os pequenos e médios comerciantes do concelho é condição indispensável para a defesa dos seus legítimos interesses, para a defesa do pão e da dignidade de largas centenas de empresários e dos milhares de operários e empregados com quem trabalham».

Jornadas de emigração vão realizar-se em Vila Real

VILA REAL, 18 – As primeiras jornadas de emigração e desenvolvimento regional vão realizar-se nesta cidade integradas nas comemorações do Dia de Portugal e das Comunidades. O encontro terá lugar nos dias 8 e 9 de Junho.

Um dos objectivos destas jornadas visa a reflexão sobre a problemática da emigração no que ela contribuiu para o subdesenvolvimento regional e, simultaneamente, no que ela pode contribuir para o desenvolvimento das diversas regiões.

As jornadas constarão da apresentação de dez temas a cargo da vida económica e política nacional. Estarão presentes os responsáveis governamentais do sector de emigração e do planeamento e ainda representantes das principais instituições de crédito.

Segundo um elemento da organização, estas jornadas devem proporcionar propostas concretas para o desenvolvimento regional apoiado pela emigração, em termos de investimentos industriais, ligados à transformação da agricultura pecuária e extracção mineira.

Quatro dias em Lisboa para 600 crianças transmontanas

Seiscentas crianças do distrito de Vila Real jantarão, em Lisboa, com o Presidente da República, por ocasião de uma visita de quatro dias à capital portuguesa. A visita integra-se nas comemorações do Dia de Portugal e das Comunidades.

As seis centenas de crianças do ensino primário dos 14 concelhos do distrito de Vila Real viajarão até Lisboa num comboio especial.

O presidente da Câmara de Vila Real, Armando Moreira, declarou à ANOP que o executivo local das comemorações do «Dia de Portugal» providenciará para que as 600 crianças sejam escolhidas entre as de famílias mais pobres do distrito.

Tribunal de "campanha" em Peniche

PENICHE, 18 – No decorrer da última reunião da Assembleia Municipal, o que aconteceu após um interregno de três meses, foi decidido adquirir um edifício destinado à instalação provisória do tribunal desta comarca.

Outras deliberações: aprovação do novo regulamento da venda ambulante no concelho de Peniche e a concessão do direito de superfície a cooperativas sobre lotes de terreno da zona industrial da Pragueira.

AIC "Salão Juventus 79"

Vai realizar-se, na Feira Internacional de Lisboa, o «Salão Juventus 79», que tem por objectivo mobilizar as camadas juvenis e os adultos em torno do Ano Internacional da Criança.

Durante dez dias (de 17 de Abril a 6 de Maio) realizar-se-ão torneios desportivos, manifestações culturais, uma campanha de educação alimentar e também a promoção dos sectores industriais do País directamente ligados aos produtos e equipamentos próprios para a criança e os jovens.

Estão programadas visitas ao certame de cerca de 15 mil crianças, de diversas escolas do País, em grupos de trinta alunos acompanhados de um professor de cada estabelecimento de ensino.

AGRICULTORES DE BELMONTE

Agricultores do concelho de Belmonte apresentaram, em plenário, que teve lugar no passado dia 8, na Casa do Povo de Caria, algumas reclamações que se prendem com as dificuldades sentidas pela lavoura.

Uma delas é o pagamento do leite atrasado em dois e três meses. Decidiram, por isso, dar um prazo de 15 dias à empresa devedora – a Martins & Rebelo – para esta cumprir as suas obrigações. Se entretanto não obtiverem resposta, os produtores afirmam-se na disposição «de tomar outras medidas».

Os agricultores reivindicaram, ainda, o congelamento dos preços dos factores de produção, tendo em conta os constantes aumentos dos combustíveis, pesticidas, rações, sementes e adubos.

EM MAIO

Pescadores portugueses na Mauritânia

Uma frota pesqueira portuguesa poderá recomeçar a pescar nas águas da Mauritânia, a partir dos primeiros dias do mês de Maio, segundo declarou à ANOP, Guinot dos Santos, director da produção da Companhia Portuguesa de Pescas e Sociedade Nacional de Armadores de Pesca e Arrasto (CPP-SNAPA).

Segundo a mesma fonte, a partida de 22 arrastões para a Mauritânia está pendente da licença de pesca emitida pelas autoridades marítimas daquele país.

A frota de arrasto na Mauritânia (Cabo Branco) está paralisada desde 15 de Junho do ano passado, data em que caducaram as licenças de pesca nesta região.

A frota está a ultimar os preparativos para a partida, nomeadamente a reconstituição das tripulações e operações de apetrechamento.

O acordo entretanto celebrado entre Portugal e a Mauritânia, respeitante a este ano, permite à nossa frota inscrever 22 arrastões com a arqueação bruta de 10 mil toneladas.

O acordo prevê ainda o embarque de 5 marinheiros da Mauritânia em cada pesqueiro português.

PESCADORES PORTUGUESES NA GUINÉ-BISSAU

Com um bom carregamento de peixe, chegaram a Portugal, vindos das zonas de pesca da Guiné-Bissau, três dos quatro arrastões congeladores portugueses.

Um informador da Companhia Portuguesa de Pescas disse que «um melhor conhecimento dos pescadores portugueses dos pesqueiros da Guiné-Bissau» permitir-lhes-á uma «maior e melhor captura e qualidade de peixe, muito especialmente o pargo».

O peixe chegado vai ser descarregado para a Comissão Reguladora do Comércio do Bacalhau.

EM PONTA DELGADA

Pessoal troca delegação do INE por melhores colocações

A delegação de Ponta Delgada do Instituto Nacional de Estatística (INE) passou a encerrar ao público durante a manhã, devido à carência de pessoal.

Há alguns meses que diversos funcionários da delegação têm vindo a ingressar noutros serviços, nomeadamente instituições bancárias e departamentos do Governo Regional, onde lhes são oferecidas categorias profissionais mais elevadas e remunerações superiores às praticadas no INE.

Apesar de ter sido consultado o Quadro Geral de Adidos e realizado um concurso no ano passado e outro no corrente ano, a delegação do INE de Ponta Delgada está impedida de ter ao seu serviço o pessoal em falta devido à ausência do despacho ministerial correspondente.

A delegação, que labora cerca de 80 por cento das informações estatísticas dos Açores, tem ao seu serviço somente cinco funcionários, contra o total de 17 das delegações da Horta e de Angra do Heroísmo, que laboram no seu conjunto 20 por cento das estatísticas da região.

O encerramento dos serviços durante a manhã manter-se-á enquanto se não verificarem alterações à presente situação.

Diplomacia de Mota Pinto fracassa também em Espanha

MADRID, 18 (do nosso correspondente Fernando Jauregui) – A visita do ministro português dos Negócios Estrangeiros, Freitas Cruz, a Espanha, foi saudada por alguns diários, como o influente «El País», com informações que falavam do «longo sono» das relações entre ambos os países. Na realidade, o único passo concreto que se deu no primeiro dia da visita de Freitas Cruz a Madrid foi o anúncio de que, daqui para o futuro, não será preciso o uso do passaporte para passar de Portugal a Espanha e vice-versa. Este acordo que já tinha sido largamente anunciado e que entrará em vigor em meados de Junho, supõe que se poderá transitar entre ambos os países, por um período de 90 dias, apenas com o bilhete de identidade.

Os espanhóis culpavam até agora os portugueses de não facilitarem esta supressão do passaporte, alegando que Lisboa desejava controlar a saída de emigrantes ilegais e de quantidades de dinheiro superiores às permitidas.

O resto do dia de ontem foi pura fachada diplomática: a constituição do Conselho de Cooperação hispano-português consistiu num acto simples, no Palácio de Santa Cruz, presidido pelo ministro português e pelo seu colega espanhol, Marcelino Oreja.

Ainda é cedo para saber o alcance que terá este Conselho, cuja missão será a de vigiar o cumprimento do tratado de amizade e cooperação firmado em Novembro de 1977. Este tratado foi, até agora, quase letra morta e, em consequência, é presumível que o recém estreado Conselho seja mais um bom desejo entre diplomatas que uma realidade frutífera.

Freitas Cruz negou repetidamente que as relações hispano-portugueses estivessem, congeladas, ainda que evitasse, a todo o momento, entrar em detalhes com os jornalistas. «Não me vão pedir agora que discuta convosco todos os pontos das relações com a Espanha», disse.

Este silêncio sobre pontos concretos foi a constante do dia de ontem. A má informação contribuiu notavelmente para a desastrosa organização do serviço de Imprensa montado pela Embaixada portuguesa em Madrid, chefiada por Victor Cunha Rego.

O ministro português discutirá durante estes dias com o seu homólogo espanhol, os «pontos quentes» existentes nas relações entre ambos os países especialmente a pesca, já que o acordo, firmado apenas há três meses, não satisfaz nem os pescadores espanhóis nem os portugueses. Os dois ministros negaram que o acordo vá a ser reexaminado, ainda que fontes diplomáticas admitam que irão ser estudados «pontos concretos» do tema pesca.

Membros da delegação portuguesa que acompanha Freitas Cruz discutiram também o acordo pendente da assinatura entre a Espanha e Portugal no âmbito da EFTA. Não parece, contudo, que este acordo venha a realizar-se a curto prazo. Fontes espanholas disseram ontem que Lisboa teme conceder ainda mais vantagens comerciais a Espanha, quando a balança de pagamentos é tão claramente desfavorável ao lado português (Portugal absorve 2,8 por cento dos investimentos directos espanhóis no estrangeiro).

Tão-pouco parece que venham a registar-se avanços consideráveis em outros temas pendentes, como a construção de centrais nucleares espanholas perto da fronteira portuguesa ou a intensificação de acordos culturais. Nem sequer temas mínimos, mas importantes, como o estabelecimento dum vôo regular da TAP entre Lisboa e Barcelona, conseguiram ficar resolvidos entre os dois países.

O próprio Freitas Cruz deu a entender, à sua chegada ao aeroporto de Barajas, que ninguém deve esperar coisas espectaculares da sua visita. Todo este clima criou um certo cepticismo nos meios diplomáticos e comerciais que rodeiam a visita de Freitas Cruz a Espanha. Nos corredores do Palácio de Santa Cruz – sede do ministério espanhol dos Negócios Estrangeiros –, comentava-se, inclusivamente, como era possível negociar algo «com o representante de um Governo que está numa posição tão débil como o de Mota Pinto». O ministro português foi recebido esta manhã, no Palácio da Zarzuela pelo rei Juan Carlos. A visita, foi considerada, nos meios diplomáticos, como um gesto de cortesia.

A viagem de Freitas Cruz terminará amanhã, sem um comunicado oficial e, o que parece mais grave, sem uma conferência de Imprensa. Pelo menos os responsáveis da Embaixada portuguesa pareciam hoje poucos desejosos de a organizar.

As delegações do CDS e do PCP que ontem estiveram em Belém apenas acordaram num ponto — a viabilidade de uma nova consulta ao eleitorado a realizar ainda este ano

AO GARANTIR O APOIO DAS SECÇÕES
Sá Carneiro dá resposta aos sindicalistas contestatários

Sá Carneiro acaba de dar resposta á dissidência (ou ameaça de dissidência) dos 26 sindicalistas do PSD-UGT. Esta vem sob a forma de um comunicado em que 12 secções socioprofissionais sociais-democratas (as mais importantes do sector) reafirmam o seu apoio «ao sentido de voto na Assembleia de República definido pelo Conselho Político Nacional, face ao Orçamento Geral do Estado e ao Plano». Assinam o comunicado as secções socioprofissionais dos bancários, Caixa Geral de Depósitos, CTT/TLP, escritórios, EDP, material eléctrico e electrónico, professores, sector automóvel, seguros, TAP, teatro e Quimigal.

O comunicado rejeita «a atitude assumida pelos subscritores do documento» dos 26, cuja atitude condena, bem como «a utilização pública de documentos de pressão contra órgãos do partido democraticamente eleitos». Além do apoio implícito à actual Comissão Política, o documento reafirma ainda a «confiança» dos signatários na direcção do «Povo Livre», que era contestada pelos 26. Exige, finalmente, que o presidente e a Comissão Política «não aceitem posições assumidas por grupos de pressão que não respeitam o definido estatutariamente pelo órgão máximo do PSD e desrespeitam a vontade maioritária das suas bases trabalhadoras».

Este documento pressagia uma atitude de força de Sá Carneiro e da Comissão Política face aos 26 sindicalistas, entre os quais se contam alguns dirigentes da UGT, que poderão abandonar o PSD proximamente.

Ramalho Eanes conclui audiência com os partidos

O Presidente da República terminou esta manhã em Belém a ronda de audiências aos partidos políticos com grupo parlamentar, esperando-se que dentro em breve sejam marcadas as audiências com os parceiros sociais – centrais sindicais e confederações patronais. De manhã estiveram na Presidência da República representações do Partido Socialista e do Partido Social-Democrata, depois de ontem se terem avistado com o general Ramalho Eanes dirigentes do PCP e do CDS.

Álvaro Cunhal, depois de mais de duas horas de conversações com Eanes, considerou a reunião como «visita normal» e «positiva», adiantando a seguir que o actual Governo não está em condições de resolver os problemas nacionais.

Como alternativa, o PCP propõe a formação de um governo democrático ou uma consulta ao eleitorado.

O secretário-geral do PCP, que se encontrava acompanhado por Carlos Brito e Joaquim Gomes, reafirmou ainda a possibilidade de ser apresentada pelo PCP uma moção de censura ao Governo, depois de considerar «muitos factores».

Pronunciando-se sobre o papel do Presidente da República na cena política portuguesa, Cunhal salientou que o PCP continua a «entender que a sua estabilidade é fundamental para a democracia».

No encontro de Ramalho Eanes com os centristas, os temas de debate foram a possibilidade de eleições intercalares e a «Frente Democrática Eleitoral».

Amaro da Costa, que estava acompanhado por basílio Horata e Luís Barbosa, garantiu no entanto que o CDS continuava a manter o seu apoio crítico ao actual Governo, denunciando ao mesmo tempo o facto de a Assembleia da República estar a intervir em matérias tradicionalmente reservadas à acção do Executivo.

Pronunciando-se sobre a convocação de eleições intercalares, o vice-presidente do CDS, declarou que a composição da actual Assembleia da República é «distorcida» pelo que o seu partido não se opõe à hipótese de novas eleições, em Setembro ou Outubro.

A TAP não tinha bilhete para Freitas da Cruz

MADRID, 18 (do nosso correspondente Fernando Jauregui) – A TAP colocou o ministro, Freitas Cruz, em viagem oficial a Madrid,na lista de espera. Não havia bilhetes para o ministro. Nem para o ida nem para o regresso. Em consequência, Freitas Cruz viu-se obrigado a empreender a sua visita oficial a bordo de um avião norte-americano da TWA, pese às directrizes emandas pela administração, que estabeleceu que os funcionários portugueses devem viajar a bordo de aviões da TAP.

O que é que ocorrera? Simplesmente, o encarregado de reservar os bilhetes do voo para Madrid esqueceu-se de que se tratava do ministro dos Negócios Estrangeiros. Assim a TAP colocou o «senhor Freitas Cruz» na lista de espera.

Houve um certo sobressalto, quando se anunciou que o ministro viajaria na TWA, atrasando, em mais de uma hora e meia, o programa oficial da sua visita a Espanha.

À última da hora, misteriosamente, a TAP conseguiu encontrar um bilhete para que Freitas Cruz possa regressar via linhas aéreas portuguesas e não via TWA, como parecia inevitável. Quem é culpado por este «lapso»?

Aliás, há que sublinhar que Freitas Cruz não causou uma grande impressão entre os jornalistas espanhóis.A sua simpatia viu-se contrabalançada pelo seu evidante desejo de não responder a perguntas. Quando foi obrigado a faze-lo, como à sua chegada ao aeroporto de Barajas, monstrou-se evasivo e genérico, assegurando que «não existem problemas entre Portugal e Espanha»,acrescentando, contudo, de imediato, que «os pequenos problemas existentes entre ambos os países serão fácil e prontamente sanados».

À noite durante o jantar oficial, ambos os ministros pronunciaram discursos destacando a necessidade de uma cooperação mútua. Oreja pediu «uma actuação conjunta face a uma Europa unida». Freitas Cruz assinalou que «a Península Ibérica é vital para o futuro da Europa».

As palavras de ambos os ministros, disseram observadores diplomáticos que participaram no jantar, evidenciam um claro desejo de seguirem juntos até ao ingresso dos dois países na Comunidade Económica Europeia.

Mais quatro portugueses libertados em Moçambique

Quatro cidadãos portugueses que se encontravam presos na República Popular de Moçambique foram libertados pelas autoridades daquele país e regressaram já a Lisboa. O Consulado de Portugal no Maputo informou tratar-se de Augusto e Abel Macieira Neves e João Nunes Ramos, que se encontravam detidos no quartel da Machava, e António Barroja de Castro, que esteve na cadeia civil do Maputo. A entrega dos prisioneiros foi feita esta manhã no aeroporto de Mavalane, na presença do cônsul-geral de Portugal, Melo Gouveia.

A libertação destes quatro prisioneiros, como aliás já acontecera com a libertação de outros quatro portugueses, na semana passada,deve-se à intervenção do major Melo Antunes, do Conselho da Revolução, que visitou, no mês passado o Maputo, como representante do Presidente da República. A libertação de portugueses detidos em Moçambique deve ser vista como um acto de boa vontade em relação a Portugal, de parte das autoridades de Moçambique, mesmo depois da ruptura das negociações tendentes a resolver o contencioso económico-financeiro entre os dois países, ruptura de que parece ter sido respondável o ministro da Indústria Álvaro Barreto, que chefiava a delegação portuguesa.

Luipe & Luipe
A SUA CAMISA D'HOMEM LINHA ITALIANA
ENCONTRE-A NAS MELHORES DO PAÍS

BANCO DA PRIMAVERA
VALIDO ATÉ 30 DE ABRIL DE 1979 Série R N.º 1974
Pague-se por este cheque ao Portador
a quantia de DOIS MIL ESCUDOS na aquisição de um(a) Frigorífico, congelador, máquinas de lavar roupa ou loiça e mobiliário
Esc. = 2.000$00
RADIO PRIMAVERA, ELECTRODOMESTICOS, LDA.
Rua Gomes Freire, 6-B — LISBOA — Telefs. 57 10 42-34 94 06

ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA ASSEMBLEIA DA RE

Comissão vai refrear o MAP

• PS opõe-se à desnacionalização de "O Século"

e apresenta projecto de estatuto da RDP

Com abstenções de centristas e sociais-democratas e votos favoráveis do PS, PCP e deputados independentes (incluindo os que recentemente abandonaram o PSD), a Assembleia da República aprovou ontem, na generalidade, o projecto de lei que cria a Comissão de Apreciação dos Actos do Ministério da Agricultura e Pescas, prevista na Lei de Bases da Reforma Agrária. Essa comissão será composta por cinco membros, a eleger pelo Parlamento.

Sobre o projecto, que entretanto baixou à respectiva comissão parlamentar, onde por certo não faltará quem tente introduzir-lhe alterações na especialidade com o fito de «endireitá-lo», o deputado Carvalho Cardoso, do CDS, apressou-se a dar conta das suas preocupações, manifestando-se no sentido de que a comissão a criar se confine a um mero papel «consultivo» e não possa alterar decisões do MAP (embora possa desaprová-las).

O que o sr. Carvalho Cardoso quer também o deseja o sr. José Vitorino (PSD), isto é, que a comissão a criar «não amplie os conflitos entre o Governo e o Parlamento» nem sirva eventualmente de «travagem» à entrega de reservas (nos moldes «generosos» e marciais que têm conferido ao MAP a sua marca de estilo).

Enfim, se bem os entendi, os deputados da ala direita pretendem que a nova comissão não perturbe o livre alvedrio do sr. Vaz Portugal, deixando-o pelo menos tão desamarrado como está o sr. Proença de Carvalho, apesar das críticas dos Conselhos de Informação. Veremos se o conseguirão.

É pena, por outro lado, que o Parlamento só ano e meio depois da promulgação da chamada «Lei Barreto» tenha dado execução ao único perceito daquele diploma susceptível de pôr um freio aos poderes discricionários atribuídos ao ministro da Agricultura. Se em tempo útil tal dispositivo tivesse sido accionado, talvez se houvessem evitado muitos dos abusos de poder e ilegalidades caracterizadas que alguns, pudicamente, têm qualificado de «excessos» ou «incorrecções».

CONTROLO PARLAMENTAR DAS DESNACIONALIZAÇÕES

Para que não subsistam dúvidas quanto à irreversibilidade das nacionalizações e inviolabilidade do património das empresas públicas, vai o grupo parlamentar socialista, segundo anunciou ontem na Assembleia da República o deputado Dietter Dellinger, «tomar todas as medidas ao seu alcance».

O parlamentar do PS não especificou em que consistem essas medidas, mas presume-se que aludia à possibilidade de o seu partido vir a apresentar brevemente um projecto de lei propondo que as alienações de bens de empresas públicas só possam efectivar-se através de decreto-lei, e não por simples resolução do Conselho de Ministros (figura que escapa ao controlo parlamentar).

Assumindo a forma de decreto-lei, as decisões do Governo podem em qualquer altura ser anuladas pelo Parlamento, bastando que um partido ali representado requeira a sua ratificação na câmara legislativa.

A intervenção de Dietter Dellinger versou o caso da venda de «O Século», acto governamental que abre um perigoso precedente em matéria de desnacionalizações.

«A insólita e legal resolução n.º 90/79 de 14 de Março do Conselho de Ministros – diria o deputado socialista –, que autoriza a venda da totalidade dos bens da ex-Sociedade Nacional de Tipografia, vem pela primeira vez no Portugal democrático dar início a um processo de desnacionalização de uma empresa pública em manifesto desrespeito do artigo 83.º da Constituição, que consagra o carácter irreversível de todas as nacionalizações feitas depois do 25 de Abril de 1974. (...) Assim sendo, o Governo do prof. Mota Pinto coloca-se numa posição simultaneamente afrontosa da Constituição da República e desta Assembleia, que não lhe passou nenhum cheque em branco para proceder a desnacionalizações».

Dietter Dellinger, em nome do seu partido, avisou o Governo de que a pretendida desnacionalização passa pela cisão da Empresa Pública dos Jornais «Século» e «Popular» e que esta não é possível por simples resolução do Conselho de Ministros, já que o Decreto-Lei 260/76 de 8 de Abril, que define os estatutos das empresas públicas, refere claramente no número 3 do artigo 40 as condições a que devem obedecer os decretos que ordenem a cisão de empresas públicas.

A QUEM SERVE ESTA POLÍTICA

Os conceitos do actual Governo não são só originais e avançados em matéria de enquadramento legal da sua acção e da sua ideia de «Estado de direito», são-no também em política económica. Disso nos veio dar ontem conta o deputado comunista Carlos Carvalhas, ao recordar que a inflação tem sido um dos instrumentos centrais na reconstituição dos privilégios perdidos com o 25 de Abril, isto é, na aceleração da acumulação das multinacionais e do grande capital.

Onde se têm situado as principais causas da inflação nos últimos anos? Carlos Carvalhas explicou, citando os próprios documentos oficiais: nos rendimentos não salariais (lucros do grande capital) na desvalorização do escudo.

E é assim que se autorizam seis multinacionais farmacêuticas, por exemplo, a aumentar 290 medicamentos só no último trimestre de 1978 (alguns atingindo aumentos de 59 por cento) ou as duas empresas que lideram o mercado dos detregentes, como a Lever e a Colgate, a acrescer os seus preços, no mesmo período, em 15 por cento.

Os resultados estão à vista e traduzem claramente o que vale, a quem serve e ao que conduz a direita no poder: tomando por base os índices de 1976, a alimentação subiu 56,3 por cento, as bebidas 120,7, as frutas 78, o peixe 75,5, as carnes 61,7, o leite e os produtos lácteos 54,6, o «cabaz» 38, etc.

Para fazer o povo «engolir» uma política destas, era necessário tranformar a Informação estatizada num megafone gigantesco do Governo e dos sectores mais obscurantistas e reaccionários da sociedade portuguesa. Dito e feito. Só que, apesar da sua nascente arrogância, a direita ainda não conseguiu encontrar, mesmo beneficiando de grandes e numerosas cumplicidades no pântano onde se move, a força suficiente para ultrapassar certas balizas.

Na RDP, por exemplo, tudo leva a crer que vai acabar a desordem ali instaurada pelo sr. ministro da Comunicação Social. Com efeito, Arons de Carvalho (PS) fez ontem na Assembleia da República a apresentação formal de um projecto de estatutos para a Radiodifusão Portuguesa visando «salvaguardar a sua independência face ao Governo e à administração pública».

Esperemos que este projecto, o qual prevê que o Governo possa nomear apenas dois dos cinco membros do Conselho de Administração da empresa (com mandatos válidos por três anos), consiga devolver a RDP ao seu legítimo proprietário, que é o povo português.

ÀS TREVAS O QUE É DAS TREVAS

Que em Macedo de Cavaleiros haja quem idolatre Salazar não espanta: na Índia, há pessoas que adoram vacas, e nos EUA Belzebu é diariamente invocado em 90 igrejas. Enfim, ninguém tem nada com isso, é lá com os idólatras e com as suas possibilidades morais e culturais.

Mas o que já não podem é violar a lei, em nome da qual anda a ser espancada, em áreas mais arejadas (no Alentejo, por exemplo), tanta gente séria. Não podem, como ontem o lembrou Manuel Gusmão (PCP) em S. Bento, agir com agiu a Assembleia Municipal daquela vila da martirizada região transmontana, ao mudar o nome do Jardim 1.º de Maio para Jardim Salazar. Às trevas o que é das trevas e à luz o que é da luz.

Ainda no período antes da ordem do dia, a Assembleia aprovou, por unanimidade, um voto de pesar pelas vítimas dos sismos que atingiram a Jugoslávia e a Albânia, apresentado pelos deputados independentes ex-PS Brás Pinto, Vital Rodrigues e Lopes Cardoso.

E.S.

CENTRO HOSPITALAR DE COIMBRA

Até às 15.30 horas do dia 3 de Maio de 1979, aceitam-se propostas em carta fechada e lacrada para o seguinte material:

CONCURSO PÚBLICO N.º 79
MATERIAL DE ORTOPEDIA — I

As restantes condições estão patentes nos Serviços de Aprovisionamento — Hospital pediátrico — Av. Bissaia Barreto — COIMBRA.

Coimbra, 9 de Abril de 1979
O CHEFE DOS SERVIÇOS DE APROVISIONAMENTO

MOBÍLIAS USADAS

Vendo em conta, casas jantar e quartos, modernas, séc. XVII, Q. Anne, D. Maria, etc.
Rua Luís Pinto Moitinho, 7-R/C-Esq.º
(Defronte Igreja dos Anjos)

CURSOS

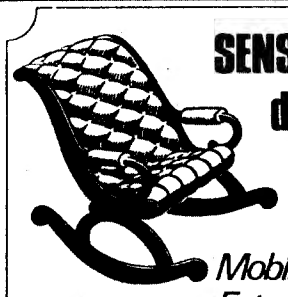
MECANOGRAFIA PERFURAÇÃO/VERIFICAÇÃO/ GRAVAÇÃO

Sistemas: IBM e UNIVAC
Início dos cursos: **20 Abril**

DACTILOGRAFIA
Início: todos os dias

Estágio grátis após os cursos
Informações e Matrículas no

EXTERNATO CONTINENTAL
Telef. 32 56 52 — R. do Arsenal 100 — 1.º



SENSACIONAIS DESCONTOS NA CAMPANHA de PROMOÇÃO da MAIUSCULA

Mobílias Império, Séc. XVII, Luis XVI e Modernas, Estantes, Maples e Sofás-camas em todos os modelos em pele e tecido

NÃO DEIXE DE VER OS NOSSOS SOFÁS-CAMAS EM PELE TIPO FRANCÊS

SEDE: Praça Paiva Couceiro, 1 Lisboa 1 Telefone 846839
SALÃO DE EXPOSIÇÃO: Rua Neves Ferreira, 4-A Telefone 824840

Pedro Coelho critica a política do Governo no sector das pescas

O deputado socialista Pedro Coelho, secretário de Estado das Pescas nos I e II Governos, criticou ontem com dureza a situação de discriminação vivida pelos cerca de mil trabalhadores da Gelmar que, apesar de terem um novo ACT continuam a receber pela antiga tabela, mantendo-se 25% deles com o salário mínimo nacional.

«A Gelmar, empresa nacionalizada em Julho de 1976, possui uma importante quota do mercado nacional do peixe congelado, rondando os 30%, é servida por uma boa rede de distribuição a nível de todo o continente e é credora de uma imagem de marca que nem a miopia dos recentes responsáveis pelo comércio interno conseguiu destruir.» Pedro Coelho referiu-se à lógica da nacionalização e garantiu que com ela se davam os primeiros passos para a optimização de utilização daquela empresa em relação às capturas do Alto e do Longinquo, no lançamento de novos produtos do mar e como poderoso instrumento regularizador do mercado quanto à disciplina dos preços e do combate eficaz à especulação e à corrupção, afinal cada vez mais reinantes no império das pescas e do comércio interno.

Pedro Coelho alertando para a justeza de lutas mais radicais que os trabalhadores da Gelmar venham a encetar na defesa do cumprimento do Acordo Colectivo de Trabalho, considerou ser neste momento um sacrilégio demonstrar a viabilidade de uma empresa pública e que tinha sido no intuito de impedir essa verificação que, premeditadamente, se impedira a reestruturação do sector pela sonegação dos instrumentos financeiros adequados.

O deputado socialista que dentro de dias abordará em entrevista concedida ao «DL» outros problemas relativos às Pescas, disse ainda na sessão parlamentar de ontem:

«É legítimo assim pensar pois o caris conservador, por vezes mesmo reaccionário, de tantas medidas que alguns desses responsáveis, e mais recentemente. o das Pescas, têm tomado, permite-nos supor que na sua óptica política, uma empresa pública apenas poderá ser uma muleta do capital privado, operando em áreas de duvidosa rentabilidade ou cujo volume de capitais exige a participação do Estado. Assim, uma Gelmar renovada e concorrencial, inimiga da especulação e defendendo o consumidor, senhora de um corpo de trabalhadores mobilizados para o trabalho, em tranquilidade e paz social, não cabe dentro da estreiteza conservadora dos espíritos que têm vindo a apropriar-se das estruturas do Poder, e dos quais o actual Governo é paradigma.»

SOARES NO REGRESSO DA AMÉRICA LATINA

"Estive a desintoxicar-me da política portuguesa"

«Embora legítimas, mas à margem dos partidos, o Governo de Mota Pinto, no meu ponto de vista, não serve» – afirmou esta manhã Mário Soares, no regresso de uma deslocação que o levou durante uma semana à América Latina (México e Colômbia), onde participou na comemoração do 1.º centenário do Partido Radical Chileno (no primeiro país) e na 1.ª Assembleia Política Continental da América Latina (na capital do segundo).

O secretário-geral do Partido Socialista eximiu-se a comentar no essencial a política portuguesa, a despeito de nesse sentido instado pelos jornalistas que o aguardavam no aeroporto da Portela. A propósito do Orçamento argumentou não dever pronunciar-se agora, pois «vou reunir, antes, com os meus camaradas e reservar a minha opinião para mais tarde».

Reafirmando noutro passo essa sua posição, acrescentou Mário Soares que durante estes últimos oito dias se estive «a desintoxicar da política portuguesa e mergulhado na problemática importante da América Latina», quer em Bogotá (como observador da Assembleia, juntamente com Felipe Gonzalez), quer na Cidade do México, onde além de participar na reunião dos vice-presidentes da Internacional Socialista e comemorações do PR chileno no exílio se encontrou com o presidente Lopez Portillo.

Acerca da divulgação do «Manifesto Reformador» que, sensivelmente à mesma hora, se processava num hotel de Lisboa, o secretário-geral do PS, em resposta à questão posta pelo repórter do «DL», adiantou que o leria «com algum interesse», considerando-o um «parto requentado e laborioso», pois há seis meses que vem sendo anunciado, e, a propósito da Frente Democrática Eeleitoral, dada a público na sua ausência, foi categórico: «É uma Frente de direita e o PS é um partido de esquerda».

UM LABORATÓRIO AO SERVIÇO DA COMUNIDADE

Tem 21 anos de existência a "muleta científica" da PJ

A prova testemunhal e circunstancial vai perdendo, pouco a pouco, a importância que lhe vem dos tempos da Inquisição, subsituída por conclusões de natureza científica. É assim que, desde há 21 anos e seguindo o exemplo das restantes organizações policiais europeias, a PJ conta com o Laboratório de Polícia Científica. A sua acção é positiva e está na base do esclarecimento de alguns complexos crimes.

A convite da Direcção da Polícia Judiciária, representantes dos órgãos de Comunicação Social visitaram o Laboratório de Polícia Científica, sendo ali recebidos pelo seu director, dr. Silva Santos. Depois de historiar o que tem sido o Laboratório, ele referiu-se à legislação que o criou e ao alargamento das suas funções, pois inicialmente destinava-se apenas a apoiar a Polícia Judiciária e já se encontra, hoje, ao serviço de outros organismos e instituições, como todos os Juízos, varas cíveis, Tribunais criminais e de outras naturezas, bem como departamentos vários dependentes de diferentes Ministérios.

São várias as matérias em que o Laboratório pode prestar uma colaboração efectiva, tendo para cada especialidade um técnico de formação universitária, com treino e aprendizagem obtidos no próprio Laboratório e a maioria com estágios efectuados no estrangeiro.

Devidamente apetrechado com instrumentos laboratoriais, desde os mais comuns aos mais sofisticados, procede a exames e análises sobre biologia, toxicologia, física-química, armas, munições e documentos, além de outros de difícil especificação.

Criado em 1958, o Laboratório tem vindo a desenvolver a sua actividade conforme as diferentes solicitações. Em função do aumento da criminalidade, mas também por os seus serviços terem vindo a ganhar cada vez mais aceitação por parte de diferentes organismos, o Laboratório vê aumentar os pedidos da sua intervenção, alargada a sua incumbência por decisão governamental.

Em 1965, houve uma fuga de técnicos do Laboratório, alguns já com muita experiência adquirida, fenómeno que se verificou em quase toda a Função Pública, devido aos baixos ordenados pagos pelo Estado, comparativamente aos praticados nas empresas particulares. Por esse motivo, o Laboratório, segundo o dr. Silva Santos, teve uma baixa de produtividade, deixando de poder responder com prontidão às solicitações recebidas.

Posteriormente, em 1976 e 1977, por motivos diferentes, foi «afogado» por uma quantidade de pedidos de exames a que não pôde responder convenientemente. A causa foi o aumento da criminalidade, associada a uma maior especialidade e complexidade dos crimes.

No entanto, permitida pelo Governo a duplicação do quatro técnico e passado o tempo de adaptação destes às especificações do serviço, foi possível dar vazão aos exames acumulados e passar a responder aos pedidos dentro de prazos curtos.

Segundo um mapa estatístico fornecido, podemos ver que em 1973 tendo sido recebidos 481 pedidos, foram realizados 568 exames, mas já em 1976 de 2150 recebidos apenas foram satisfeitos 1723 e, pior ainda, em 1977, para 2942 entrados, apenas 2541 foram realizados. Já em 1978 e apesar do aumento de pedidos ter atingido os 3213 foram terminados 3531, estando assim para breve a eliminação dos exames pendentes.

Pelo que nos foi dado observar, o laboratório apresenta-se com bom equipamento, embora em instalações evidentemente insuficientes. Aliás e ainda segundo o director, o edifício construído exclusivamente para a PJ não previa instalações para um laboratório, que nem sequer se pensava criar, acabando por ser «encaixado» o melhor que foi possível em salas projectadas para investigação e instrução.

Ainda segundo aquele técnico, o Laboratório não podendo dar resposta a todos os quesitos, pode, no entanto, aumentar a sua operacionalidade, assim os agentes ou organismos solicitantes saibam utilizar a capacidade efectiva do mesmo, sendo necessário que, quem pede a prestação de serviço, saiba definir exactamente o que pretende, saiba distinguir o que é possível e praticável do que não passa de fantasia e irrealismo.

Concluindo, o Laboratório da Polícia Científica, está apto a ser a «muleta científica» que uma Polícia do tipo da PJ necessita para o desempenho da sua missão de prevenção e repressão da criminalidade.

Empresa de pesca vai à falência

VIANA DO CASTELO, 18 – A empresa de pesca de Viana do Castelo está em risco de ir à falência, informou a sua Comissão de Trabalhadores, durante uma conferência de Imprensa convocada para dar a conhecer a dramática situação da empresa que, tinha sido intervencionada a pedido dos seus trabalhadores.

Ainda a pedido destes, o Governo aceitou transformar a empresa numa sociedade de economia mista, com capital maioritário do Estado.

No dia 19 do mês passado, porém, a Secretaria de Estado das Pescas comunicou aos trabalhadores que, devido à situação bastante deficitária da empresa, esta seria entregue aos accionistas.

Segundo a Comissão de Trabalhadores, o descalabro deve-se apenas à má gestão e à falta de apoio financeiro pela entidade gestora.

Mais dois barcos no Tejo a partir de 1980

A Empresa Pública de Transporte do Tejo (Transtejo) vai proceder a um reequipamento da frota a qual passará a contar com mais doze navios. A entrega das novas embarcações está prevista para o primeiro trimestre de 1980 embora este prazo esteja condicionado pelos problemas de importação de materiais e de construção.

O ano passado, 29 milhões de passageiros atravessaram o Tejo nos dois sentidos. Deste número, 53 por cento possuem passe social, enquanto os restantes 47 por cento viajam com bilhetes simples. Nas tentativas de melhoramento da frota, foram adquiridos em 1977, cinco navios à Alemanha Federal. A actual frota é composta por 24 navios dos quais sete são «ferry-boats».

No âmbito das medidas destinadas a proporcionar ao público maior comodidade, segurança e rapidez além do aumento da frota, está prevista a entrada em funcionamento de terminais ou abrigos, a criação de um novo sistema de cobrança, através de obliteradores e ainda a colocação de avisadores de carreiras, instaladas nos cais de embarque, por meio de «video-tape».

A Transtejo, empresa que aglutinou todas as actividades de transportes fluviais, no Tejo, explora actualmente seis carreiras diárias: «Terreiro do Paço-Cacilhas» (seis barcos ao serviço); Cacilhas-Cais do Sodré (três barcos); Terreiro do Paço-Seixal (um barco) e Trafaria-Belém (dois barcos). O número de passageiros transportados registou em 1978 um aumento de 16 por cento em relação ao ano anterior.

De acordo com as actuais necessidades pensa-se que seria vantajoso aumentar de 14 para 34 viagens diárias na linha do Montijo, partidas de 7 em 7 minutos em vez dos 8 anteriores na linha de Cacilhas-Cais de Alfândega, às horas de ponta, redução do tempo de percurso da linha da Trafaria de 25 para 15 minutos e de 5 para 10 minutos na linha de Porto Brandão.

Relativamente à situação financeira da empresa os problemas principais provêm da situação fortemente dificiente herdada pelas empresas nacionalizadas tendo os problemas financeiros resido nos défices da exploração não totalmente cobertos pelos subsídios atribuídos pelo Estado para esse fim.

No entanto, os índices de cobertura das despesas pelas receitas que se fixaram em 1976 e 1977 em 69 por cento e 67 por cento respectivamente, mantiveram-se dentro dos padrões usuais nas grandes empresas de transportes públicos de países estrangeiros em que o Estado ou a comunidade locais subsidiam essas empresas.

VENDA DE ANDARES NO RESTELO

A EPUL - Empresa Pública de Urbanização de Lisboa recebe até às 17.30 horas do próximo dia 11 de Maio de 1979, na sua sede, propostas de preço para venda de andares com os seguintes preços-base:

3 assoalhadas (Duplex)	– 1300 c.
3 assoalhadas	– 1350 c.
4 assoalhadas	– 1650 c.
5 assoalhadas	– 1950 c.

As caracteristicas dos andares, localização, condições de venda, facilidades de pagamento e normas a que deverão obedecer as propostas, cuja observância é condição essencial para que sejam consideradas, estão à disposição dos interessados nos seguintes locais e horários:

- No local do empreendimento
  R. Pero de Alenquer, 48 – r/c Esq.
  dias úteis das 14.30 às 17.30 horas
  sábados e domingos das 9.30 às 12.30 e das 14.30 às 17.30 horas
- Na sede da EPUL (Serviços Comerciais)
  dias úteis das 9.30 às 12.30 e das 14.30 às 17.30 horas

EPUL
EMPRESA PÚBLICA DE URBANIZAÇÃO DE LISBOA
Alameda das Linhas de Torres, 198 - Telef. 793166

Na foto o sr. Manuel Gameiro, pregoeiro da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, mostra o n.º 2.391, que corresponde na lista dos Agentes n.º 16-236.

Igualmente se vê a simpática actriz Irene Cruz, que gentilmente colaborou com o Totobola no primeiro sorteio da época.

O prémio de um Citroen Dyane, coube ao sr. Manuel António Maria Lopes Tarouco, de Torres Novas, portador da matriz n.º 1.466.174, registada na Agência n.º 16-236, do sr. Francisco Jorge Farinha em Meia Via — Torres Novas.

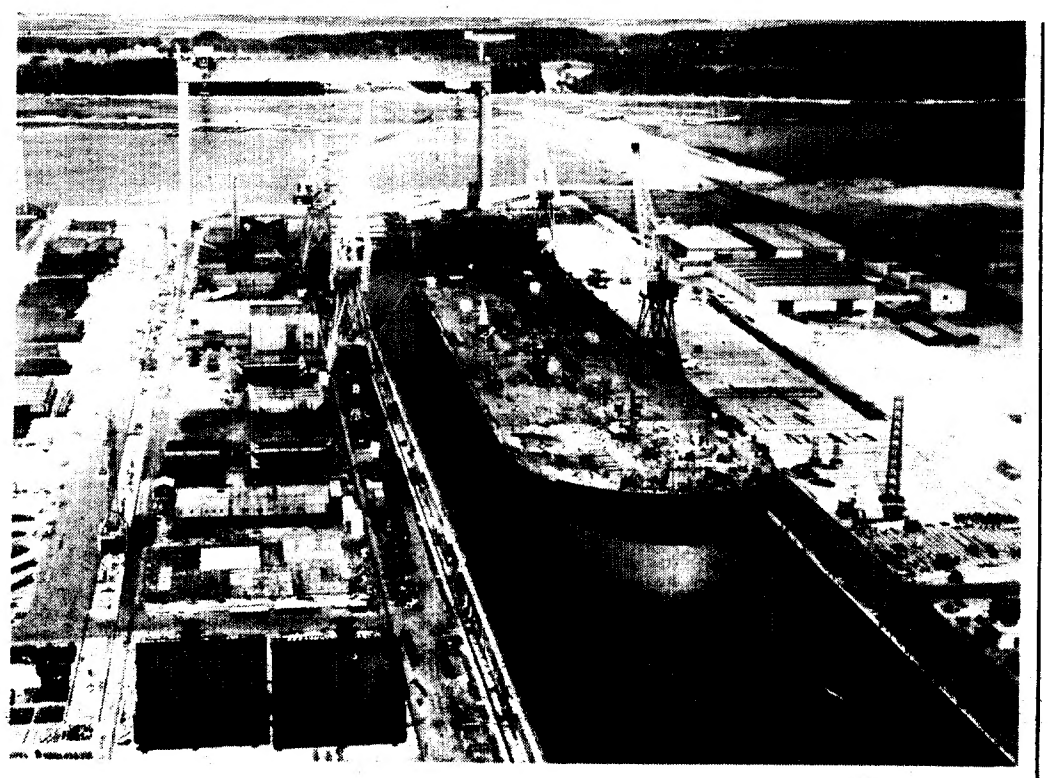
Ford estuda possibilidade de se instalar em Portugal

Portugal está agora em condições de ser escolhido pela Ford Motor Corporation para a instalação de uma fábrica em Portugal, mas isso não significa que aquela companhia tenha sido assinado qualquer acordo com o Governo português visando já a construção desse fabrico, ou que as suas possibilidades tenham aumentado relativamente às pretensões da França, da Áustria e mesmo da Espanha, países igualmente interessados no projecto. O que foi assinado entre a Ford e o Governo português foi um documento que dando àquela companhia um certo número de garantias de vária orden, permite avançar para a fase seguinte das negociações, as quais quando se iniciarem será visando já a materialização do projecto. Mas isso não representa nenhum passo em frente. A não assinatura daquele acordo é que poderia representar um passo atrás e a exclusão de Portugal entre as hipóteses que a Ford vai considerar.

Segundo um porta-voz de Detroit, que entretanto desmentiu a notícia publicada pelo «Diário de Notícias» segundo a qual aquela companhia teria assinado um acordo de princípio para a implantação da fábrica em Portugal, a escolha será feita entre a França, a Alemanha, a Áustria e Portugal, e a decisão será talvez tomada na reunião mensal do Conselho de Administração da companhia, em Junho ou Julho.

De acordo com outras informações, poderia ser considerada como alternativa a ampliação da fábrica que a Ford possui em Espanha, perto de Valência. É grande o interesse dos espanhóis em relação a este investimento e o próprio rei Juan Carlos manifestou pessoalmente a Henry Ford o interesse do seu país naquele empreendimento. Admite-se porém que, uma série de problemas de natureza laboral, não motive a Ford a concentrar mais os seus meios de produção.

«A unidade industrial que a Ford vai construir destina-se à produção de um novo modelo – o «Erika» – a lançar em finais de 1981.» Para se avaliar da importância que poderia ter para a economia nacional um projecto desta natureza, mais importante do que referir que ele orça os 60 milhões de contos, será lembrar toda a produção se destina ao mercado externo. Portugal passaria a exportar 1000 carros por dia. Mesmo admitindo que não fosse incorporado qualquer material nacional – mas seria e em grandes quantidades – tal volume de exportação significava uma mão-de-obra anual exportada no valor de 8 milhões de contos, o que tornava a nova fábrica no maior exportador nacional. Em termos de emprego o projecto traduz-se pela criação imediata de 8000 postos de trabalho reais, já que, uma vez que a produção se destina aos mercados externos a sua actividade não prejudica a laboração de nenhuma das linhas de montagem existentes.



SETENAVE

A solução da crise passa pela planificação económica

Foi baptizado na passada sexta-feira o navio-tanque «Nogueira» de 320 mil toneladas. Construído por técnicos portugueses, segundo modelo sueco, o «Nogueira» será em breve entregue à Soponata. Na cerimónia, o dr. Costa Leal, presidente do Conselho Administrativo da Setenave, traçou o quadro da situação do sector, não se furtando à enunciação dos problemas mais negativos que se enfrentam.

A indústria da construção e reparação naval só adquiriu entre nós uma importância significativa com a inauguração do estaleiro da Lisnave, em 1967, com forte predomínio da reparação naval, e com o começo de actividade em 1975/76 do estaleiro da Mitrena, da Setenave, que começou a construir-se exactamente há sete anos. O dr. Costa Leal referiu no discurso que fez na cerimónia de baptismo do petroleiro «Nogueira» que, a crise do petróleo em 1973, foi responsável pelas perturbações vividas pelo sector de construção e reparação, tendo gerado em muitos países desemprego, fecho de instalações e reconversões industriais. Outro dos problemas enfrentados pelo sector da construção naval decorreu da evolução da economia nacional.

No caso do navio-tanque «Nogueira», o contrato de construção foi fechado em 1974, tendo a discussão do preço do navio e demais condições sido realizada em 1973. Para os dois outros petroleiros em construção pela Setenave, da mesma tonelagem, 320 mil, os contratos são da mesma data e os valores, fixados em escudos em 1973 não podem ser revistos.

A demora de dois anos no início da construção e os aumentos de custos desde então registados dão ideia do impacto negativo que existirá perante a rigidez dos valores de venda. O efeito da desvalorização do escudo foi de tal ordem que o custo dos equipamentos e materiais incorporados no «Nogueira» é hoje praticamente igual ao valor total do contrato que a Setenave vai factuar à Soponata.

É neste contexto de situações, a que não é alheia a depreciação do escudo em mais de 100% desde 1973, que se justifica a afirmação do dr. Costa Leal de que a vantagem ou desvantagem da indústria da construção naval não deve ser aquilatada à luz de um simples critério contabilístico, sendo, pelo contrário necessário entrar em linha de conta com critérios de natureza económica e social à escala do País, equacionando necessidades, recursos e alternativas, e fazer a sua integração numa perspectiva mais vasta que, situando-se no médio prazo, considere globalmente a evolução do mercado internacional e o nosso futuro posicionamento nesse mercado. Neste particular, é de realçar a necessidade inadiável de impulsionar o desenvolvimento económico do País e as necessidades gritantes das nossas marinhas de pesca e mercante, que no próprio interesse da independência nacional é necessário ultrapassar.

Apesar da situação de crise do sector da indústria naval, não deve ser esquecido o seu efeito multiplicador na economia e as suas consequências na política de emprego e social do País.

SITUAÇÃO PARADOXAL

O dr. Costa Leal, presidente do Conselho Administrativo da Setenave, afirmou igualmente na cerimónia do baptismo do «Nogueira» que Portugal se encontra numa situação paradoxal, terrivelmente crítica. Por um lado, existe a indústria de construção naval com capacidade de produção disponível e a viver um período de crise aguda. Por outro lado, assiste-se a um degradar progressivo dos navios que integram a nossa Marinha Mercante, com o inevitável fretamento ao estrangeiro de mais de metade das unidades utilizadas pelos armadores, o consequente desemprego de tripulantes e o constante pagamento de fretes ao estrangeiro, a fazer-se sentir na nossa balança de pagamentos.

No tocante ao abastecimento do País de cereais, carvão, açúcar, oleaginosas, etc., este está a fazer-se em menos de 15% em barcos de bandeira nacional, tendo-se pago em 1978 cerca de 13 milhões de contos de fretes, quantia equivalente a mais de 30% do défice da balança de transacções correntes.

Um problema semelhante se passa com a nossa marinha de pesca, com unidades velhas, escassas e inadequadas, perante a simultaneidade da escassez de peixe que caracteriza o abastecimento alimentar do País e os recursos significativos que o Atlântico põe à nossa disposição.

Esta situação que denuncia uma carência de navios dos mais diversos tipos, à escala nacional, e uma disponibilidade de construção dos nossos estaleiros, só aguarda uma efectivação no mercado, em termos de oferta e procura reais.

Um planeamento económico e financeiro adequados, poderá resultar na ultrapassagem da crise que se vive e que se arrastará até meados dos anos 80. Finalmente, o estabelecimento de um esquema de apoio financeiro à construção naval não seria mais do que noutros países se faz, tendo em conta a captação de divisas que a indústria naval representa, bem como um modo salutar de ocupação de mão-de-obra, o que inegavelmente terá efeitos positivos na nossa tão débil economia.

Lisnave e Setenave dois polos de interesse da opinião pública, duas grandes unidades industriais mal conhecidas e sobretudo mas que constituem dois motores no desenvolvimento económico nacional, que terão de ser dinamizados pelo seu aproveitamento também pelos armadores nacionais e pelo Governo que, através deles, pode revitalizar os sectores das pescas e da Marinha Mercante com inegáveis resultados positivos directos e indirectos na conjuntura económica.

V CONFERÊNCIA DA UNCTAD É EM MANILA

Países ricos, países pobres: a luta continua

O actual proteccionismo e as crescentes tendências nesse sentido, de par com duras acusações ao GATT (Acordo Geral Sobre Taxas Alfandegárias e Comércio), deficiências do sistema monetário e finaneiro internacional; análise das urgentes transformações estruturais que a economia mundial requer; a cooperação entre os países em desenvolvimento (diálogo Norte-Sul); as relações comerciais entre os países com sistemas (comerciais) diferentes; e alguns problemas graves relacionados com o transporte marítimo – eis os seis principais temas para a V Conferência das Nações Unidas para o Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD), que decorrerá em Manila a partir de 6 de Maio que vem.

Todas estas questões de fundo foram tratadas há pouco mais de uma semana na 10.ª sessão especial da Comissão de Comércio e Desenvolvimento que se processou em Genebra, presidida pelo embaixador venezuelano Diego Luís Castellanos, que é simultaneamente um dos membros do «Grupo dos 77». Coincidiu essa reunião com o termo do segundo decénio das Nações Unidas para o Desenvolvimento, o quinto período de sessões da Conferência da UNCTAD e os preparativos para o terceiro decénio daquele organismo. Nos trabalhos de Genebra participaram oito grupos de negociadores representativos de todos os países da UNCTAD, que elaboraram, por assim dizer, a agenda da «cimeira» de Manila.

Aí se deverá reclamar, segundo os observadores internacionais especializados nas relações da e com a UNCTAD, que se examinem medidas e sejam criados mecanismos tendentes a travar e combater o problema proteccionista. Não surpreenderá – como aqueles admitem – que esta matéria e questões que lhe são subjacentes e em igual medida o sistema monetário internacional venham a polarizar as atenções e intervenções dos participantes, assumindo provavelmente a mesma relevância alcançada pelo problema do «Fundo Comum» de matérias-primas, tema que dominou a IV UNCTAD.

GATT: O PARADOXO

São os mesmos círculos especializados e próximos da Conferência das Nações Unidas para o Comércio e Desenvolvimento que adiantam a hipótese da profunda e participada análise do proteccionismo e seus aspectos envolventes e subjacentes não acarretará como solução emocional e imediata o desaparecimento do GATT, abrindo caminho a outro organismo parecido ou aproximado.

Importa reter esta hipótese e atentar, a propósito, nas declarações feitas em Genebra na semana finda pelo embaixador venezuelano Diego Castellanos, logo após a sessão especial da Comissão de Comércio e Desenvolvimento: «É importante não esquecer que o GATT foi criado numa época em que imperava o colonialismo no mundo e, em 1945, apenas eram independentes os países da América Latina, alguns das Caraíbas, a Índia e muito poucos africanos».

Além disso, e para muitos países, é insustentável a ideia de que o GATT despreze ou passe por cima de quase um terço da humanidade. Isto é, os países da Europa socialista, e em particular da URSS. No entanto, outros há nessa área europeia que fazem parte daquele Acordo, mas com escassa influência no seu seio, como de resto todos os países em desenvolvimento.

«Clube de ricos» é, em condições normais, o que os responsáveis do «Grupo dos 77» assinala a respeito do GATT. Daí que apontem como solução de alternativa, e sem qualquer tipo de comparação actuante e restritiva com aquele, uma estrutura moderna e diferente, com liberdades que o actual Acordo Geral sobre Tarifas Alfandegárias e Comércio não contempla nem perspectiva.

Esta, portanto, é uma das prováveis questões que «aquecerão» a capital do país que Ferdinando Marcos e a mulher ditatorialmente dirigem. Uma outra, igualmente apontada como «quente», liga-se a aspectos monetários e financeiros e poderá também causar viva controvérsia.

«GRUPO B»: REACÇÃO EM FORÇA?

Haverá que dizer neste campo que para a reunião de Manila, cujo arranque dos trabalhos está previsto para 6 de Maio, um dos grupos de negociadores da sessão especial de Genebra pôs o acento tónico na necessidade de ser levado a cabo um minucioso e documentado exame das características que devem envolver, caracterizar e determinar o sistema monetário internacional para promoção do comércio mundial e o seu desenvolvimento.

Daí que o «Grupo dos 77» se encontre preparado para toda a espécie de contestação e objecções que lhe serão colocadas. Diego Luís Castellanos, presidente de comissão da UNCTAD e representante da equipa que é o «Grupo dos 77» prevê (segundo observadores bem informados) que seja forte a reacção do «Grupo B» (países industrializados do Ocidente), que uma vez mais argumentará basicamente com a enunciação dos acordos de Bre Hon-Words.

Castellanos não ignora que o «Grupo dos Industrializados do Ocidente» recorrerá à velha tese da «interdependência», que esbarra agora com a sua própria posição estribada na urgência de se tornar fundamental a mudança das estruturas da economia mundial, conceito que prioriza a necessidade de uma estratégia global para o desenvolvimento em lugar de «estratégias transitórias».

Júlio Rodrigues

P.C.B.

GRANDE ENCONTRO DE DIRIGENTES SINDICAIS,
DELEGADOS SINDICAIS E COMISSÕES DE TRABALHADORES
Dia 21 de Abril — sábado — às 10 horas
no Pavilhão da Académica da Amadora

SOLTAS

SE ESTA NÃO BASTAR...

Os trabalhadores (sector de produção) da Lusalite podem repetir na próxima semana a greve de 24 horas que ontem levaram a efeito, no intuito de obterem a imediata reintegração de três delegados sindicais «arbitrariamente suspensos» e forçarem a aplicação integral do respectivo CCT, negociado há oito meses. Eventualmente, o conflito poderá vir a agravar-se, se não houver um desbloqueamento da situação, prevendo-se mesmo uma greve de 48 horas.

«PÃO» SEM PÃO

Os trabalhadores da panificação de Angra do Heroísmo (Açores) paralisam hoje e amanhã durante duas horas, para apoiarem reivindicações salariais. A respectiva associação patronal abandonou as negociações do CCT do sector, invocando que os operários se têm recusado a fazer horas extraordinárias como forma de luta. O aumento salarial pedido é de 20 por cento, arrastando-se as negociações desde Outubro.

PROGRESSIVAMENTE

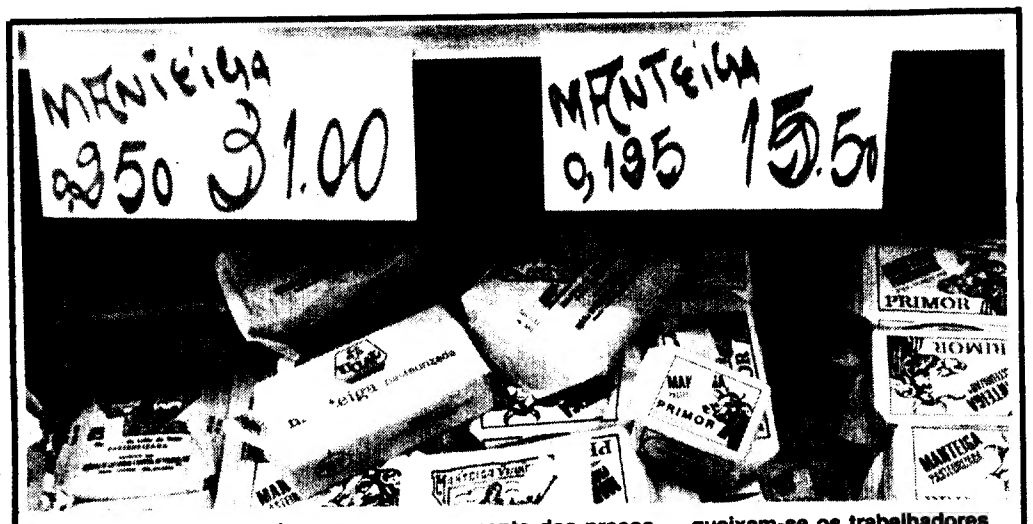
Os trabalhadores da Sociedade de Construções Soares da Costa (Porto) decidiram adoptar um esquema de greve progressiva, a partir de sexta-feira – forma de luta que pensam ser mais desgastante para a entidade patronal. Estão em causa problemas de segurança no trabalho, aumento do subsídio de alimentação, melhoria das condições de higiene nos alojamentos do pessoal, e a aplicação dos limites do período normal de trabalho. A greve atingirá as três horas diárias a partir do dia 30.

AINDA A SOREFAME

Persistindo na Sorefame um clima repressivo, agravado pela incapacidade de diálogo revelada pela administração, os trabalhadores desta empresa decidiram concretizar hoje à tarde mais uma paralisação, de três horas por turno. Fundamentalmente, pretende-se a reintegração de quatro companheiros despedidos, e a anulação das penas de suspensão aplicadas a outros onze. Entre eles, contam-se dirigentes sindicais e membros das organizações representativas dos trabalhadores. Admite-se a possibilidade de formas de luta subsequentes.

PLENÁRIO NA LANALGO

O conflito criado na Lanalgo pela perspectiva de um despedimento colectivo que afectará pelo menos 50 trabalhadores está longe de ser resolvido, mesmo depois da greve de duas horas e meia realizada no passado dia 12. Os trabalhadores vão ponderar de novo o assunto em plenário a efectuar na sexta-feira, durante o período de trabalho (como a lei permite).



Não há salários que cheguem para o aumento dos preços — queixam-se os trabalhadores e os sindicatos

Sindicatos em oposição frontal aos aumentos do mini-"cabaz"

O «cabaz das compras» encolheu, está 20 por cento mais caro, e é cada vez mais insuficiente para satisfazer as necessiades de uma família média portuguesa – lembra o secretariado da CGTP-Intersindical Nacional.

Pronunciando-se quanto às recentes medidas do governo Mota Pinto, que se traduziram em substanciais aumentos de preço dos produtos essenciais, a central sindical classifica-as como «um violento ataque ao já baixo nível de vida dos trabalhadores portugueses».

Simultaneamente, o governo insiste em «impor o limite dos 18 por cento aos aumentos salariais e de lançar o chamado imposto sobre o 13.º mês», tudo iso – acrescenta a Confederação – «contra a vontade dos trabalhadores e da própria Assembleia da República, que já reprovou tal projecto». Vontade que encontrou expressão nas reivindicações aprovadas pelo Movimento Sindical em Dezembro último, e que não foram levadas em consideração pelas instâncias governativas.

Segundo nota o secretariado da CGTP-IN (em comunicado agora distribuído), a pescada congelada e a carne de porco deixaram de fazer parte do «Cabaz», já de si «diminuto», cifrando-se os aumentos em cerca de 20 por cento (e não 18 por cento, como há quem pretenda) em relação ao conjunto de produtos que dele faziam parte em 78.

A Confederação manifesta, por isso, «a sua frontal oposição» a uma «política que visa lançar para cima dos trabalhadores e de outras camadas desfavorecidas do povo português as consequências nefastas de uma política de submissão ao imperialismo», e apela para que se intensifique «a luta com o objectivo de alterar» tal política. Para o efeito (acrescenta a CGTP-IN) há que proceder à «substituição imediata do governo Mota Pinto por um governo constitucional e democrático que defenda os interesses dos trabalhadores e do País».

...E já se anuncia o aumento dos combustíveis (com repercussões em cadeia), da electricidade, dos transportes, dos telefones...

Trabalho requer higiene e segurança

O Seminário Sindical sobre Higiene e Segurança no Trabalho, organizado pela CGTP-Intersindical Nacional e que se realizará em Lisboa, no dia 12 de Maio, terá como objectivo fundamental analisar, a nivel nacional, a problemática suscitada pela matéria em debate.

Por igual, pretende-se sensibilizar tanto os trabalhadores como os técnicos para as questões da Higiene e Segurança no Trabalho; contribuir para a definição de uma política nacional que lhe respeite, tendo em conta a prevenção dos riscos profissionais; e perspectivar e organizar os trabalhadores para aquelas questões.

Assim, serão três as secções que debaterão outros tantos pontos: organização da Higiene e Segurança no Trabalho, em Portugal; formação a nivel dos trabalhadores e do ensino; organização dos trabalhadores.

Todas as associações sindicais, filiados ou não na CGTP, poderão participar nos trabalhos, assim como os delegados sindicais, comissões de HST e Comissões de Trabalhadores. Os convidados abrangem serviços, organismos e entidades nacionais e estrangeiras, ligadas àqueles problemas.

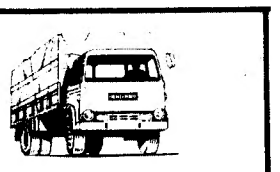
A actualidade deste seminário ressalta, por exemplo, do facto de ocorrerem, anualmente, em Portugal, mais de 800 mil acidentes e doenças profissionais, das quais cerca de mil são mortais. Somos, com esses índices, os primeiros classificados numa tabela que se refere à Europa.

«Os trabalhadores portugueses criam a riqueza nacional à custa da saúde e da sua vida» – afirma-se em texto de apoio divulgado a propósito desta realização plena de interesse.

Uma semana de greve na Panasqueira

Os trabalhadores das Minas da Panasqueira vão paralisar a sua actividade durante uma semana, a partir do dia 2 de Maio, em defesa de direitos adquiridos e de novos salários.

A decisão foi ontem tomada em plenário, prevendo-se que a greve possa ser acompanhada pela ocupação das minas, que dão trabalho a cerca de 900 pessoas. A administração da empresa nega-se a prosseguir as negociações se não for abolida a semana inglesa. O conflito levou já a uma paralisação, nos passados dias 12 e 13.


Sr. Camionista
Muitos acidentes com veículos pesados têm como causa excesso de carga.
Respeite sempre os limites.

Aumento das reformas é o preço de um "charuto"

«Porque rejeitam veementemente o sacrifício que lhes é imposto sem qualquer interesse para o futuro do País, no qual apostam os reformados, pensionistas e idosos exigem que o regime de Previdência seja subsidiado pelo Estado na medida do necessário para a garantia económica que lhes é devida pela sociedade.»

Eis um extracto do comunicado ontem divulgado pelo Movimento Unitário dos Reformados, Pensionistas e Idosos em que se afirma que estes continuarão «atentos às atitudes das forças políticas na defesa efectiva dos seus direitos e interesses na Assembleia da República».

Em consequência, prossegue o MURPI, «saberão tirar conclusões a usar na devida altura, pois não basta alusões eleitoralistas à sua difícil situação».

Igualmente, «em cumprimento das decisões do 1.º Plenário Nacional do MURPI, os reformados, pensionistas e idosos estão empenhados na realização de manifestações em todo o País, em apoio das suas reivindicações e esclarecimento de toda a população».

«Os idosos, inválidos e viúvas exigem uma mudança radical da política social, a sua integração no espírito da Constituição da República, cujo cumprimento reclamam» – prossegue o comunicado do MURPI.

E depois: «Não há democracia quando um estrato social é condenado à miséria em benefício do poder económico e político de minorias».

É que, como interroga o MURPI, «será que os governantes deste País têm a noção da miséria de quem, depois de uma vida de trabalho, tem de viver com 1100 escudos nos meios rurais, com 2000 escudos ou 3000 escudos nas cidades?».

É que, como interroga o MURPI, «aperceber-se-ão de que 100 escudos, aumentos das pensões dos rurais e de grande percentagem das pensões do regime geral, é o equivalente ao custo de um charuto que fumam depois das refeições tomadas nos restaurantes de luxo que frequentam?».

Conflito nos TLP agrava-se se não forem anuladas sanções

Novo conflito nos TLP poderá surgir se o Conselho de Ministros de hoje não anular as sanções que aplicou a 12 trabalhadores daquela empresa, na sequência da requisição civil que determinou por altura da última greve.

As formas de luta, dadas como certas se não houver anulação pura e simples das sanções, deverão resultar de deliberação a tomar em plenário de trabalhadores.

Os responsáveis governamentais têm adiado a resolução deste problema, protelando sucessivamente uma resposta concreta. Em reunião efectuada no dia 12, o ministro dos Transportes acabou por remeter a decisão final para a reunião do Conselho de Ministros marcada para hoje.

CGTP INTERSINDICAL

VÁ À FESTA da juventude

DIA 18 DE ABRIL, NO TEATRO "ADÓQUE"

AS 21 HORAS

com a presença

LUÍS CILIA

GRUPO TROVANTE

GRUPO CANTO CLARO

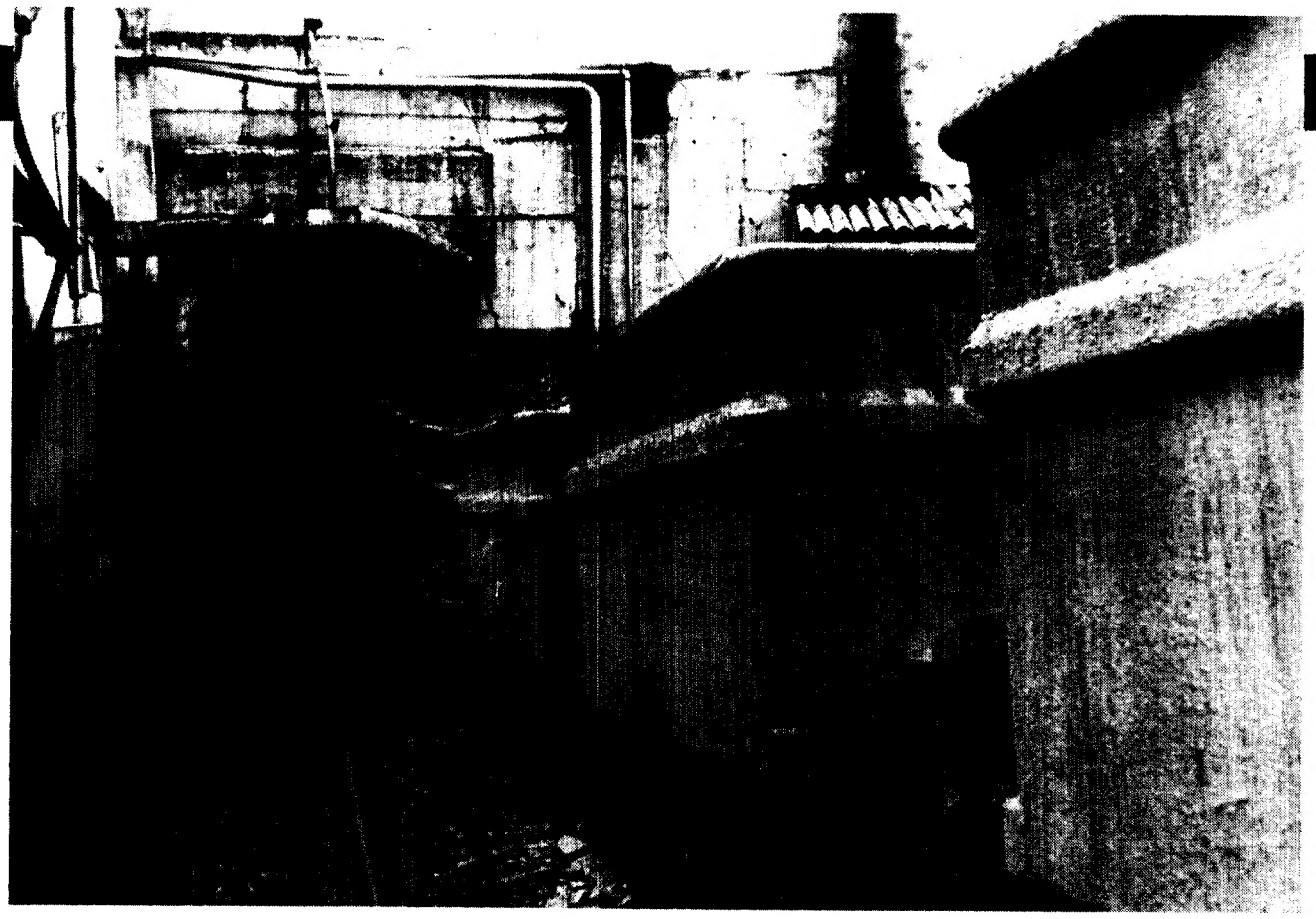
JAZZ

QUARTETO JOÃO HEITOR

EM DEFESA DE ABRIL A JUVENTUDE SAUDA O 1.º DE MAIO"

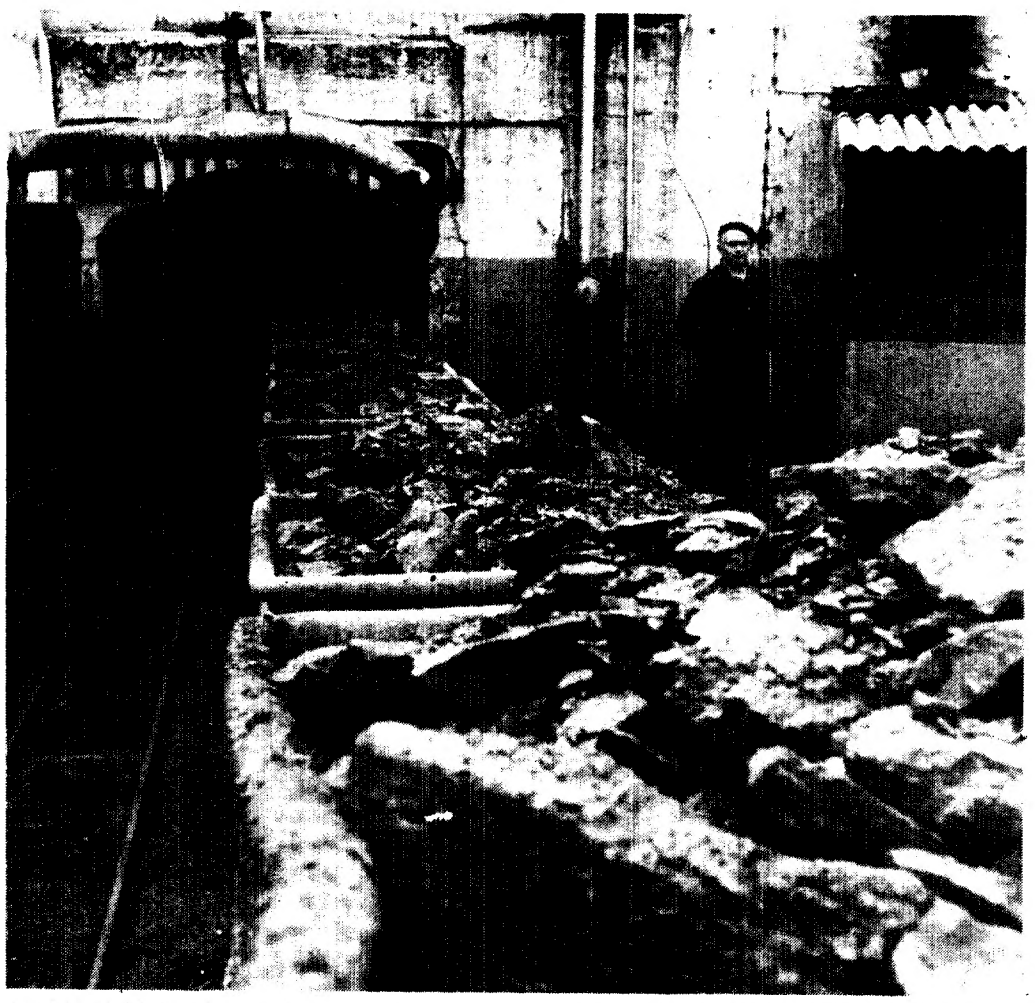
entrada livre

DEPART. DE JUVENTUDE
DA UNIÃO DOS SINDICATOS LISBOA



A guerra da mina

O jornalista Daniel Reis, nosso camarada na Redacção do «Diário de Lisboa» prepara a sua estreia em livro. Vai surgir por todo este mês de Abril, em co-autoria com outro jornalista (Fernando Paulouro Neves, redactor do «Jornal do Fundão»), assinando uma reportagem com os mineiros da Panasqueira. «A Guerra da Mina» se intitula este volume de 150 páginas, uma viagem na memória dos mineiros, nas galerias da Panasqueira e nos arquivos da silicose, com que a editora «A Regra do Jogo» inaugura a sua nova colecção, «Materiais».
Fruto de uma experiência pessoal e familiar dolorosa, com lances dramáticos como a morte do pai, vítima exactamente da doença da Mina, este livro de Daniel Reis e de Fernando Paulouro Neves traz a luz do dia os últimos 50 anos de vidas e mortes, de lutas e combates nas Minas da Panasqueira, ou seja, o período de exploração mais intensa por parte dos capitais ingleses aglomerados na Beralt Tin and Wolfram.
Desse livro publica hoje o «DL» dois extractos, por deferência da editora «A Regra do Jogo». E publica-os numa altura em que os mineiros se voltam a agitar em reivindicações salariais de condições e de horário de trabalho, que podem levar, inclusive, a mais uma greve. Reproduzimos parte do preâmbulo de «A Guerra da Mina» («50 anos depois»), até a referência ao primeiro sindicalista da Panasqueira, um mineiro de nome Zé Maria, que volta as páginas do livro, no discruso directo, de um dos mineiros mais antigos que o conheceu em fins da década de vinte, princípios dos anos 30.
Diga-se, aliás, que toda a primeira parte de «A Guerra da Mina» é preenchida com depoimentos das sucessivas gerações de mineiros que povoaram o subsolo das Minas da Panasqueira nos últimos 50 anos. A segunda parte enquadra a empresa mineira no seu significado político, económico e social, e a terceira aborda sob o ponto de vista humano e legal, a questão da silicose.



Dois jornalistas em viagem

- **na memória dos mineiros**
- **nas galerias da Panasqueira**
- **nos arquivos da silicose**

«Todos os anos, pelo Natal, se repete nas Minas da Panasqueira uma patética cena. A administração da Beralt Tin and Wolfram reúne a sua volta os trabalhadores, no barracão da cantina, para oferecer um relógio aos veteranos que completam 25 anos de mina. Uns recebem-no de rosto fechado e a mesma seca decisão com que levantaram, pela primeira vez, o pico e a pá para entrarem a mina. Outros não conseguem segurar as lágrimas. o relógio servir-lhes-á para medir, sem atrasos nem descuidos, as horas breves que os separam da morte».

«Após 25 anos de trabalho no subsolo, respirando poeira nas galerias fechadas e mal ventiladas, são efectivamente, muito breves as horas que restam para viver. O relógio, esse ajudará a contá-las, uma a uma, enquanto companheiros mais novos se revezam a substituí-los no encalço do volfrâmio, nos caminhos da morte e da silicose».

«Alguns já nem sangue têm. foram-no cuspindo pela boca, arrombados de todo» – comentava numa das últimas cerimónias encenadas pela administração, um mineiro a quem faltam ainda nove anos para receber o seu relógio».

«Este livro procura contar a história dessas vidas baças nas vertentes do Zêzere. Almas sensíveis dirão que são lágrimas e mortes em demasia para tão poucas páginas. Mas é quase sempre de lágrimas e revoltas, de mortes e dramas, o falar dos mineiros, especialmente daqueles a quem as noites duplas na mina já empalideceram as cores do rosto.»

«A silicose arrasou por aqui tudo. Por essas aldeias é uma dor de alma. Agora, aqui em Bogas, temos o tio Manel Gomes, o Augusto Miguel, o tio Joaquim Mendes, tudo assado. Aqui no cimo do povo, o Joaquim Diogo, eu, o António Roda, o primo Zé Lima da Eira. Já morreram o Manel Miguel da Piedade, o Zé Reis, o Zé Nunes da Hermínia, o Aires, o Zé Urbano. Isto é tudo gente que morreu ou está apanhada da silicose. Na Malhada Velha já morreram o Joaquim Duarte Beltrão, o primo Zé Francisco, o Zé da Ana, o Abílio Duarte. Em Casegas, só de silicose, já lá morreram mais de quinhentos homens em todo o tempo que a mina é mina. Em Silvares, então, têm por lá morrido... Rapazinhos que foram para lá com dez e onze anos para acarretar brocas para dentro da mina, tinham agora aí quarenta ou cinquenta anos, mas já desapareceu tudo. Eram umas autênticas crianças. Em Lavacolhos que é uma terra pequena, já lá morreram mais de quinze».

«Ouvimos mil vezes isto nas Minas da Panasqueira e nas aldeias em redor, ao procurarmos elementos para a reportagem que é este livro. A história da mina encontrámo-la nestes nomes de terras, nestes nomes de mortos, nestes nomes de gente que vive lado a lado com as viúvas da silicose. Esta é a história da companhia, nos últimos cinquenta anos, desde o momento em que os capitais ingleses intensificaram a produção para aumentar os lucros nas Minas da Panasqueira. Esta é a história da mina, que é como quem diz, a história dos mineiros, seus protagonistas e vítimas. Teria de ser a nossa história, a nossa guerra».

«Nesta guerra da mina há vitórias e derrotas, revoltas e repressão, também alegrias como aquela que explodiu em todo o Couto Mineiro quando, pela meia-noite de 13 para 14 de Julho de 78, um delegado sindical anunciou ao telefone, desde Lisboa:

«Suspendam a greve: chegámos a acordo! Ganhámos!»

O acordo, parecia, naquela noite, um tapete raso onde pela primeira vez vergava ao peso da sequência de lutas a arrogância dos patrões ingleses e seus servidores internos».

«Procurámos ouvir da boca dos mineiros mais antigos e dos mais jovens, quantas vezes seus filhos, algo dessa história de lutas, desde o dia em que um mineiro de nome Zé Maria, chamuscado nas escaramuças que precederam a Guerra Civil em Espanha, subiu a uma lapa e arengou aos mineiros levando-os a arrancar para a jorna de oito horas, até as lutas sindicais, que moldaram um sindicato forte, controlado pelos trabalhadores e seu «pivot» nas batalhas de hoje».

Um gajo chamado Zé Maria

António Lopes é um mineiro das redondezas da Panasqueira que chegou a mina no dia célebre em que «um gajo chamado Zé Maria» levou os mineiros a greve pela jorna de oito horas. Tinha então 16 anos. Hoje, apesar de cuspir sangue, volta que não volta, lá se vai aproximando dos 70 porque ao 13.º ano de mina foi a vida e ao mundo.

Os protestos que calou, as revoltas que lhe murcharam na gargarma explodem hoje, em toda a sua plenitude, através dos quatro filhos, todos a trabalhar na mina e activíssimos no movimento sindical. Esta é parte do seu depoimento para os autores de «A Guerra da Mina».

«A greve que sucedeu quando para cá vim foi a das oito horas. Trabalhava-se dez horas por dia. Depois veio um gajo de S. Jorge, chamavam-no Zé Maria. Veio de Espanha. Ele já sabia daquilo do sindicato. Era sócio e tal. Andou lá a trabalhar muito tempo. Depois chegou aí e viu que isto ainda eram as dez horas. Eu ainda cá não andava: foi mesmo nesse dia em que vim pedir trabalho que eles andavam com a greve. O gajo convidou, o pessoal para a revolta. Fez um discurso ali na galeria cinco, outro no escritório. Estava cá o Regimento 21, da Covilhã, e veio a Infantaria de Castelo Branco: eram dois regimentos só para ameaçar o pessoal.»

«O director trazia os ordenados atrasados seis meses. A gente quando começava a trabalhar andava seis meses sem receber e só no sétimo é que recebia o primeiro. Pois sabe o que o director fazia? Depositava o dinheiro dos ordenados no banco, a render para ele. Chamavam-no Gribble.»

«Pois esse tal Zé Maria entrou aqui. Falava como um polícia, o gajo. Olhe que ninguém o prendeu, não. Fez o discurso ali na galeria, fez outro nos cambões. Subiu para cima duma fraga, estava ali tudo cheio de gente, tropa e tudo. Tudo junto a ouvi-lo. Depois o comandante da tropa virava-se para o director e dizia:

– Oh sr. director, isto não pode ser. Não pode trazer seis meses atrasados. Não está certo. O homem está no seu direito, sim senhor!»

«Depois daí foi para a Córrega Seca, fez a mesma coisa. A tropa foi-se embora e o director, a semana seguinte, pagou logo três meses. Na outra semana pagou dois. Nem foi preciso a greve: ou melhor, fez-se naquele dia. Juntou-se tudo ali e logo que disseram que pagavam os meses atrasados e passavam para oito horas foram todos trabalhar. O pessoal da noite já trabalhou. Durante o dia e enquanto a coisa não se resolveu, andava tudo por aí, de costa ao alto. Como que era uma greve.»

«Sabe o que é que fizeram a esse tal Zé Maria? Puseram-no de capataz-geral. O antigo ganhava quatrocentos e cinquenta escudos e a ele deram-lhe logo quinhentos. Depois disso já não queria saber do pessoal. Está certo: arranjou as oito horas e pôs os pagamentos em dia, apenas com um mês de atraso, como anda agora. Mas no resto, ah, ah, era um filho de puta que se apanhasse um a trabalhar mais devagar vinha logo:

– Estás a roubar o dinheiro ao patrão.»

«Nunca mais se importou, não. Quando foi da greve do carbureto eu já cá não andava. Sei que um de S. Jorge, chamavam-no Zé Pereira, esteve no Porto na Penitenciária. Bateram-lhe lá tanto que veio de lá e chegou a S. Jorge meio morto: morreu logo depois.»

PASSAPORTES
Aviso Importante
Os passaportes tirados há cerca de 5 anos ou mais deverão ser-nos enviados para obtenção de novos.
agencia abreu
LISBOA-Av. da Liberdade 180-Tel. 371361

ENSINO

NA "AULA" DE ONTEM DO MEIC

"Matéria" a mais "sebentas" a menos

Na véspera de terminar o «curso» do MEIC para jornalistas, e tal como acontece no Ensino, a «matéria» foi dada apressadamente. Faltaram também as «sebentas», isto é, os «dossiers» tão completos como nos tinham sido fornecidos no dia anterior em relação ao Ensino Superior.

Durante largas horas ouvimos exposições sobre o Ensino pré-primário, primário, preparatório, secundário, colocação de professores. Faltou o tempo para os «estudantes» colocarem as suas dúvidas. Talvez que possa haver a habitual «revisão» de matérias.

Para já e antes de «digerir» tudo o que ali foi dito, ficou a impressão que o pré-primário existe, por enquanto, apenas no papel. Só dez mil crianças ainda frequentam este ensino. Haverá verbas? O estatuto dos jardins de infância, que já devia ter sido publicado, está ainda no «segredo dos deuses». Também a formação de educadores de infância precisa de regulamentação.

Quanto ao Primário – este ano matricularam-se 850 mil crianças – com cerca de 34 mil professores, vai caminhar para a abolição das Fases. Isto quer dizer que o aluno não terá de passar da 1.ª para a 2.ª Fase. Se o seu aproveitamento não for considerado satisfatório, permanecerá mais algum tempo para além dos 4 anos.

O Ensino Preparatório com cerca de 100 mil alunos merecerá, em breve, um desenvolvimento especial. Nota-se, no entanto, que alguns milhares de crianças acabam a 4.ª classe e não continuam os seus estudos. Falámos, depois dos problemas dos cerca de 380 mil alunos do Secundário, das alterações ao sistema de avaliação do 9.º ano unificado, que tanta polémica ocasionou o ano passado. Alteração de tabelas e existência de recursos são alguns dos pontos mais importantes, enquanto o 10.º ano unificado – tema polémico – foi abordado mais ao de leve.

Ficou-nos também a impressão de que o sistema de Ensino Unificado poderá sofrer alterações.

Por último, a colocação de professores seria analisada em pormenor. «Verões quentes» foi como a Direcção-Geral do Pessoal (a maior do País) classificou o seu trabalho de colocação de docentes, que se arrasta durante os 12 meses. São cerca de cem mil professores. Para já, estão a tentar efectuar os concursos muito mais cedo e enveredar-se pela contratação plurianual. Algumas modificações à Lei dos Cônjuges, o aumento de meio para um valor por 1 ano de serviço, a igualdade de situação para os professores da 1.ª e 2.ª Fase, as Habilitações próprias. Esta tarde, o «curso» termina com o tema «Juventude e Desportos». Esperemos que seja apenas o final do 1.º período, mas não do «ano lectivo».

Angola pediu a Portugal cerca de seis mil professores

O recrutamento de professores portugueses para a República Popular de Angola foi debatido numa reunião dos ministros dos Negócios Estrangeiros e da Educação e Investigação Científica com o embaixador daquele país em Lisboa.

A República Popular de Angola solicitou ao Governo português o recrutamento de cinco mil e 300 professores de todos os graus do ensino.

Luanda pretendia que os professores portugueses começassem a prestar serviço já no início do próximo ano lectivo angolano, em começos de Maio.

Na reunião dos ministros Freitas Cruz e Valente de Oliveira com o embaixador Adriano Sebastião foram debatidos problemas relativos ao número de professores a recrutar, habilitações mínimas a exigir a salários que a República Popular de Angola se propõe pagar.

O ministro da Educação e Investigação Científica informou o embaixador angolano de que o recrutamento de professores só se poderá iniciar depois do encerramento do ano lectivo em curso, em Julho, ou seja, após a conclusão da maioria dos contratos em vigor.

O recrutamento de professores portugueses integra-se num plano do Secretariado do Comité Central do MPLA – Partido do Trabalho para solucionar as principais carências provocadas pela explosão escolar em Angola.

Segundo um comunicado divulgado em Luanda, o Secretariado do Comité Central do MPLA prevê que no próximo ano lectivo o primeiro nível do ensino de base seja frequentado por um milhão e 560 mil alunos, o segundo nível por 130 mil alunos e o terceiro por 30 mil alunos.

Estão também previstos três mil alunos do ensino médio e seis mil estudantes universitários.

Também para o próximo ano lectivo, Angola necessita de oito mil professores do primeiro nível do ensino de base, cinco mil e 300 do segundo e terceiro níveis, 233 do Ensino Médio e um mínimo de 117 do ensino superior.

REFORMA AGRÁRIA

MAP ATACA EM SEDA

Empresária da construção civil candidata-se a terras no Alentejo

O agrário Chinita Mira, que já tinha recebido uma reserva de 50 mil pontos na cooperativa agrícola «Azinhalex», foi ontem contemplado com uma majoração de mais 20 mil pontos na mesma exploração colectiva.

Por outro lado no distrito de Portalegre, mais uma vez os funcionários do ex-CRRA, acompanhados das forças da GNR, deslocaram-se à UCP «Liberdade de Seda» com o objectivo de entregarem uma reserva a três herdeiros da família Xavier Barreto Castelo Branco, na herdade da Selada.

Com esta reserva – a nona ali marcada – a UCP «Liberdade de Seda» fica em condições difíceis, dado que já perdeu 2200 hectares das suas melhores terras.

Trata-se, segundo o Secretariado Distrital das UCPs e Cooperativas Agrícolas de Portalegre, de mais uma ilegalidade cometida pelo MAP, visto que o proprietário Xavier Branco, falecido na Venezuela, possuía outros prédios rústicos cuja pontuação admitia apenas a concessão de uma reserva nunca superior a 30 mil pontos. O ofício do MAP enviado à UCP em questão, não mencionava nem a área da reserva nem a sua localização o que contraria o estabelecido na lei.

Entretanto outros candidatos às terras da «Liberdade de Seda» aguardam a sua vez, entre os quais se destaca Joaquim Francisco dos Santos, proprietário de uma empresa de construção civil desintervencionada em 1976, que agora surge o pedir cerca de 70 mil pontos na herdade de Vale de Barqueiros.

Certamente o MAP não ignorou que o conhecido empresário tem outras fontes de rendimento que não as provenientes da terra, no entanto é bem capaz de satisfazer o seu pedido, pois, como já se viu, não perde nenhuma oportunidade de destruir a Reforma Agrária.

DESVIO DE CHEQUE

Os trabalhadores da cooperativa «Coopaminé», situada na Trindade, distrito de Beja, correm o risco de ficar sem o cheque de 717 contos correspondente à venda de 300 leitões feita a um negociante de gado.

Afirma categoricamente a agrária Maria Meneses Blanco Gomes Pessanha Barbosa que os leitões lhe pertencem, exigindo, assim o dinheiro da sua venda já que tem «compromissos inadiáveis a resolver.»

Sempre ao lado dos agrários o ex-CRRA de Beja reteve o cheque, o que levou os trabalhadores a apresentar o caso no Supremo Tribunal Administrativo, na medida em que consideram o desvio do dinheiro para a agrária como «um roubo».

SERÁ ISTO INVASÃO?

Como a UCP «Estrela do Mar» de S. Teotónio, em Odemira, tem o CAE cortado há mais de dois anos, não podendo, portanto, contratar trabalhadores eventuais para lhe mondarem o morangal, aconteceu que a UCP «Terras de Catarina», de Baleizão, num gesto de solidariedade decidiu ajudar os seus companheiros em dificuldades.

A ajuda traduziu-se numa jornada de trabalho, efectuada no passado dia 7, nas terras da UCP «Estrela do Mar». Assim, gratuitamente, os trabalhadores de Baleizão mondaram não só o morangal ainda consertaram dois tractores que se encontravam avariados.

«Será isto a que o MAP chama invasões de propriedade?» – pergunta-se num comunicado do Secretariado Distrital das UCPS e Cooperativas de Beja.

Plenário da CRARA hoje à noite

A CRARA – Associação de Apoio à Reforma Agrária – efectua hoje um plenário alargado no Sindicato dos Transportes Rodoviários do Distrito de Lisboa, pelas 21 e 30, para análise da situação na Reforma Agrária. Estará presente António Murteira, técnico agrícola de Évora.

Na convocatória, a Comissão Coordenadora da CRARA sublinha: «os trabalhadores têm acompanhado a criminosa política do Governo MP/PPD, sentindo o constante elevar do custo de vida e o agravamento geral da situação económica e financeira do País». Depois de apontar os principais sectores onde a acção governamental tem ido mais contra os interesses dos trabalhadores, a CRARA destaca «a ofensiva desenvolvida contra a Reforma Agrária, através de uma actuação ilegal, arbitrária, violenta e corrupta do MAP». Para isso, a necessidade de organizar plenários de informação sobre a situação na zona da Reforma Agrária. Como o da CRARA

© – Livros do Brasil/College Trustees

—E chegámos ao fim da história, ou quase. Deixe-me agora improvisar. A última vez que bebemos juntos eu não o tratei lá muito bem. Você irritou-me como o diabo. Pensando melhor, vejo agora que você tentava distrair-se de um pressentimento de desgraça eminente. Você diz-me que tem um passaporte e um visto. Um visto para o México leva certo tempo a obter. E eles não deixam entrar qualquer pessoa. Portanto, há já tempo que você pensa safar-se, e só me espanta que tenha conseguido aguentar-se até agora.

—Sentia uma espécie de dever de me não afastar; tinha como que uma ideia que ela ia precisar de mim para além das minhas funções habituais de fachada que manteem o velhote a certa distância. É verdade: tentei falar consigo no meio da noite.

—Eu durmo ferrado e não ouvi a campainha.

—Depois fui até aos Banhos Turcos. Fiquei por lá umas horas, tomei um banho de vapor, um duche de agulheta, uma massagem e fiz uns telefonemas. Deixei o carro em La Brea and Fountain e vim a pé. Ninguém me viu virar para a sua rua.

—Esses telefonemas interessam-me?

—Um foi ao Harlan Potter. O velhote foi ontem, por motivo de negócios, de avião até Passadena. Não tinha ainda ido a casa e vi-me doido para o encontrar. Mas consegui. Disse-lhe que lamentava mas que me ia embora.

—Que tal a reacção dele?

—Teve pena, mas desejou-me boa sorte e perguntou-me se precisava de dinheiro. -O Terry riu com azedume.— Dinheiro! São as suas oito primeiras letras do alfabeto. Eu respondi-lhe que tinha de sobra. Depois liguei para a irmã da Sylvia. A conversa foi mais ou menos a mesma. E foi tudo.

-Quero perguntar-lhe uma coisa disse-lhe. -Você apanhou-a alguma vez com um homem, no pavilhão?

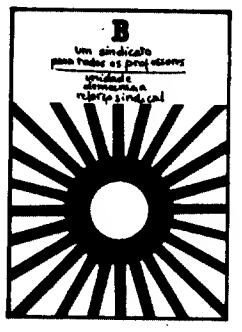
Abanou a cabeça.

—Nunca tentei. Mas não teria sido difícil. Nunca o foi.

—O seu café arrefece.

27

ELEIÇÕES NO SINDICATO DOS PROFESSORES DA GRANDE LISBOA



A LISTA B PROMOVE

COLÓQUIO ENSINO E INFORMAÇÃO

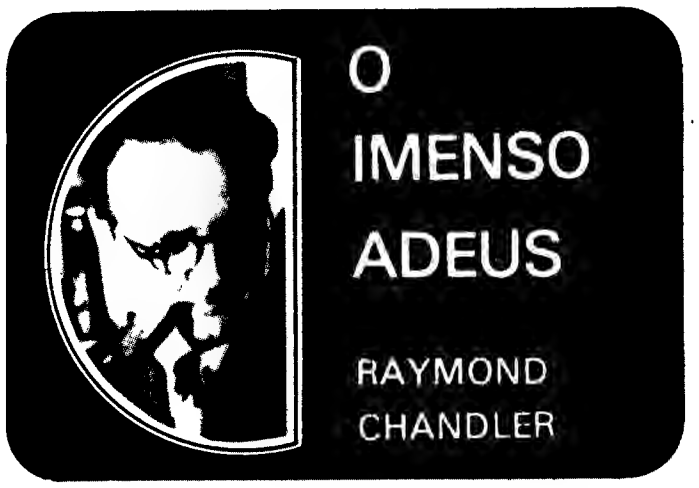
Em que termos se colocam neste momento as relações com o Estado em geral, e o Poder político, quer por parte da informação quer por

Que lugar ocupa na informação portuguesa a questão do ensino; e

órgãos de comunicação social?

DIA 19 (5.ª Feira) — 21.30 h. NA FAC. DE CIÊNCIAS
RUA ESCOLA POLITÉCNICA — ANF. FÍSICA
Com a participação de jornalistas:
AFONSO PRAÇA «J. Educação», ROGÉRIO RODRIGUES «D. Lisboa», LEITE PEREIRA «D. Popular», BENJAMIM FORMIGO «Expresso»
e de professores:
ANA BENAVENTE E JOÃO BARROSO

O que se deve entender por uma informação democrática e por um ensino democrático?
Em que termos se colocam neste momento as relações com o Estado em geral, e o Poder Político, quer por parte da informação quer por parte do ensino?
Que lugar ocupa na informação portuguesa a questão do ensino; e com que meios e sob que objectivos recebe ela tratamento nos vários órgãos de comunicação social?



© — Livros do Brasil/College Trustees

—Não quero mais.

—Muitos homens, ein? Mas você voltou e casou novamente com ela. Eu bem sei que ela é boa, mas mesmo assim...

—Já lhe disse que sou um não presta. Nem sei mesmo porque a deixei a primeira vez. E porque apanhava eu um pifão cada vez que a via? Porque preferi andar pelas sargetas a pedir-lhe dinheiro? Sem contar comigo, ela já casou cinco vezes. Qualquer dos outros tipos voltaria ao mínimo gesto da Sylvia. E olhe que não seria só pelos seus milhões.

—Sim, eu já concordei que ela é muito boa.—Vi as horas. —Quais as razões que o levam a estar em Tijuana às dez e um quarto?

—Há sempre lugares nesse voo. Ninguém em Los Angeles quer meter-se num DC-3 e sobrevoar as montanhas quando pode fazê-lo num Connie e levar sete horas até à Cidade do México. E os Connies não param onde eu quero descer.

Levantei-me e encostei-me ao lavadouro da loiça.

—Bom, vamos resumir o que você disse, sem interrupções. Você procurou-me esta manhã, num estado de grande excitação e quis que eu o conduzisse até Tijuana a tempo de apanhar o primeiro avião. Você tinha uma pistola no bolso, mas eu não a vi. Disse-me que tinha aguentado o mais que pudera mas que, a noite passada, perdeu a paciência. Encontrou a sua mulher perdida de bêbeda depois de ter estado com outro homem. Você saiu de casa e foi aos Banhos Turcos fazer horas até que amanhecesse e telefonou aos dois parentes mais próximos da sua mulher a fim de os informar do que ia fazer. Eu não tenho nada a ver com os seus movimentos. Você tinha os documentos necessários à entrada no México. Nós somos amigos e eu fiz o que me pediu sem grandes conjecturas. E por que não? Você tem um carro, mas estava demasiado excitado para guiar. Também isso é consigo. Você é do tipo emotivo e foi gravemente ferido na guerra. Parece-me que será melhor eu ir buscar o seu carro e guardá-lo numa garagem qualquer.

28

ÁSIA

IRÃO

Perigo de nova ditadura apontado por Taleghani

Os Comités Islâmicos foram alvo, ontem, de críticas de Teerão, antes de se desenrolarem manifestações de apoio ao «ayatollah» «vermelho» Mahmmud Taleghani, o chefe espiritual da capital.

Ao mesmo tempo que dezenas de milhares de pessoas se manifestavam gritando «abaixo o imperialismo, viva Taleghani» o «ayatollah» rompeu o silêncio que observava desde que se tinha exilado na,sexta-feira, de Teerão.

Numa mensagem dirigida ao povo iraniano, o «ayatollah» Taleghani sublinha que a sua decisão de se afastar da capital para um lugar que continua secreto não constitui uma forma de protesto contra a recente prisão de seus filhos e de sua nora (já libertados), mas um acto visando o povo abandonado e a salvaguarda e independência do Irão.

Na sua mensagem, o «ayatollah» exprime o voto de que o seu país não tenha sido entregue de novo à ditadura e ao despotismo.

O dia de ontem foi igualmente marcado por uma conferência de Imprensa de Karim Sandjabi, ministro demissionário dos Negócios Estrangeiros que, segundo os observadores, se apresentou como o «leader» da oposição laica iraniana, e fez implicitamente acto de candidatura à presidência da República.

Sandjabi protestou violentamente contra «as actividades dos Comités Revolucionários que não respeitam nenhuma regra e se entregam a iniciativas perigosas».

Protestando também contra «o processo seguido pelos tribunais revolucionários, recusando qualquer direito de defesa aos acusados», o dirigente da Frente Nacional justificou a sua demissão, afirmando que o Governo de Mehedi Bazargan «não tem nenhum poder executivo» e «tem que lutar contra os obstáculos levantados por elementos do antigo regime e a acção dos grupos armados irresponsáveis».

O dr. Ibrahim Yazdi, vice-primeiro-ministro iraniano para os Assuntos da Revolução, condenou, por seu lado, «os exageros» de certos Comités Islâmicos. As actividades, acrescentou, de todos os comités – que se formaram para apoiar a acção do «ayatollah» Khomeiny e a instauração no Irão da República Islâmica – deveriam ser controlados «de muito perto» pelo Governo.

O controlo dos Comités figura também entre as reivindicações contidas numa resolução entregue a Bazargan por uma delegação representando os manifestantes que apoiam o «ayatollah» Taleghani.

Por outro lado, segundo informações chegadas a Teerão, a tensão baixou na capital do Curdistão, em Sanandadj, depois da retirada dos homens armados que tinham ocupado, na segunda-feira, as sedes da rádio e da televisão.

ELEIÇÕES ADIADAS

O Governo iraniano anunciou ontem o adiamento «sine die» das eleições para a Assembleia Constituinte, devido a «atrasos na elaboração duma Constituição Islâmica».

O vice-primeiro-ministro e porta-voz do Governo, Abbas Amir-Entezam, declarou aos jornalistas que o projecto final da Constituição da nova República islâmica ainda não estava concluído, sem contudo referir qual o motivo do atraso.

O projecto de Constituição deveria ter sido tornado público uma semana após a passagem do Irão a República Islâmica, anunciada após referendo, pelo dirigente chiita «ayatollah» Khomeiny, no dia 1 do corrente. O adiamento significa que as eleições para o novo Parlamento serão igualmente proteladas, já que só se poderão realizar após a aprovação da Constituição.

A comunicação de Amir-Entezam segue-se a rumores de divergências entre o Governo e o clero chiita sobre o projecto da nova Constituição.

MAIS EXECUÇÕES

Foram condenadas à morte pelos tribunais revolucionários iranianos e executadas na noite passada sete pessoas; segundo anunciou hoje a rádio iraniana.

Seis membros da Guarda Imperial (os «imortais») foram condenados à morte pelo tribunal revolucionário de Teerão que os considerou culpados de terem participado nos massacres de «sexta-feira negra» (8 de Setembro de 1978).

Por outro lado, a rádio anunciou que compareceram no tribunal revolucionário de Kerman 14 acusados, tendo um deles sido condenado à morte e fuzilado.

AS PERDAS DA CIA

O director dos serviços secretos americanos, almirante Stansfield Turner, cálcula que levará cinco anos a restabelecer a capacidade dos EUA em fiscalizar os ensaios de mísseis soviéticos, perdida com o encenrramento dos postos de escuta no Irão, anuncia o «New York Times».

O jornal, citando fontes congressionais, afirma que o almirante Turner fez a estimativa num «briefing» secreto a um Subcomité de Defesa do Senado, há duas semanas.

Acrescenta que a estimativa intensificou a controvérsia no Senado sobre um novo tratado de limitação das armas estratégicas com a URSS, que, mesmo que seja assinado brevemente, expirará em 1985.

O jornal cita um crítico do Senado como dizendo «por aquilo que nos foi dito, os EUA só recuperarão por completo essa capcidade um ano antes de o tratado expirar».

● AS NEGOCIAÇÕES SOBRE AS RELAÇÕES sino-vietnamitas abriram oficialmente hoje no Clube Internacional de Hanoi. A delegação oficial chinesa, dirigida pelo vice-ministro dos Negócios Estrangeiros, Han Nianlong, é composta por oito pessoas. A delegação vietnamitas é dirigida pelo vice-ministro Phan Hien.

● ANDREI GROMIKO, MINISTRO soviético dos Negócios Estrangeiros, entregou ontem ao embaixador da China na URSS, Wang Youping, uma nota do seu ministério em resposta à decisão das autoridades chinesas (notificada no passado dia 3 de Abril) de não renovar o tratado de Amizade, de Aliança e de Ajuda Mútua entre Pequim e Moscovo, segundo anunciou hoje a agência TASS.

AMÉRICA

Chile recusa extradição de assassinos de Letelier?

O procurador do Supremo Tribunal do Chile, Gustavo Chamorro, recomendou ontem que seja recusada a extradição para os Estados Unidos dos três agentes da polícia secreta chilena implicados no assassinato do antigo ministro dos Negócios Estrangeiros Orlando Letelier.

Segundo Chamorro, não estaria provada legalmente a participação do general Manuel Contreras, do coronel Pedro Espinoza e do capitão Armando Fernandes, no assassinato em Setembro de 1976 em Washington de Orlando Letelier.

Os três militares estão detidos há nove meses num hospital de Santiago.

Carter ameaça Grenada

Numa alusão directa ao novo regime de Grenada o Governo norte-americano advertiu que não está disposto a admitir na América nenhum tipo de cooperação militar com Cuba.

O porta-voz de Imprensa da Secretaria norte-americana de Estado, Tom Reston, confirmou que o embaixador do seu país em Barbados, Frank Ortiz, responsável também pela missão em Grenada, entregou uma mensagem do presidente Carter ao primeiro-ministro Maurice Bishop, manifestando-se contra o estabelecimento de «laços militares e de segurança» mais estreitos com o regime socialista de Fidel Castro.

Bomba atómica do Paquistão?

O Paquistão prepara-se para fazer explodir uma bomba atómica, segundo afirma hoje a Imprensa indiana.

O jornal independente «Times of India» e o pró-soviético «Patriot» consideram que os dirigentes paquistaneses «têm necessidade da bomba por razões de política interna». O «Times of India» revela que a bomba paquistanesa será produzida com a ajuda financeira dos países árabes ricos em petróleo e que sonham com uma «bomba islâmica». O «Patriot» revela que a bomba será realizada com a ajuda chinesa e de acordo com os Estados Unidos, inquietos com a situação no Irão e no Afeganistão. Segundo este último jornal, a bomba explodirá «dentro de alguns meses».

A cumplicidade dos EUA neste projecto é porém, implicitamente desmentida pelo jornal «The New York Times», o qual escrevia ontem que os EUA ofereceram ao Paquistão armas e auxílio técnico para tentar persuadir o país a cumprir as salvaguardas internacionais sobre instalações de energia nuclear.

Recentemente os EUA cortaram quase todo o auxílio económico e militar ao Paquistão devido aos indícios de que estava a montar secretamente os meios de produção de urânio adequado para uso em armas nucleares, acrescenta o jornal.

Enquanto isto, um comunicado oficial ontem emitido em Rawalpindi anunciava que o presidente Zia Ul-Hag vai demitir no sábado o seu actual gabinete e nomear outro para funcionar até às eleições gerais previstas para o dia 17 de Novembro.

Novas acusações contra o regime de Pol Pot

Pen Sovan, vice-presidente da nova administração do Kampuchea, acusou o governo do primeiro-ministro deposto, Pol Pot, de matar perto de três milhões de pessoas, anunciou hoje Rádio Phnom Penh.

Sovan fazia um discurso às Forças Armadas, oficiais e jovens para assinalar o quarto aniversário, ontem comemorado, do derrube de um governo, apoiado pelos americanos, em Phnom Penh.

Ambas as partes do actual conflito kampucheano comemoraram o aniversário do dia em que os Khmeres Vermelhos de Pol Pot tomaram o poder. A nova administração, afirma que os Khmeres Vermelhos traíram a revolução, devido à sua política interna e a permitirem-se ser escravos da China.

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE GUIMARÃES

anúncio

Pela 2.ª secção do 2.º Juízo desta comarca, correm éditos de 30 dias, contados da data da 2.ª e última publicação deste anúncio, citando a ré ORICEMA-INDÚSTRIA E COMÉRCIO DE ARTIGOS DOMÉSTICOS, LD.ª, sociedade por quotas de responsabilidade limitada, que teve a sua última sede conhecida na Rua da República do Paraguai, 18, da cidade de Lisboa, para no prazo de 10 dias, posterior àquele dos éditos, contestar a acção com processo sumário que lhe move a Fábrica de Tecidos de Vila Pouca, Ld.ª, com sede nesta cidade; na referida acção pede a autora que a ré seja condenada a pagar-lhe a quantia de 92 968$00, proveniente de fornecimentos que lhe fez de artigos da sua indústria têxtil, e ainda nas custas.

Guimarães, 31 de Março de 1979
O Escrivão de Direito,
(António Gonçalves de Macedo)

VERIFIQUEI
O Juiz de Direito,
(João Manuel Simões Ribeiro)

2.º JUÍZO DO TRIBUNAL DE FAMÍLIA DE LISBOA

ANÚNCIO

FAZ-SE PÚBLICO que, pelo Segundo Juízo, 1.ª Secção, do Tribunal de Família de Lisboa, no Processo n.º 2268/79, correm éditos de TRINTA DIAS, a contar da segunda e última publicação deste anúncio, citando o réu — José Maria de Oliveira, corticeiro, cuja última morada, conhecida, foi em Paredes-Alenquer, e que actualmentel se encontra em parte incerta, para, no prazo de VINTE DIAS, findo o dos éditos, contestar, querendo, o pedido formulado na Acção de Divórcio Litigioso que lhe move sua mulher, Maria José Conceição Camilo Oliveira, doméstica, moradora na Rua da Alegria, 19, 3.º, direitc, em Lisboa, — pedido que consiste em ser decretado o divórcio entre ambos, com os fundamentos da alínea a), art.º 1781.º, e n.º 1, do 1782.º, ambos do Código Civil, com as consequências legais — tudo conforme o respectivo duplicado da petição, que fica patente na secretaria à disposição do réu.

LISBOA, e 1.ª Secção, do 2.º Juízo do Tribunal de Família de Lisboa, 26 de Março de 1979.

O JUIZ DE DIREITO,
Orlando de Faria Saraiva Lima
O ESCRIVÃO-ADJUNTO,
João Gomes Copeto

Diário de Lisboa
VENDE-SE NA
CASA ARNALDO RUIVINHO
RUA NUNES GONÇALVES
MERCÊS

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE LOURES

ANÚNCIO

2.ª Publicação

FAZ-SE SABER que nos autos de carta precatória para venda de bens vinda do 7.º Juízo Cível da Comarca de Lisboa e extraída dos autos de Execução Sumária que a Transportadora Centra da Rua dos Caminhos-de-Ferro Ld.ª move contra a Sociedade Construtora de Mobiliário para Cabeleireiro,de Fernando de Jesus, Ld.ª, com sede na Quinta de Santo António lote 7, em Camarate, desta Comarca, e que no dia TRÊS do próximo mês de MAIO, pelas 10 e 30, neste Tribunal Judicial de Loures, se há-de proceder à arrematação em 1.ª praça, com base no valor da avaliação dos seguintes bens penhorados naqueles autos.

A ARREMATAR

Uma máquina de serrar com disco e motor eléctrico, de marca DEWALT, — Serial n.º C.T. 74194 — H.P. 3. RPM 2820, referência esta ao motor, de cor verde, avaliada em 35.000$00.

Uma Máquina GALROPE DESENGROSSADEIRA, com motor eléctrico, de várias fases de trabalho, com mesas e ao alto em razoável estado de conservação avaliada em 75.000$00.

Dos bens a arrematar encontra-se nomeado fiel depositário JOAQUIM CIPRIANO PACHECO, casado, legal representante da firma executada e residente na Rua D. Luís de Noronha, n.º 30-6.º andar em Lisboa.

Loures, 2 de Abril de 1979.

O Juiz de Direito,
(a) José Fernando Pereira Batista

O escrivão adjunto,
(a) Fernando Lopes Carrico

AFRICA

UGANDA

Barragem de Owen Falls em poder do novo governo

Esquadrões de comandos tanzanianos apoderaram-se esta semana da barragem de Owen Falls e da sua central de energia eléctrica – no Nilo segundo o ministro das Comunicações, Akena P'Ojok.

A captura das principais instalações industriais do Uganda suscitou temores por parte do novo governo de que as forças de Amin tentem destruir o grande complexo construído pelos britânicos, causando uma grave catástrofe em toda a bacia do Rio Nilo.

Trata-se da mais importante vitória militar das novas forças governamentais desde a tomada de Campala, a semana passada, que precipitou a queda do regime da Amin.

Fontes militares declararam que as forças do governo não capturaram ainda a cidade industrial de Jinja, adjacente à barragem e o segundo maior centro industrial do Uganda.

Prevê-se que, auxiliadas pelos tanzanianos, as forças do novo governo ocupem rapidamente Jinja e avancem para a fronteira com o Quénia, no Leste do País, abrindo a mais importante via de abastecimento do Uganda.

MASSACRE

Tropas do ditador ugandês deposto, Idi Amin, estão a massacrar habitantes da cidade de Tororo, no Leste do país, revelaram hoje viajantes que chegaram à fronteira próxima do Quénia.

Disseram pelo telefone que milhares de civis fugiram quando os restos do exército de Amin retiraram através da cidade, ontem, à noite, perante o avanço das forças tanzanianas e de exilados ugandeses regressados. «Estão a matar toda a gente em Tororo», afirmou miss Kabogoza, comissária distrital interina de Tororo.

Arafat avistou-se com representantes de Mugabe

O chefe da Organização de Libertação da Palestina (OLP), Yasser Arafat, reuniu-se hoje com representantes do grupo de guerrilhas nacionalistas rodesianas de Robert Mugabe e manifestou-lhes o seu apoio para a luta contra o actual governo de Salisbúria.

De acordo com informação divulgada pela agência noticiosa palestiniana «WAFA», a delegação rodesiana entregou a Arafat uma mensagem de Mugabe, dirigente que, em conjunto com Joshua Nkomo, chefia a «frente Patriótica do Zimbabwe.

Arafat declarou no seu encontro com a delegação rodesiana que, «o povo palestiniano e os revolucionários do Zimbabwe lutam na mesma trincheira, contra o mesmo inimigo».

Repressão e violência nas "eleições" rodesianas

A explosão de uma mina debaixo de um camião governamental carregado de votantes e o asalto e tiro a quatro estações de voto assinalaram na Rodésia o primeiro dia de eleições gerais.

«Cuba salve as nossas almas e interrompa as eleições» pedem os estudantes da Universidade da Rodésia num grande cartaz colocado à entrada do seu campus, onde durante todo o dia se manifestaram contra a realização de um acto eleitoral que consideram ilegal.

Contudo, cerca de 20 por cento do eleitorado, protegido por extraordinárias medidas de segurança votou já, facto que deixou os dirigentes de Salisbúria «extremamente satisfeitos» segundo palavras do presidente da Comissão Recenseadora, Eric Pope Simmonds.

Até ao momento não há notícia de vítimas quer no incidente com o camião, quer nos quatro postos atacados Na cidade de Bulawayo, a segunda maior do país, as forças de segurança admitiram que tinham efectuado ontem à noite uma operação preventiva de «limpeza» dos «terroristas» e dos seus simpatizantes.

Um telegrama da agência noticiosa TASS denunciando as detenções efectuadas na Rodésia nos dias que antecederam as eleições, fala em 1000 prisões em Bullawayo.

Aquela agência soviética afirma que as «eleições» rodesianas estão a decorrer numa «atmosfera de terror e repressão».

Por último, refira-se que a OUA, o grupo africano da ONU e vários governos incluindo o do RFA) declaram já que as «eleições» não têm validade.

MÉDIO ORIENTE

Negociações sobre o petróleo do Sinai

As negociações israelo-egípcias relativas ao contencioso dos petróleos do Sinai, foram abertas esta manhã em Abu-Rodes, no Sul do Sinai.

As delegações são dirigidas pelo ministro egípcio do Petróleo e pelo seu homólogo israelita, o ministro da Energia Yitzhak Moday.

A julgar pelas declarações daquelas duas personalidades, que foram entrevistadas para a Rádio israelita, as negociações foram abertas sob os melhores auspícios. O ministro egípcio declarou que prevê «uma negociação fácil e sem problemas», frisando, por outro lado, que depois da normalização das negociações, o Egipto autorizara as companhias israelitas a participar nas ofertas de prospecção, com os mesmos direitos que qualquer outra companhia petrolífera.

EUROPA

Explosão mata polícias no Ulster

Quatro polícias do Ulster em missão de patrulha, foram vitimados pela explosão de uma mina, accionada à passagem da viatura em que seguiam. O atentado registou-se hoje próximo da localidade fronteiriça de Dessbrook na Irlanda do Norte. Ficaram feridos mais quatro polícias que acompanhavam as vítimas noutra viatura mas ignora-se ainda a gravidade do seu estado.

Um porta-voz da Polícia declarou que «a mina devia ser de grande potência, já que o «Land-Rover» foi projectado no ar, indo cair no campo que ladeava a estrada.

Entretanto, os dirigentes da maioria protestante do Ulster pediram mais tropas para neutralizarem a ameaça da violênta ala provisória do Exército Republicano Irlandês (IRA), que declarou a sua intenção de perturbar a campanha eleitoral britânica com a sua própria acção. As eleições realizam-se em 3 de Maio.

IRLANDA CELEBRA ANIVERSÁRIO

A República da Irlanda celebra hoje o seu trigésimo aniversário, tendo há pouco completado a sua independência política em relação à Grã-Bretanha, com uma separação monetária e económica.

O Estado Livre da Irlanda do Sul, nascido da divisão da ilha ' 1921, perdeu o seu estatuto de domínio britânico em 18 de Abril de 1949. O novo país adoptou nesse momento a Constituição preparada por Eamon de Valera, o apóstolo da independência, e aprovada por referendo em 1937. Esta deu ao Parlamento de Dublin e jurisdição de 26 dos 32 condados irlandeses, decretando porém como território nacional a totalidade da ilha.

Os primeiros anos da República foram relativamente calmos. Mas de 1955 a 1962 o movimento do IRA levou a cabo uma grande campanha de protesto contra «a ocupação britânica» dos seis condados do Norte, o Ulster.

● O SOVIETE SUPREMO DA URSS reuniu-se hoje em Moscovo para a sua primeira sessão plenária da 10.ª Legislatura, segundo anunciou a agência TASS. Esta primeira sessão começou por uma reunião separada do Conselho das Nacionalidades, uma das duas Câmaras do Soviete Supremo. Deverá prosseguir durante o dia com a reunião da segunda câmara, o conselho da união.

● REGISTARAM-SE NOVOS ABALOS durante a noite passada no litoral do Montenegro, devastado no domingo de manhã, por um violento terramoto. O observatório de Belgrado anunciou que tinham sido registados quatro abalos duma intensidade de 4 a 5 graus na escala de Mercali (de 12).

Callaghan demarca-se dos sindicatos

A quinze dias das eleições legislativas na Grã-Bretanha, James Callaghan esforça-se por se demarcar dos sindicatos, aliados tradicionais do seu partido.

O primeiro-ministro subscreveu, de certo modo, as posições do seu principal adversário, Margaret Thatcher, chefe do Partido Conservador, ao reconhecer ontem à noite que as práticas sindicais em matéria de greve, deviam ser corrigidas.

Mas Callaghan insiste para que as reformas a fazer sejam negociadas em colaboração com um governo trabalhista, em vez de serem impostas pela lei como propõe thatcher.

Retomando um outro tema de Thatcher, o primeiro-ministro foi levado a admitir hoje na sua conferência de Imprensa diária, que os britânicos não trabalham o suficiente. E disse que o chanceler federal alemão Helmut Schmidt lhe tinha confiado que para voltar a ter o seu dinamismo a economia britânica era preciso «reeducar os trabalhadores» que tinham muita tendência para se desinteressarem.

Por seu turno Thatcher convidou os eleitores trabalhistas a votar pelos conservadores no dia 3 de Maio próximo, para a renovação da Câmara dos Comuns, tentanto jogar com os reflexos do medo do eleitorado. A dirigente conservadora deu a entender ontem à noite, no feudo eleitoral de Callaghan, em Cardiff, que os dirigentes trabalhistas tinham «traído» os ideais de justiça e de generosidade do seu partido nos últimos anos, deixando demasiada iniciativa à sua ala esquerda.

Thatcher agitou o espantalho de um «triunfo do marxismo» na Grã-Bretanha, acrescentando que em cinco anos de poder trabalhista «as nossas cidades e as nossas ruas oferecem menos segurança para os traseuntes».

Entretanto, e tal como sucedeu há um ano, a actriz britânica Vanesa Redgrave, de 42 anos, divulgou ontem, em Londres o manifesto do Partido RTevolucionário dos Trabalhadores (trotskysta) para a campanha eleitoral na Grã-Bretanha.

Os seus objectivos são a nacionalização sem indemnização das indústrias de base, bancos, e solos, a retirada do Exército britânico da Irlanda do Norte e a libertação de todos os presos políticos.

Pub

GREVE DO COMÉRCIO

SÁBADO 21 ABRIL

PRÉ-AVISO DE GREVE

Ao Ministério do Trabalho:
A todas as Associações e entidades patronais do sector do Comércio com trabalhadores ao seu serviço:

Nos termos e para os efeitos do disposto no art.º 5.º da Lei 65/77 de 26 de Agosto, comunica-se que os trabalhadores do Comércio do Distrito de Lisboa, realizarão uma greve no próximo dia 21 de Abril do corrente ano, em todo o período normal de trabalho.
Com esta acção visam os trabalhadores, defender o regime de prestação de trabalho conhecido por "SEMANA INGLESA" e exigir a imediata revogação do Despacho conjunto dos Ministros do Comércio e Turismo e do Trabalho de 18/1/79.

SINDICATO DOS TRABALHADORES DO COMÉRCIO DO DISTRIDO DE LISBOA
SINDICATO DOS TRABALHADORES EM CARNES DO DISTRITO DE LISBOA E SETÚBAL
SINDICADO DOS TRABALHADORES DAS INDÚSTRIAS ALIMENTARES DE HIDRATOS DE CARBONO DO SUL
SINDICATO DOS TRABALHADORES DE HOTELARIA, TURISMO, RESTAURANTES E SIMILARES DO SUL
SINDICATO DOS TRABALHADORES DOS SERVIÇOS DE PORTARIA, VIGILÂNCIA, LIMPEZA E ACTIVIDADES SIMILARES
SINDICATO DOS TRABALHADORES DE TRANSPORTES RODOVIÁRIOS E GARAGENS, POSTOS DE ABASTECIMENTO E OFÍCIOS CORRELATIVOS DO CENTRO E SUL
SINDICATO DOS TRABALHADORES RODOVIÁRIOS DO DISTRITO DE LISBOA
SINDICATO DOS TÉCNICOS DE DESENHO

ILHAVO, 6 DE JUNHO
4.º Encontro da Canção Popular

A canção, como qualquer outra manifestação artística, tem um importante papel a desempenhar na actual sociedade portuguesa. Não acreditamos na «arte pela arte». A arte só o é de facto quando plenamente identificada com a realidade quotidiana, o que pressupõe de imediato uma tomada de posição consciente face aos problemas que nos cercam.

A chamada «música comercial», desprezando a qualidade e apenas interessada na promoção lucrativa dos seus **ídolos,** provou já que em nada pode contribuir para o desenvolvimento cultural e humano dos povos.

Deste modo, e a exemplo dos anos anteriores, a Secção Cultural do Illiabum Clube, fiel à linha de rumo que vem traçando desde o início, vai realizar em Ílhavo o 4.º Encontro da Canção Popular, com o objectivo de proporcionar aos muitos autores e intérpretes ainda desconhecidos do público uma via para a divulgação das suas canções, e para o que desde já contamos com a colaboração de todos os interessados na divulgação da música interveniente.

REGULAMENTO

1.º O 4.º Encontro da Canção Popular tem como objectivo fundamental incentivar a criação de canções que falem dos problemas reais do povo e do país em que estamos, das suas lutas e aspirações, daquilo que determina o nosso dia-a-dia.

2.º Serão aceites neste **encontro** apenas canções **inéditas.**

3.º Apenas poderão participar autores e intérpretes não profissionais.

4.º Todos os interessados em colaborar neste **encontro** deverão enviar uma gravação das canções, acompanhada do poema dactilografado e da identificação dos autores e intérpretes para

4.º ENCONTRO DA CANÇAO POPULAR
Secção Cultural do Illiabum Clube
Rua Direita, 53
3830 ÍLHAVO

até 21 de Maio de 1979, impreterivelmente.

5.º Das canções recebidas serão apuradas as que mostrarem ter suficiente qualidade visando os objectivos principais do **encontro.**

6.º Não haverá número limite estabelecido como obrigatório para as canções escolhidas.

7.º As canções seleccionadas serão apresentadas em público pelos seus intérpretes no dia **6 de Julho de 1979,** em Ílhavo, em salão a designar.

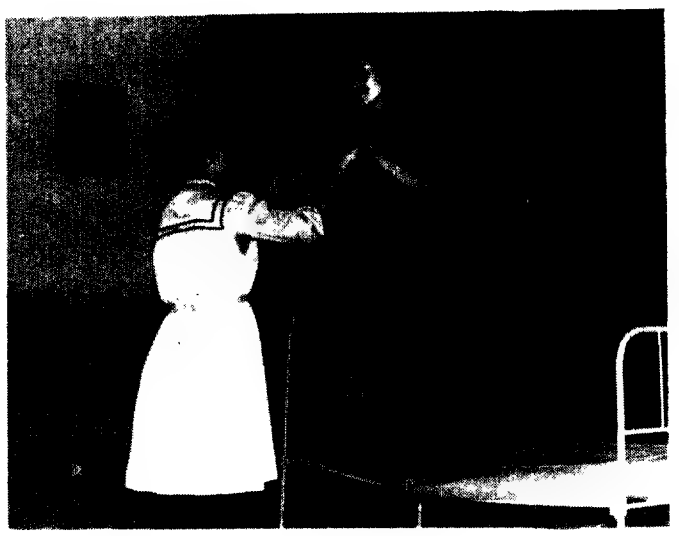
8.º Destas canções apresentadas nenhuma sairá vencedora, pois não haverá qualquer competição recebendo todas elas **prémios de presença.**

9.º O acompanhamento instrumental fica ao cuidado de cada participante.

10.º As eventuais despesas de deslocação e estadia serão de conta dos participantes, não se comprometendo a organização pelo seu pagamento.

11.º Considerando que este **encontro** não tem objectivos lucrativos, do **possível** lucro obtido (após a cobertura das despesas de organização), uma parte reverterá a favor da Biblioteca do Illiabum Clube e outra será distribuída pelas canções participantes.

12.º Qualquer caso omisso ao presente regulamento será resolvido pela Secção Cultural do Illiabum Clube.



Tragédia infantil

Até ao próximo dia 28, «Tragédia Infantil» pode ser vista no Palácio Galveias (ao Campo Pequeno), de segunda a sexta-feira às 21,45 e aos sábados às 18 e às 21,45. Aos domingos é a folga. Trata-se de um trabalho de «Produções Teatrais»

Período colonial moçambicano condensado em Arquivo Histórico

O arquivo histórico de Moçambique reabriu ao público recentemente. Encerrada há cerca de um ano, esta importante instituição, que funciona sob orientação da Universidade Eduardo Mondlane, foi totalmente reestruturada e dotada de novas instalações, mas sobretudo, enriquecida com nova documentação.

A dimensão política e cultural da actividade do arquivo histórico, no contexto da reconstituição da história e da luta do povo moçambicano, determinou que esta instituição desencadeasse, desde Maio de 1977, por todo o país e junto de todas as estruturas do aparelho de Estado uma campanha de recolha de documentação.

Esta actividade, tem por objectivo, nesta primeira fase, recolher toda a documentação referente ao período colonial. Foi considerado material útil para o arquivo histórico, a documentação dos serviços estatais e a dos cartórios das antigas câmaras municipais.

A Imagem do Espectáculo: 1.º Salão de Fotografia d'a centelha (Viseu)

«A Centelha» – Cooperativa de Produção de Espectáculos vai promover, de 14 a 25 de Setembro, o 1.º Salão de Fotografia **A Imagem do Espectáculo.** É um acontecimento cultural novo em Viseu e também no resto do País. O tema do Salão – O Espectáculo – interessa particularmente a todos os que, de algum modo, se relacionam com ele ou são seus obreiros. Pretende-se assim mostrar o que é o espectáculo, do ponto de vista de cada fotógrafo. Assim, fazemos o apelo a todos os fotógrafos, profissionais e amadores, para que participem neste certame, cuja periodicidade procuraremos garantir. Chamamos assim a atenção para o regulamento, com especial destaque para as datas: inscrição até 31 de Julho, entrega até 7 de Setembro e exposição de 14 a 25 de Setembro. Todas as informações devem ser dirigidas a: «A Centelha» – Rua G, n.º 15, 1.º, Bairro Santa Rita, 3500 Viseu.

REGULAMENTO

1. A este certame poderão ser enviadas por qualquer fotógrafo, profissional ou amador, fotografias que tenham por tema **O Espectáculo – Os Artistas – Os Bastidores – O Público.**

2. Serão aceites também fotografias não enviadas pelo seu autor, desde que o mesmo seja devidamente identificado.

3. Cada fotógrafo participante deverá enviar para exposição 6 (seis) fotografias, a cores ou a preto e branco.

4. O formato obrigatório dos trabalhos enviados será 18x24 ou 18x18.

5. A organização seleccionará, nos casos em que sejam enviadas mais do que 6 fotografias, as que serão expostas. De cada fotógrafo serão expostas seis fotografias.

6. As datas a observar pelos participantes são:

6.1 Inscrição – 31 de Julho de 1979.

6.2 Entrega de trabalhos – 7 de Setembro.

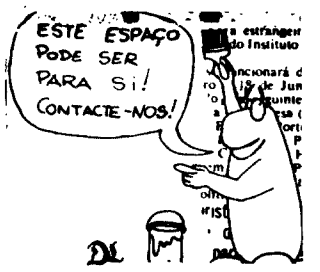
6.3 Exposição – 14 a 25 de Setembro.

7. Para além das fotografias que serão expostas, cada participante deverá enviar, nos formatos 6x6 ou 6x9 uma prova de cada fotografia, que ficará propriedade da organização.

8. A organização tomará a iniciativa de deslocar a exposição a várias cidades do País, em particular a: Viana do Castelo, Porto, Vila Real, Lisboa, Covilhã, Caldas da Rainha, Setúbal, Coimbra, Évora.

9. Todas as informações devem ser pedidas a: «A Centelha» – Rua G, n.º 15, 1.º, Bairro de Santa Rita, 3500 Viseu.

10. Todas as questões não previstas neste regulamento serão resolvidas segundo o critério da organização.



Comissão procede ao estudo do lançamento do Instituto de Cultura Portuguesa em Madrid

Por despacho conjunto do ministro dos Negócios Estrangeiros ministro da Educação e Investigação Científica e secretário de Estado da Cultura, foi constituída uma comissão para estudar o lançamento do Instituto de Cultura Portuguesa em Madrid.

O objectivo deste instituto é promover o fortalecimento dos laços culturais entre Portugal e a Espanha competindo-lhe nomeadamente propiciar à população escolar da comunidade portuguesa o ensino da língua, história e Geografia de Portugal, ou o ensino generalizado a nível básico e elementar.

Ainda no âmbito da criação deste Instituto será instalada uma biblioteca de modo a servir os interesses de divulgação da cultura portuguesa. Deverá ainda ser desenvolvida uma acção junto dos editores espanhóis e organizações de publicação e imprensa, no sentido de valorização e divulgação do livro e do autor português.

Deverá igualmente verificar-se uma intervenção directa na elaboração e aferição dos acordos culturais.

A referida comissão é coordenada pelo prof. doutor Cruz e Silva e deverá apresentar o relatório das conclusões até ao próximo dia 3 de Maio. Integram ainda a referida comissão, o dr. Barreiros Martins, pelo MNE, e o pintor Nikias Skapinakis, pela SEC.

LISTA DE PREMIADOS DO CONCURSO

«WERLISA CLUB-COLOR»

MARINHA EMILIA R. DA S. E CUNHA
R. dos Soeiros, lote B 2-r/c — LISBOA

MÁRIO DAMAS NUNES
Av. de Roma, 76-6.º-Esq. — LISBOA

MARIA LUÍSA PEREIRA NOBRE
Av. Duque d'Avila, 76-3.º-Esq — LISBOA

ARTUR JOSÉ LEITE DA FONSECA
B.º Comendador Joaquim Matias lote C-5.º-D.º — PAÇO D'ARCOS

MARIA ISALTINA FERREIRA PARENTE
R. Domingos Reis Quita A/z-r/c-D.º — LISBOA

FRANCISCO FILIPE DENTINHO
R. do Sol ao Rato 98-3.º-Esq — LISBOA

NUNO ARAÚJO
Av. Duque d'Avila-139-2.º — LISBOA

ORLANDO MIGUEL RAMOS VIDAL
R. Gil Vicente, 2-3.º-Esq. — QUEIJAS- CARNAXIDE

HELENA AUGUSTA FORTUNA WALLIS DE CARVALHO
R. da Penha de França, 138-A-2.º D.º — LISBOA

MARIA JOAQUINA P. VEIGA
R. de Xabregas, 42-C-1.º-D.º — LISBOA

PIEDADE DE JESUS
Vivenda Bom Dia Colina ALTO DOS GAIOS-ESTORIL

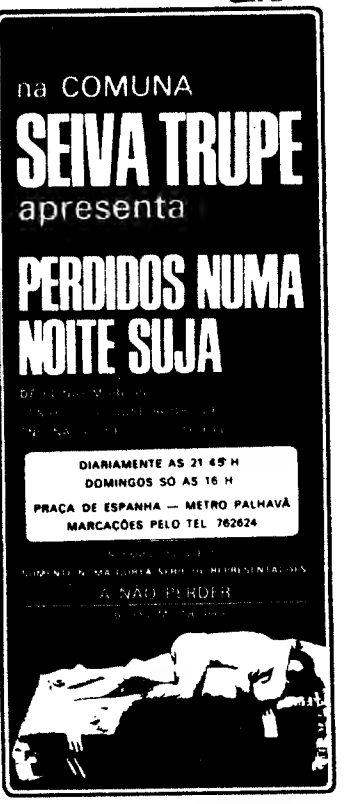
MARIA DO CÉU PAIVA
R. Conde Sabugosa, 27-8.º D.º — LISBOA

MIGUEL DO NASCIMENTO D'ALMEIDA
R. Francisco Baía, 18-6.º-F — LISBOA

RUI HERNANI CÂNDIDO S. CASOLA
T. da Fabrica dos Pentes, 23-3.º — LISBOA

MÁRIO AUGUSTO MAYER GONÇALVES
Av. D. Luís I-42-2.º-D.º — ALFRAGIDE

OS PRÉMIOS DEVERAO SER RECLAMADOS NOS DIAS ÚTEIS ATE 15/7/79, NA AV. DUQUE DE LOULÉ, 90-3.º-ESQ — LISBOA



Canal da Crítica

MÁRIO CASTRIM

RTP dá com uma das mãos — e tira com as outras três

A representação integral da ópera «Lulu» foi considerado o maior acontecimento artístico do século. Isto foi lembrado antes de ontem por Adriano Cerqueira, naquele seu ar ensonado de motor com problemas de óleo. Filipe de Sousa pôs reticências. Bom, não vamos a esse ponto... Não se dirá o maior, enfim, mas será sem dúvida um dos grandes acontecimentos do século.

Daí a conclusão lógica: tratava-se de uma obra de arte de excepcional importância. Logo, a televisão tudo devia fazer, para acordar as acções com as palavras, ou seja, velar pela formação cultural da maioria dos portugueses.

Nada assim foi. «Lulu», de Alban Berg passou no segundo programa praticamente às moscas. Se me convencerem que a «Lulu» pode fazer concorrência ao «Astro» e à **noite de cinema,** então aí darei o dito por não dito. Só que nada se tem feito para criar essa concorrência. Só que a inércia de tantos anos joga a favor de distracção superficial e anarcotizante. Só que a televisão dá com uma das mãos e tira com as outras três.

TV perdeu a vergonha. Joga abertamente na hipocrisia.

O ESSENCIAL O SUPÉRFLUO

A prova da inépcia da televisão portuguesa manifesta-se nas causas mais simples. A RTP ignora – ou quer à força ignorar – onde está a verdadeira razão do nosso futuro e a charangada supérflua do nacional imperialismo. Certas reportagens são atiradas para horários mais fracos e de reconhecida pouca audiência – enquanto nos horários de ouro se empola o carrocel do circunstancialismo político.

Na rubrica «País, País» conta-se, em poucas palavras uma história maravilhosa.

Na aldeia da Torre Fundeira, perto de Belver, sonhava-se com um centro de convívio. A população deita mãos à obra, com a preciosa solidariedade dos trabalhadores doutras regiões, particularmente de Setúbal. João de Matos Dias, António Machado, Apolinário Machado e Palmira Matos Dias contam-nos a aventura do sonho transformado em realidade, como emocionadamente Palmira nos contou, mercê do trabalho de muitos dias e de muitas noites. «As pessoas – disse-nos ela – conquistarão tudo aquilo por que lutarem».

O centro de convívio, num valor superior a três mil contos, está quase concluído. Bar, sala de festas, dormitório para alojamento de artistas visitantes, biblioteca. A biblioteca ainda sem livros. Mas os livros virão. Permitirão vocês, amigos que eu ofereça os primeiros?

Tem razão João de Matos Dias: esta obra não seria possível sem o 25 de Abril, data essencial, para a conquista do seu destino pelas populações. E como nada frutifica tão bem como os exemplos, seria bom que casos como o de Torre Fundeira fossem contados pela televisão em **grandes títulos** – e não em corpo sete perdido nas páginas de dentro.

O 25 de Abril ficaria muito grato.

CAPITALISMO NUNCA DÁ. É CONTRA OS SEUS PRINCÍPIOS

Amanda e Quintanilha estão frente a frente. Brava que eu sei lá, Amanda. Reprova ao astromante ter-se apoderado da companhia dela.

Quintanilha coloca friamente as cartas na mesa. Ele era credor da Construtora Melo Assunção pelo valor de 400 milhões de cruzeiros. Porque julgara Amanda que ele empatara tanto milho, se não para se apoderar da companhia?

Ao dizer isto, Quintanilha não faz mais do que lembrar a lógica do sistema. Claro que o capitalismo não dá nada: o capitalismo troca e sempre com intuitos lucrativos. Está dito: numa sociedade mercantil, o lucro é sagrado. O capitalismo não é a Misericórdia nem o Fundo de Auxílio às Florzinhas do Campo.

Os empréstimos internacionais concedidos a Portugal em condições de autêntica usura, não o foram pelos nossos lindos olhos. Em troca, está a liquidação das formas de liberdade do 25 de Abril, o controlo económico, militar, político. A experiência prova que a liberdade não é possível quando um país não se liberta das mandíbulas dos americanos, alemães, ingleses, franceses e outros galifões.

Quintanilha, o aventureiro parlapatão, teve desta vez o mérito de mostrar o jogo. Tirem o Quintanilha, ponham o Carter e fica tudo explicadinho.

MAIS UM «ESQUECIMENTO»

«Zoom» dedicou todo o seu tempo às relações de Portugal com outros países depois do 25 de Abril. Principalmente focado o problema da descolonização primeiro passo, disse-o Melo Antunes «para a inserção do país na vida política internacional».

Foram muitas as personalidades que intervieram, para além do concelheiro Melo Antunes. Mário Neves, primeiro embaixador na URSS de que realçou «o bom acolhimento e a simpatia», o presidente Ramalho Eanes, Raquel Ferreira, Mota Pinto. Não esqueceram António de Spínola.

Mas esqueceram, por exemplo, a participação do general Vasco Gonçalves em actos tão importantes para a vida internacional do nosso país como foram as suas presenças nos actos de independência de Moçambique e Cabo Verde.

O «esquecimento» é significativo de um certo clima de eliminação que se pretende estabelecer no nosso país. Sobre determinadas situações e personalidades, faz-se correr ou a cortina do silêncio ou a teia da calúnia.

E o baile continua...

Hoje

Uma cena de «Holocausto»

I PROGRAMA

18.30 **Sumário** – resumo do noticiário nacional e internacional.
18.35 **Imaginação a Galope**
19.05 **País, País** – a actualidade regional.
19.25 **Caldo de Pedra** – programa dedicado a Mira e Coimbra.
19.50 **Manuel e Beatriz**
20.00 **Jornal RTP/1**
20.35 **«O Astro»** – episódio n.º 131.
21.20 **Boletim Meteorológico**
21.25 **Vamos Jogar no Totobola**
21.30 **A Arte de Ser Português**
22.05 **«Holocausto»** – 3.º episódio: «O Caminho de Babi Yar».
23.50 **24 Horas** – último serviço noticioso do dia.
00.05 Fecho

II PROGRAMA

18.45 **Ano Propedêutico**
20.30 **Síntese**
21.00 **Directíssimo** – 1.ª parte.
22.00 **Informação/2**
22.30 **Directíssimo** – 2.ª parte.
23.00 Fecho

Amanhã

I PROGRAMA

09.15: Ano Propedêutico; **13.25**: Ciclo Preparatório TV; **18.30**: Sumario, **18.35**: Clube do Rato Mickey, **19.05**: País, País; **19.20** A Falar é que a Gente se Entende; **19.50**: Manuel e Beatriz; **20.30**. «O Astro» – episódio n.º 132; **21.10** Boletim Meteorológico, **21.15**. Espaço de Teatro – «Ninguém»; **22.15**. Gisela May Canta Brecht – 2.ª parte, **21.15** 24 Horas, **23.30**: Fecho

II PROGRAMA

18.45: Ano Propedêutico, **20.32**. Aqui Jazz; **21.00** História da Aviação **22.30** «Jean Christophe»; **23.30** Fecho

TEATRO COMPLUTENSE na Barraca
R. Alexandre Herculano, 70 Tel. 686300 (1 linha)
LOS FABULOSOS NEGÓCIOS DE Ivar Kreuger
encenação de J.A. HORMIGON
m/13
5.ª, 6.ª, Sáb. 21.30 h.
Domingo às 16 e 21.30 h.

teatro do bairro alto
teatro da Cornucópia
E não se pode exterminá-lo?
cenas de Karl Valentin
CURTA CARREIRA
3.ª a sáb. às 21.30
Domingo só às 17.30
Desconto 40% estudantes e sindicalizados graças ao apoio F. Gulbenkian
«Ver, rever, triver, poliver e voltar a ver este espectáculo» – F. Midões, D.P.
Subs Inst. Alemão
SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

GRUNDIG
qualidade em toda a linha!
DESTAQUES
I PROGRAMA
«Holocausto» (22.05)
II PROGRAMA
Directíssimo (21.00 e 22.30)

AutoExpresso
Lisboa
Guarda
Apenas por 250$00
(para carros com menos 4,42 m.)
Partidas diárias com início em 20-12-78
com levantamento na estação de destino
no dia imediato ao da expedição
Consulte as secções de informação
Caminhos de Ferro Portugueses

GTH
GRUPO TEATRO HOJE
TEATRO DA GRAÇA
Tr. S. Vicente 11 875626
IVONE SILVA
«FELIZ NATAL AVOZINHA»
DE GILBERT LÉAUTIER
ENCENAÇÃO DE CARLOS FERNANDO
-Uma excelente encenação de Carlos Fernando-
TODAS AS NOITES ÀS 22.00 H
MATINÉES AOS SÁBADOS ÀS 16.00 H
DOMINGOS SÓ ÀS 16.00 H
FOLGA ÀS 2.ªs-Feiras
INTERDITO A MENORES DE 13 ANOS
2.º MÊS

MúsicAberta
2.ª-Feira 23/4
Às 22 h
AFONSO DIAS E SHILA

VIAGENS ESPECIAIS À RDA
7 dias - 1 a 7 Julho 79
14 dias - 5 a 18 Agosto 79
TUDO INCLUÍDO
DESDE 14.500$
Peça programa detalhado
Informações e reservas:
MUNDIRAMA
VIAGENS E TURISMO LDA.
R. DO CRUCIFIXO, 33
LISBOA 1100 TELEFS
363294 328856
372093 371471
Estab 1948

FUTEBOL • FUTEBOL • FUTEBOL • FUTEBOL • FUTEBOL • FUTEBOL

Selecções ao ataque da Noruega

Principiaram hoje os estágios das selecções nacionais de futebol que vão confrontar-se com os blocos na Noruega, na fase preliminar dos campeonatos europeus. Convocados para o «team» principal: Humberto Coelho, Alhinho, Eurico, Alberto, Bento, Pietra, Alves, Chalana e Nené (Benfica); Gabriel, Teixeira, Frasco, Costa, Oliveira e Gomes (F.C. Porto); Botelho e Artur (Sporting). Para o «onze» de Esperanças: Cerdeira, Ademar e Freire (Sporting); Bastos Lopes, Pereirinha e Jorge (Benfica); Silvino e Francisco Silva (Vitória de Setúbal); Padrão (Beira-Mar); Olavo (Marítimo); Carlos Manuel (Barreirense); Virgílio (Famalicão); José António (Estoril); Fontes (Braga); Pinto (União de Tomar) e Vital (Porto).

ÁRBITROS ATÉ DOMINGO

A demissionária Comissão de Gestão da Arbitragem informa publicamente que apenas nomeou juízes para jogos oficiais que se disputem até domingo próximo. Depois, lava daí as suas mãos.

ARBITRAGEM EM EQUAÇÃO

A Comissão Instaladora da Associação de Árbitros convoca todos os árbitros para uma reunião a realizar na próxima sexta-feira (pelas 21 e 30) na Rua dos Fanqueiros 150-2.º, com a seguinte ordem de trabalhos: Balanço da actividade da Comissão Instaladora; Apresentação e análise do anteprojecto dos Estatutos da futura Associação de Árbitros; Discussão dos diversos assuntos de interesse para a classe.

TROCAS NO CALENDÁRIO

Há alterações no cartaz de alguns jogos oficiais. Assim, para o Torneio de Juvenis, jogam no sábado (às 15.30 h) as turmas dos «Cracks» de Lamego e Paços de Brandão. Em iniciados, também no sábado: F. C. Porto e Leixões confrontam-se pelas 16 horas. Domingo, em iniciados, teremos: Portimonense-Zona Azul (17 h). Para a II Divisão, acerto do calendário: União de Leiria-Feirense, pelas 16 horas. A contar para a III Divisão, igualmente encontros que estavam atrasados, Abambres-Vila Real, Cabeceirense-Forjães, e Quiaios-Anadia (todos pelas 16 horas). No dia 25, em juvenis: Zona Azul-V. Setúbal (17 h). Em juniores: Avintes-Leixões e Académica de Coimbra-Marinhense (ambos às 9.30).

TORNEIO DA CGTP-IN

Realizou-se no Estádio do INATEL (Porto) a final distrital da Taça CGTP-IN disputada entre as equipas de trabalhadores da Empresa Gráfica Instaladora e da Sitenor.

O encontro, que teve a participação entusiástica de muitos trabalhadores das empresas representadas no torneio, teve também a presença de elementos da organização e do Secretariado da USP/CGTP-IN.

O resultado do jogo foi de 2-1, favorável à equipa da Empresa Gráfica Instaladora que, brevemente, disputará com a representante de Braga, a final regional.

PELÉ NO RESTELO

O Belenenses, em colaboração com a Pepsicola, levará a efeito, amanhã, pelas 21.45 h no seu pavilhão do Restelo, uma sessão de cinema em que será apresentado o filme «Pelé, o mestre e o seu método».

SPORTING EM PARIS

Um «onze» do Sporting estará em Paris, no próximo dia 30, para defrontar o Hamburgo (de Kevin Keegan), no Estádio de Colombes, em embate de características particulares. Antes, num jogo entre o Paris (1.ª divisão francesa) e a turma do Lusitanos de Saint Mur (provavelmente reforçada com o vimaranense Manaca, os belenenses Alhinho e Lincoln e, ainda, um guarda-redes dos «leões») é preparado aperitivo para os nossos emigrantes.

TORREENSE NA TAPADINHA

Sábado, pelas 16 horas, em retribuição da visita que os alcantarenses fizeram a Torres Vedras, na sexta-feira passada, o Atlético recebe o Torreense, em jogo particular.

S.L. OLIVAIS--ESTORIL PRAIA

O Sport Lisboa e Olivais defronta amanhã, no Campo Branco Lucas, O Estoril Praia (equipa principal). A receita do jogo é para a equipa do S.L. Olivais se deslocar a Champigny (França), em Junho que vem, para um torneio.

TOTOBOLA

Resultados respeitantes ao último concurso: foram apurados 816 apostas com treze resultados certos, cinquenta e sete das quais de Moçambique, com doze 16 269, 817 de Moçambique. A cada «treze» cabem 13 059$10; a cada «doze», 665 escudos.

TITO DISPENSADO

Os «Blizzard» (de Toronto), da liga norte-americana de futebol, anunciaram ter rescindido os contratos com o português Tito e com o brasileiro Paulo Matha. Não foram revelados os motivos das rescisões.

NEW BEDFORD NOS AÇORES

A equipa de futebol do Liceu de New Bedford, campeã escolar do estado norte-americano de Massashusetes, defronta hoje a turma representante da Escola Secundária da Horta.

Em jogo efectuado, em Angra do Heroísmo, com o Liceu da Ilha Terceira, a turma norte-americana venceu por 3-1.

Durante a sua estadia nos Açores, a equipa escolar de Massashusets (composta por 18 jogadores, dos quais cinco açorianos) defronta amanhã, em S. Miguel, a formação da Escola Secundária Antero de Quental.

A Secretaria Regional da Educação e Cultura está a apoiar a caravana nas suas deslocações às diversas localidades e nos contactos com os estudantes das Ilhas.

Humberto, Jordão (á defesa) e Laranjeira

NÃO HÁ DUAS SEM TRÊS

Benfica com a "Taça de Honra" depois de bater o Sporting

Pela 3.ª vez esta temporada a «águia» bate o «leão»: o Benfica conquistou a «Taça de Honra» da Associação de Futebol de Lisboa, ao vencer, ontem à noite, o Sporting, por 2-1, após prolongamento. Nos noventa minutos regulamentares registava-se um empate a um golo. No outro encontro da noite, o Estoril obteve o terceiro lugar, ao derrotar o Belenenses também por 2-1.

Justino: estreia que acabou mal

No jogo entre o Belenenses e o Estoril, dirigido por Manuel Antunes, de Lisboa, as equipas formaram do modo seguinte:

Belenenses: José Pereira; Sambinha, Luís Horta, Guilherme e Lima: Vasques, Isidro e Eurico (Hertz); Amaral, Lincoln e Cepêda.

Estoril: Ruas; Pedroso, Amílcar, Paris e Peixoto; Fernando, Josée António e Ernesto (Salvado); Fernando Martins, Jerónimo e Fonseca (Quim).

Marcadores: Fonseca (35.40 m) e Amaral (66). Luís Horta foi expulso por discutir decisões do árbitro. Os estorilistas justificaram o triunfo, exibindo um belo futebol corrido e objectivo. Fonseca (seta na direcção da baliza contrária) criou muitos problemas à esconjuntada e lenta defesa «azul», que ficou ainda pior quando Luís Horta foi expulso.

No embate que decidia a conquista da Taça de Honra,dirigido por Cêpa Santos, (também de Lisboa) as formações alinharam:

Benfica: Bento; Bastos Lopes, Humberto, Eurico e Alberto; Pietra, Mário Wilson e Shéu; Jorge (Cavungi, aos 46 m), Nené (Alhinho aos 105) e Chalana.

Sporting: Justino; Ademar, Laranjeira, Meneses e Inácio; Cerdeira (Freire, aos 75 m), Marinho e Ailton (Barão aos 84); Manoel, Manuel Fernandes e Jordão.

Marcadores: Jordão (7 m), Nené (59) e Cavungi (115).

A vantagem inicial do Sporting (nascida mercê de um brilhante rasgo individual de Ademar, culminado com cabeça do angolano Jordão) não foi segura pela defensiva de Alvalade, que, mal o Benfica aumentou de velocidade, logo demonstrou nítida carência física e posicional, especialmente quando os golpes partiam de Jorge ou Nené ou (depois) de Cavungi, a retalharem uma barreira onde Justino, em noite de inspiração, teve um lapso de que saiu a terceira derrota consecutiva dos «leões» perante as «águias».

O árbitro acabou (sem o querer...) por ser imparcial: perdoou duas grandes penalidades, uma para cada lado (Meneses tocou a bola com a mão na sua área de rigor e Manuel Fernandes foi carregado em falta por Bastos Lopes a meia dúzia de metros da baliza benfiquista).

Cavungi: a taça e um sorriso de menino

Destaques (num encontro muito bem jogado) para os benfiquistas Chalana, Cavungi, Shéu, Mário Wilson, Bento e Humberto Coelho, tal como para os sportinguistas Inácio, Marinho, Justino e Laranjeira. O árbitro lá se conseguiu equilibrar na corda bamba.

Hegemonia no Brasil: Flamengo ou Guarani?

O Flamengo e o Guarani confirmam ser as duas melhores equipas brasileiras: a primeira está a um passo de ser campeã do Estado do Rio de Janeiro e a segunda representará o Brasil nas meias-finais da «Taça dos Libertadores da América».

Ao derrotar o Vasco da Gama (2-1) depois de ter estado a perder (0-1) o Flamengo completou um total de 41 jogos sem derrota e concolidou a sua posição de guia do campeonato estadual, com quatro pontos de vantagem sobre as equipas que compartilham o segundo lugar (Vasco da Gama, Fluminense e Volta Redonda).

Por seu lado, o Guarani assegurou o primeiro lugar no grupo três da «Taça dos Libertadores», ao vencer o Palmeiras (1-0, golo marcado por Zenon, a principal «estrela» da equipa de Campinas, Estado de São Paulo).

Entretanto prosseguem entre os adeptos e comentaristas desportivos do Rio de Janeiro e São Paulo as discussões sobre qual é a melhor equipa do Brasil na actualidade: se o Flamengo ou o Guarani. Dúvida que poderia ser esclarecida num jogo particular entre os dois «planteis», que se defrontariam em data a ser fixada, no Estádio do Maracanã.

ACIDENTE COM TREINADOR DO TORINO

Gigi Radice, treinador do Torino, (primeira divisão do campeonato italiano), ficou gravemente ferido num desastre de viação perto de Imperia, entre Génova e a fronteira franco-italiana.

O acidente causou duas outras vítimas: a mulher do treinador do Torino (que morreu carbonizada) e o condutor do carro que chocou com a viatura de Radice. O treinador sofre de traumatismos múltiplos e foi hospitalizado em Imperia, onde foi operado. Os médicos do hospital mantêm o seu diagnóstico reservado. Radice regressava a Turim, depois das férias de Páscoa, passadas em São Remo.

«TAÇA DA FRANÇA»

Resultados dos desafios ontem realizados a contar para a segunda «mão» dos oitavos de final da «Taça da França»: Nantes-Nice, 2-1 (apurado o Nantes, com 4-2 no total); Marselha-Angers, 2-1 (Marselha, 6-3); Estrasburgo-Bastia, 4-1 (Estrasburgo, 6-1); Lille-Mónaco, 3-1 (Lille, 5-2). Angouleme-Nancy, 3-0; (Augouleme, 3-1); Avignon-Reims, 1-0 (Avignon 2-1); Auxerre-Montpellier 2-0 (Auxerre, 2-0); St. Etienne-Gueugnon 2-0 (Gueugnon, 3-2).

«TAÇA DE INGLATERRA»

Arsenal e Manchester United são finalistas da Taça de Inglaterra.

CAMPEONATO INGLÊS

Três jogos que contam para o campeonato da Inglaterra de futebol, realizaram-se ontem à noite. Eis os resultados: Bristol City - Wast Bromwich, 1/0; Ipswich - Birmingham, 3/0; Middlesbrugh - Manchester City, 2/0.

TORNEIOS EUROPEUS

A Polónia e a República Democrática Alemã empataram a um golo, em jogo ontem efectuado a contar para o grupo 4 do campeonato europeu de futebol, equipas «esperanças».

No outro único encontro até agora realizado neste grupo, a RDA venceu a Holanda, por 2-0.

Amaral com a bola: o seu tento não chegaria para vitória belenense

"Torneio da Amizade": o "DL" ficou no quarto

O «Diário Popular» venceu o «Torneio da Amizade», em futebol de salão, comemorativo do sexto aniversário dos funcionários da Federação Portuguesa de Futebol. No jogo decisivo, realizado no campo da Graça o «DP» venceu a ANOP por sete bolas a três, resultado enganador que não espelha o que de facto se passou no «rinque».

A poucos minutos do fim, a ANOP perdia por 3-4 e falhou um «penalty», o que desmoralizou a equipa. O empate bastaria para que os anopistas vencessem o torneio, que seria o segundo ganho em menos de um mês. Como havia dois galos para o mesmo poleiro, acabou por vencer a turma que mais sorte teve.

No outro desafio, o «Jornal Novo», venceu o «Diário de Lisboa» por nove a cinco (salvo melhor opinião), conquistando o 3.º lugar.

Râguebi: Coimbra vence Galeses

A Académica venceu o Fleur de Lys, do País de Gales, por 29-14, em jogo de râguebi realizado no Estádio Universitário de Coimbra, árbitro: Manuel da Costa.

Este encontro faz parte do plano de intercâmbio entre Portugal e o País de Gales, numa iniciativa do Comité Regional de Râguebi de Coimbra, que prevê retribuição desta visita com a deslocação da equipa conimbricense provavelmente no próximo ano.

A equipa de Coimbra apresentou a seguinte formação: Pinho, Gil e Coca; Toni e Corsan (Jorge Castela); José Varandas, Jorjão (Papik) e Luís Carlos; Maleitas e Coelho; Sérgio, Honorato, Santiago e Murta; Nelson.

Avelina Alvarez na barra fixa: exercício para uma classe pouco vulgar no nosso meio

Andebol: fracasso português na porta da "Taça Latina"

Portugal perdeu frente à Itália (por 16-20) na primeira jornada da Taça Latina em andebol, prova ontem iniciada em Forli, na Itália. Ao intervalo os italianos já venciam por 14-11.

Segundo a agência noticiosa italiana «Ansa», a formação transalpina efectuou excelente jogo, embora denotando nervosismo no início, defendendo bem a escassa vantagem conseguida.

Alinharam e marcaram:

ITÁLIA: Klemera, Salvatori (1), Scopetta (2), Migani (6), Mulazzani, Giordani, Zafferi (2), Siti (2), Bonini (3), Chionchio (4) e Podini (1).

PORTUGAL: Amorim, Valente, Mário Gentil (2), José Carlos (1), Pires (2), Luís Filipe, Jorge (1), Marques (4), Caldeira, Ruiz (2) e Bernardino (1).

Arbitraram os jugoslavos Orvath e Mosnika.

Nos outros jogos, a Roménia (actual detentora do título mundial) bateu a Bélgica (34-10) e a França venceu o Brasil (18-11).

Hoje, às 21 horas, Portugal joga com a França, em Remini. Em Forli, jogam: Roménia-Brasil e Itália-Bélgica.

MODALIDADES EM DESFILE

XADREZ NAS ESCOLAS DA GUARDA

O Departamento de Xadrez da delegação da Direcção-Geral dos Desportos (DGD) da Guarda inicia no corrente mês de Abril o primeiro campeonato de xadrez das Escolas do Ciclo Preparatório do Distrito da Guarda.

Esta acção xadrezista é composta de prelecções de ensino da modalidade e de competição. Participam as escolas de Gouveia, Soito, Vila Nova de Tazem, Trancoso, Celorico da Beira e Vila Nova de Foz Côa.

As finais distritais do campeonato realizam-se na Guarda no dia 30 de Junho, com a disputa das fases individual e por equipas.

Entretanto, aquele departamento realiza, de 18 a 26 de Abril, torneios – convívio de xadrez em 12 escolas dos concelhos de Vila Nova de Foz Côa, Meda e Trancoso. Estas competições integram-se na segunda fase dos terceiros campeonatos distritais das escolas primárias do distrito.

MOTONÁUTICA: PROVAS

Nada de concreto, por enquanto, quanto a provas de motonáutica para este ano. Sabe-se todavia que a primeira prova será realizada em Setúbal, organizada pelo Clube Naval Setubalense, em data ainda a designar. Os novos dirigentes da Federação de Motonáutica estão interessados – dizem-nos – em alterar a imagem pública mais comum daquela modalidade desportiva, considerada tradicionalmente de «elite», dadas as disponibilidades económicas e financeiras que a sua prática exige.

Foram eleitos no passado dia 12 os novos corpos gerentes da Federação Portuguesa de Motonáutica. O almirante Carlos de Fontoura Garcês de Lencastre preside ao Congresso, Carlos Alberto Sequeira ao Conselho Juridiscional, Fernando Mantorel ao Conselho Fiscal, Carlos Silva ao Conselho Técnico, e o coronel António Alberto Abreu de Almeida à direcção.

ESGRIMA: CAMPEONATO DO MUNDO

O jovem italiano Andrea Borella venceu a prova individual de florete dos Campeonatos do Mundo de Esgrima para juniores que se realizam em South Bend, Estado de Indiana.

Borella, de 18 anos, derrotou o alemão federal Mathias Gey por 5-3 numa «barrage» de desempate.

A medalha de bronze foi para outro italiano, Mário Numa.

ATLETISMO: OERTER E O DISCO

O norte-americano Al Oerter alcançou ontem a sua melhor marca pessoal no lançamento do disco vinte e três anos depois da sua primeira vitória olímpica, em Melbourne, em 1956.

O mais famoso discóbolo de todos os tempos conseguiu lançar o engenho a 63.96 metros, melhorou em sete metros e meio o seu primeiro triunfo olímpico.

O atleta, de 42 anos, declarou aos jornalistas que tencionava conquistar a sua quinta medalha de ouro, em Moscovo, em 1980. Nas suas vitórias anteriores, em 1956, 1960, 1964 e 1968, Oerter logrou sempre derrotar, em cada ocasião, o recordista mundial de então.

HOJE

Andebol – Torneio Internacional do Porto: FC Porto - Maia, às 21; Académica de S. Mamede - TV 07 Aldekereke (RFA), no pavilhão de S. Mamede. Regional de Lisboa da 4.ª divisão: Zip Zip - 1.º de Maio, às 20; Bruno Janz - Loures, às 21 e 15, e SL Águias - 1.º de Dezembro, às 22 e 30, todos na Ajuda. Torneio de Encerramento (seniores masculinos); Atlético - Campo de Ourique, na Tapadinha, às 22 (Cova da Piedade - Ginásio do Sul, no pavilhão D. António da Costa (Almada), e Belenenses - Caselas, no Restelo, às 20 e 30.

Basquetebol – Nacional da II Divisão – Série A: Estrelas de Alvalade - Cruz-Quebradense, na Ajuda, às 20 e 30; CDUL -Queluz, no pavilhão universitário, às 21; CUF - Luso, no pavilhão dos Trabalhadores (Lavradio), às 21 – Série B: Montijo -Nacional, no Montijo, às 21, e Sacavenense - Carnide, em Sacavém, ÀS 22.

Futebol – Actuação dos juniores do V. Setúbal no Torneio de Múrcia (Espanha). Campeonato Distrital de Reservas de Faro: Olhanense - Farense, Esperança de Lagos - Torralta e Portimonense - Fuzeta, todos às 21 e 30. Sorteio da fase final do Campeonato Distrital de Juniores de Santarém, na sede da Associação, às 21 e 30.

Hóquei em Patins – Treino da selecção nacional de seniores, no pavilhão da Salesiana (Estoril), às 19 horas.

Ténis de Mesa – Campeonato Nacional de Equipas da I Divisão (fase final): Sporting - Palmeiras, em Alvalade, às 21 e 15.

Voleibol – I/II Divisões (sen/masculinos): Audio - CDUL, na Escola Técnica das Caldas da Rainha, às 21 e 30.

"A mão à palmatória": carta dum leitor

A propósito de um texto aqui publicado no dia 11 do corrente, onde se falava dos jogos das competições da UEFA que iriam realizar-se nessa noite, escreve-nos um leitor, Luís Lisboa da Silva, fazendo reparos acerca de erros de informação que aqui cometemos. Os reparos do leitor – a quem o «DL» agradece a atenção tida, ao mesmo tempo que pede desculpa, extensivamente à generalidade dos leitores, pelos erros cometidos –, os reparos do leitor, dizíamos, repõem a verdade. Aqui vão:

1 – «Afirma-se que o público português, quer dizer, o público portuense, conhece tanto o Schalke 04, como o Koln, uma equipa e outra foram eliminadas na época passada pelo F. C. Porto na Taça UEFA. Ora, a) O F. C. Porto não jogou na época passada para a Taça UEFA, mas para a Taça das Taças (por, em 1977, ter ganho a Taça de Portugal). Nessa competição, de facto, eliminou o Koln, na primeira eliminatória. b) No entanto, o F. C. Porto não jogou na época passada com o Schalke 04. Jogou, mas há dois anos, e, aí sim, para a Taça UEFA. c) Mas, ao contrário do que se afirma, foi eliminado, empatando por 2-2 em Portugal e perdendo por 2-3 na Alemanha. d) Para além disso, o F. C. Porto nem com o Koln, nem com o Schalke 04, jogou na cidade do Porto, por motivo de interdição do Estádio das Antas, pelo que o público portuense, se conhece os alemães em causa, é porque se deslocou a Lisboa (onde o Porto jogou com o Schalke 04 na Luz), ou a Coimbra (onde, no Calhabé, os portistas defrontaram o Koln). (...)

«Diz-se que o Áustria, um dos semifinalistas da Taça dos Campeões desta época, foi finalista da mesma competição na época passada, perdendo com o Liverpool por 1-0. O Áustria foi, na realidade, finalista vencido de uma das competições europeias da época finda, não da Taça dos Campeões, mas da Taça das Taças, perdendo por 4-0, frente ao Anderlecht no Parque dos Príncipes, em Paris. O finalista vencido por 1-0 pelo Liverpool na final da Taça dos Campeões do ano passado foi o Brugge, da Bélgica, e não o Áustria de Viena.»

Bibliografia desportiva

Num breve espaço de tempo, a escassa bibliografia desportiva portuguesa acaba de ser enriquecida com três volumes de inestimável mérito: «Homo ludicus», «Ensaios no tempo» e «Desporto e política».

HOMO LUDICUS

Antologia de textos desportivos da cultura portuguesa, elaborada por Manuel Sérgio e Noronha Feio, aí temos «Homo Ludicus». Desde prosa do «Livro da montaria» a Sílvio Lima, é um desfile de vultos que se debruçaram sobre o fenómeno desportivo ou nele atentaram ainda que levemente: casos de Fernão Lopes, Fernão Mendes Pinto, Manuel Bernardes, António Botto, Herberto Helder, José Gomes Ferreira, Camões, Ricardo Reis (Fernando Pessoa), Ruy Belo, Sebastião da Gama, Alexandre Herculano, Alves Redol, Baptista-Bastos, Dinis Machado, Eça de Queiroz, José Rodrigues Miguéis, Miguel Torga, Manuel Teixeira Gomes, Ramalho Ortigão, Orlando Neves, Soeiro Pereira Gomes, Romeu Correia, Ruben A, Urbano Tavares Rodrigues, Luís de Sttau Monteiro, Manuel da Fonseca, Artur Portela Filho, Antunes da Silva, António Sérgio, José Esteves, Mário Sacramento, Mário Braga e muitos mais nomes que, em trabalho de pesquisa difícil e trabalhoso (forçosamente incompleto mas cheio de boa vontade) dão vida a «Homo Lucidus».

DESPORTO E POLÍTICA

Ensaios para a compreensão de «Desporto e Política», na pena de Noronha Feio, é o terceiro livro que (prosseguindo «Homo ludicus» e «Ensaios no tempo») a Editora Compendium projecta junto do leitor. Noronha Feio faz, em «Desporto e política», aquilo que Manuel Sérgio chamou de «uma denúncia vigorosa contra os mitos desportivos, elaborados pelos golpes da falácia ou pelas técnicas do engano» (...) «Toda a sua palavra é uma tomada de consciência do que o desporto é e do que vale como forma superior de humanização». A importância da terminologia para os políticos, o universo do desporto, desporto e ciência política; desporto e o Estado; o Estado, os partidos políticos nacionais e o desporto; o papel dos organismos intergovernamentais e considerações sobre a utilização política do desporto, são alguns dos capítulos que preenchem este excelente trabalho de Noronha Feio, bem digno do melhor lugar na biblioteca de quantos gostam de mergulhar na autêntica expressão da palavra Desporto.

ENSAIOS NO TEMPO

A. Paula Brito é incluído na colecção «Educação Física e Desporto» através «Ensaios no tempo». Colóquios, comunicações, artigos, ensaios: de tudo um pouco, a reflectir a vivência de um professor de Educação Física actualizado e culto.

N.de S.

«SELECÇÕES DESPORTIVAS»

Dirigido pelo jornalista Henrique Parreirão encontra-se editado mais um número da revista mensal «Selecções Desportivas», que inclui temas de interesse para o leitor desportista, especialmente onde são focados Cruyff, Pedroto e Mortimore, onde se fala dos estrangeiros no futebol espanhol e de portugueses na corrida paulistana de S. Silvestre. Há ainda, biografias de Laranjeira, Humberto Coelho, Manuel Passos, Georges Carpentier e Raymond Kopa, tudo ilustrado com muitas e curiosas fotos. Além de um suplemento com a biografia do benfiquista Humberto, «Selecções Desportivas» inclui também fichas coloridas de Nadia Comaneci, Artur de Sousa («Pinga») e da formação sportinguista campeã europeia de corta-mato.

"Volta à Bélgica": Planckaert à frente

Disputou-se a 3.ª etapa da Volta à Belgica em ciclismo, corrida num percurso de 154 km, entre Geel e Dilsen.

Na 1.ª posição classificou-se o belga Walter Planckaert, que percorreu a distância em 3h45m00 (3.44.30, com bonificação), conseguindo igualmente passar para o comando da classificação geral.

Logo a seguir classificaram-se os holandeses Piet van Katwijk e Alphonse van Katwijk, com o mesmo tempo do vencedor (3.44.45, com bonificação).

A classificação geral é agora a seguinte: 1.º Walter Planckaert (Bel.), 11h57m59s; 2.º Daniel Willems (Bel.), 11.58.11; 3.º G. van Roosbroeck (Bel.), 11.58.14; 4.º Van Sweefelt (Bel.), 11.58.19; 5.º W. Godefroot (Bel.), m.t.

África do Sul vetada

As autoridades francesas cancelaram a digressão de uma equipa feminina de golfe pela África do Sul, devido à ameaça de expulsão dos Jogos Olímpicos por relações desportivas com aquele país do Sul do continente africano.

De acordo com o secretário-geral da Federação Francesa de Golfe, Roger Carrier, a decisão de anular a deslocação das jogadoras foi «recomendada pelo governo».

ARTÈS GRÁFICAS
Manutenção de Máquinas
Grande empresa de Lisboa admite mecânico de máquinas de *off-set*.
Resposta ao n.º 17 411

MONTADORES OFF-SET
Grande empresa de Lisboa, admite montadores para casa-de-obra e responsável para o sector.
Resposta ao n.º 17 412

ROTEIRO CULTURAL

O acontecimento do dia é a inauguração da exposição de Carlos Botelho na Galeria III. Natural de Lisboa, onde nasceu em 1899, Botelho iniciou a sua carreira artística muito novo, quando, aluno ainda do Pedro Nunes, expôs pela primeira vez em 1918. O que o notabilizou foi, sem sombre de dúvida, o seu conceito visual da cidade em que vivemos e que ele pinta com um misto de ingenuidade e de saber, que dá aos seus trabalhos o poder de evocar, em cada pessoa, a ideia que ela tem da cidade. Quem vê um quadro de Botelho transforma-se assim num colaborador dele, já que põe tanto na tela como o próprio Botelho – põe o seu desejo de simplificar a vida e a cidade, o seu desejo de pureza, o seu desejo de voltar «à terra», que o evoluir da vida está a destruir. Nesta exposição figuram obras pintadas por Botelho nos últimos cinquenta anos. A mais antiga das obras expostas representa o zimbório da Estrela (1929), e a mais moderna, o Cais das Colunas (1979). O Roteiro Cultural do DL não pode deixar de recomendar a todos os seus leitores que não percam esta exposição de um artista, que, alem de tudo o mais, está intimamente ligado ao «DL», já que Botelho foi, durante vinte e dois anos, autor da página «Ecos da Semana» do «Sempre Fixe».

A exposição de Botelho não é, porém, a única que tem lugar hoje em Lisboa. Carlos Nogueira inaugura hoje a sua exposição «Os dias cinzentos» na Diferença. A inauguração desta exposição tem o carácter de um «happening» cultural tanto pelo ineditismo do que o público vai ver como pelo que vai acontecer na Galeria da Rua S.Filipe Nery. Como todas as actividades deste tipo, os acontecimentos estão planificados para terem lugar a uma hora certa e quem chegar tarde arrisca-se a «perder a festa». Recomendamos, assim, aos nossos leitores interessados nesta inauguração que estejam presentes na Diferença às 22 h em ponto.

Outra exposição que vai ser inaugurada hoje e cujo interesse nos parece inútil salientar é a exposição de ícones búlgaros, que o público terá a oportunidade de ver na Fundação Gulbenkian. Esta exposição integra-se nas comemorações do Aniversário da Fundação do Estado Búlgaro. Trata-se de um acontecimento culturalmente relevante para o qual chamamos a atenção de todos. Terminada a cerimónia da inauguração, a especialista de história de arte búlgara Teofana Likova proferirá uma conferência sobre os mosteiros medievais búlgaros. Esta conferência será ilustrada com a projecção de um filme.

No Casino do Estoril, a pintora argentina Raquel Forner expõe, a partir de hoje, litografias e serigrafias. Trata-se de mais uma iniciativa dos responsáveis pela actividade cultural do Casino, que, diga-se de passagem, não se poupa a esforços para proporcionar ao público da área a possibilidade de participar em acontecimentos artísticos.

Inaugurada ontem, a exposição de Noronha e Costa pode ser vista já hoje pelo público. Chamamos a atenção para esta exposição que marca o início da actividade do Centro Nacional de Cultura no sector das Belas--Artes, por a mesma se revestir de grande interesse. Nela figuram vinte e três obras em tela e em vidro que representam, senão uma viragem na obra de Noronha e Costa, pelo menos um marco importante no evoluir da sua obra. Comentando esta evolução, Noronha e Costa diz que a sua fase presente não significa qualquer arrependimento em relação ao que já fez e acrescenta «antes pelo contrário – se alguma viragem existe, ela é coerente com o que fiz até hoje».

Carlos Botelho junto a uma das suas paisagens de Lisboa

Outra exposição que pode ser vista a partir de hoje é a de José de Carvalho na Quadrum. Lembramos aos nossos leitores que José de Carvalho estará presente no dia 3 de Maio para levar a cabo uma «performance» integrada nesta exposição.

Kika e Raoul, dois jovens que fabricam jogos e divertimentos para crianças, expõem presentemente na Audimagem (Largo Trindade Coelho, 3 e 4.) Trata-se de uma exposição de bonecos, jogos, teatrinhos e outros divertimentos infantis que vale bem uma visita.

Antes de pormos termo ao nosso noticiário sobre belas-artes, uma informação sobre uma exposição que está a ser preparada e que vai, certamente, interessar a muitos dos nossos leitores: Jacqueline Slater, uma jovem inglesa que reside entre nós, vai expor na Galeria de «O País». De acordo com informações que nos chegam, a pintura de Jacqueline Slater tem por tema a cidade de Lisboa, e algumas das suas obras vão espantar o público português pela sua qualidade.

Os nossos leitores de Évora podem – e devem – ir hoje ao Garcia de Resende ver a peça «Os fabulosos negócios de Ivan Krenger» que o agrupamento teatral Complutense leva hoje à cena nesse teatro. Este grupo – voltamos a chamar a atenção de todos para este facto – estará em Lisboa para quatro espectáculos que terão lugar na Barraca nos dias 19, 20, 21 e 22. Afirmam-nos – e temos razões para confiar na pessoa que nos dá esta informação – que se trata de um espectáculo de qualidade que merece ser visto por todos.

Na Figueira da Foz, também, há, hoje, teatro. O Grupo de Instrução e Recreio Quiaense leva hoje à cena, no casino Peninsular, a peça «A Morganinha de Vale Flor». A peça integra-se nas Terceiras Jornadas de Teatro Amador que terminam no dia 2 de Maio.

Os imbecis – para quê disfarçar as coisas? – que mutilaram a estátua de Eça de Queirós roubaram ao País nada mais nada menos do que 75 000$00, que foi quanto custou à Câmara Municipal a reparação levada a cabo na estátua. Para esta reparação a Câmara teve de recorrer à Casa-Museu Teixeira Lopes, onde se encontra o modelo da estátua, tendo o trabalho, agora concluído sido efectuado pelo escultor Eduardo Tavares, professor da ESBAP.

ARMINDA VIDAL

FALECEU

A Família e os amigos participam que terá lugar na Igreja da Pena, no dia 19 pelas 20 horas uma missa em sua intenção.

tempo

SITUAÇÃO DO TEMPO ÀS 09.00 H

Em Portugal Continental o céu estava pouco nublado o vento era fraco ou moderado de norte e havia neblina em alguns locais.

TEMPERATURAS DO AR

V. DO CASTELO	15°
BRAGANÇA	11°
VILA REAL	13°
PORTO	12°
P. DOURADAS	9°
COIMBRA	11°
PORTALEGRE	15°
LISBOA	14°
ÉVORA	15°
SINES	13°
BEJA	14°
SAGRES	15°
FARO	18°
P. DELGADA	13°
FUNCHAL	16°

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
6.53	3,5 m	0.13	1,2 m
19.17	3,6 m	12.36	1,4 m
Dia 19			
7.58	3,3 m	1.16	1,4 m
20.28	3,5 m	13.45	1,6 m
Dia 20			
9.20	3,3 m	2.36	1,5 m
21.52	3,5 m	15.12	1,6 m

PREVISÃO DO TEMPO ATÉ ÀS 24 H DE AMANHÃ

Céu geralmente limpo; vento fraco ou moderado de norte; neblinas matinais no litoral a norte do rio Tejo.

AMANHÃ

NASCER ÀS 6.57
OCASO ÀS 20.16

DIA 19 DIA 26 DIA 4 DIA 12

rádio

1.º Programa

17.00: Trajectória, programa de juventude; **19.00**: Música portuguesa; **19.30**: Jornal da noite; **20.00**: Música variada; **21.00**: 16.º episódio do folhetim «A Passagem», original de Judite Navarro; **24.00**: Último jornal; **00.10**: Vida na noite.

2.º Programa

17.00: Música sinfónica; **17.55**: Obras de Mozart; **18.45**: A soprano Régine Crespin; **19.20**: Música de órgão; **19.25**: Texto literário, um programa da Direcção-Geral do Ensino Básico; **20.00**: Música sinfónica; **20.30**: Ópera comentada por Maria Helena de Freitas; **23.00**: Intercâmbio musical; **23.35**: O maestro Otto Klemperer; **23.55**: Música de piano; **00.10**: Música sinfónica; **01.00**: Fecho.

Rádio Comercial (294m)

17.03: Contacto; **17.40**: Contacto com o Mundo; **18.45**: Zona de controlo; **19.15**: Contando com a ciência; **19.45**: Teatro trágico; **20.00**: Quando o telefone toca; **20.33**: Cartaz; **21.05**: Fado ao vivo; **21.33**: Quando o telefone toca; **22.33**: O tema é; **23.00**: Projecção; **23.50**: Desportivamente.

Emissão Estereofónica

15.03: Hora de ponta; **19.00**: Em órbita; **21.03**: Forum.

RÁDIO RENASCENÇA

18.08: Apelos; **18.15**: Igreja em notícia – palavra do dia; **18.30**: Transmissão do terço do Externato do Parque; **19.00**: Programa da Liga dos Amigos de Rádio Renascença; **20.00**: Objectivo; **20.53**: Apelos; **21.05**: Pentagrama; **21.30**: O som da noite; **22.00**: Quando o telefone toca; **22.30**: Temas vivos; **23.30**: Textos e pretextos; **23.55**: Fecho.

DAR SANGUE

É DAR VIDA

palavras cruzadas

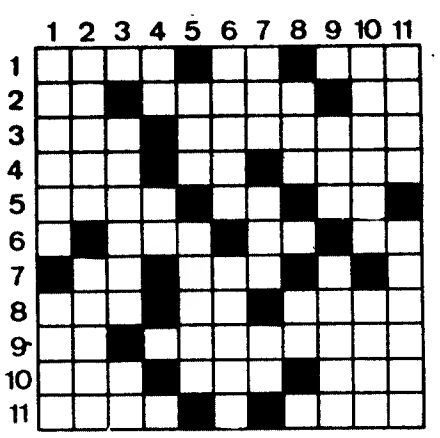
COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 12 315

HORIZONTAIS:

1 Aquele que. Zomba. Conjunção.
2 Cidade da antiga Caldeia. Toma nota de. Cinquenta e um em romano.
3 Época. Acodes.
4 Lista. O sono das crianças. Parto em migalhas.
5 Rio da Alemanha que nasce no Tirol. Estrépito de desmoronamento (inv). Abreviatura da palavra inglesa mister (senhor).
6 Ecoe. O mesmo que uma (ant. e pop.). Palavra latina pela qual começam muitos documentos pontifícios de interesse para Portugal.
7 Mil e cem em romano. Vai para fora.
8 Piedosa. Pronome pessoal. Parede.
9 Sufixo que designa estado. Enganos (pop).
10 Médico dinamarquês que recebeu o Prémio Nobel da Medicina em 1943. Título honorífico na Índia. Camareira.
11 Estavam. Empregas.

VERTICAIS:

1 Tencionava. Tem razões para.
2 Freguesia do concelho de Mogadouro. Olhar atentamente.
3 Península a NO da América setentrional, cedida pela Rússia aos Estados Unidos em 1867. Ruim.
4 Miriare. Letra grega.
5 Negativa. Concordar.
6 Derribou. Brisas.
7 Sufixo que designa pequenez. Nome de homem. Estrépito de desmoronamento.
8 Armaria. Pronome pessoal.
9 Víscera. Saltas.
10 Agradável. Fronteira.
11 Juízo. Velhas.



Resolveu completamente este problema?
Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

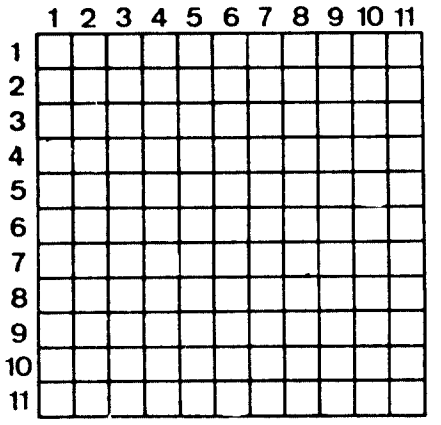
NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 8375

HORIZONTAIS:

1 Adicionar. Deus grego do sono, filho de Erebo e da Noite, irmão gémeo de Tanatos.
2 Serra de Portugal. Cobre (s.q.).
3 Circula. Nome de fruto.
4 Artigo definido. Causara amuo a.
5 Carta de jogar. Gosta muito de.
6 Colocou. Empregue
7 Preparai com ópio. Tritura.
8 Nota musical. Cério (s.q.) Com. de Itália (Piemonte).
9 Sombrio. Vão para fora.
10 Canoa de casca de árvores com a proa e popa achatadas. Bebedeira (pop)
11 Cânhamo Oportunidade.

VERTICAIS:

1 Extrai. Do correio ou a ele referente.
2 Vãos. Realizai.
3 Maior. Agarrei. Sufixo que designa pequenez.
4 Cidade de França. Tostam
5 Preposição. Bismuto (s.q.).
6 O mesmo que uma (ant. e pop). Videira ou o seu tronco.
7 Elefante fóssil que viveu na Europa e na Ásia.
8 Alçaras. Preposição.
9 Mamífero carnívoro afim do leão. Ilude.
10 Arejar (Bras).
11 Germe (pl). Vendem a crédito.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 12 314

HORIZONTAIS:
1 Brava. Apara.
2 Aira. Quem.
3 Raiz. Lena
4 Rs. Avelã. Or.,
5 Cri. Amava.
6 Seara. Bi.
7 Mel. Sal. Dá.
8 Irada. Usar.
9 ANTES. Dr.
10 Trama. Comeu.
11 Aura. Nas. Sá.

VERTICAIS:
1 Barra. MINTA.
2 Rias. Ser. Ru.
3 Ari. Cela. Ar.
4 Vazara. Dama.
5 Vir. Ana
6 QUE. AS
7 Au. La. Eça.
8 Pelam: Lusos.
9 Ame Ab
10 NOVIDADES
11 Amara. Arrua

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 8374

HORIZONTAIS:
1 Moca. Doca.
2 Opa. Ova. Sam.
3 Re. Alaga. Me.
4 Tremeria. An
5 Aarão. Amora.
6 Ra.
7 Castelhanos.
8 Aer. Ato.
9 Nó. Marma. Im.
10 Sr.ª Mia. Ado.
11 Aoro Chás.

VERTICAIS:
1 Morta. Cansa.
2 Operara. Oro.
3 Cá. Er. Sa. Ar.
4 Ama. Tem.
5 Óleo Eram.
6 Ovar. Cl. Ris.
7 Agia. Hamã.
8 Aam. Ata.
9 Os. Orno Ah!
10 Camarão. Ida.
11 Amena Somos

Provérbio: ANTES EU MINTA QUE AS NOVIDADES

farmácias

Lisboa

Permanente

MARBEL – Av. Roma, 131 A Alvalade; **CASTRO** – Av. Almirante Reis, 76-A Anjos-Chile; **BASTOS ANDRADE** – Cç Santo André 107 Castelo; **NEVES** – Rua Bela Vista à Lapa 37 Lapa; **G. SILVA** Rua Francisco Tomaz Costa 3 AC Rego; **BIOTIFAR** – Rua D. João de Castro 27 B Rio Seco; **SÃO JOÃO DE DEUS** – Rua Pedro Ivo 1 A B Roma – Teatro M. Matos; **CARDEIRA** – Av. Duque de Ávila 32 C Saldanha; **CENTRAL ODIVELAS** – Alm. Inf. D. Henrique 1 Odivelas; **CRUZ CORREIA** – Est. Santo Eloi 41 A Pontinha

Reforço

ALCÂNTARA – Av. da República 74 A Av. República - Co. Pequeno; **PINHARANDA** – Rua da Rosa 94-96 Bairro Alto; **FRAZÃO** – Rua Cruz Sta. Apolónia 90-92 Caminhos de Ferro; **PORFIRIO** – Rua Francisco Metrass 59 B Campo de Ourique, **BASTOS** – Rua Morais Soares, 91 D Chile; **SALUS** – Rua Luciano Cordeiro, 73 Conde de Redondo; **ASCENSO** – Pç. do Norte, 11 A Encarnação, **SÃO TOMÉ** – Est. do Desvio, Lote 12 A Lumiar; **MARLUZ** – Cç. da Picheleira, 140 BC Picheleira; **IMPERIAL** – Av. Guerra Junqueiro, 30 B Praça de Londres; **SOUSA** – Est. de Benfica, 429-431 São Domingos de Benfica; **SÃO SEBASTIÃO** – Lg. S. Sebastião Pedreira, 1-3 São Sebastião; **BRITO** – Rua do Colégio Lote 32 B Brandoa; **VAZ MARTINS** – Rua António Ferro, 6 A Buraca; **NOVA** – Rua Açores, 11 A Olival Basto; **MATOS** – Tv. Prioras (Viv. Morgadinho) Prior Velho

Outra Banda

ALMADA – Central – R. de Olivença, 11-B (Tel. 2750504); **COVA DA PIEDADE – Morgado** – R. Cabo da Boa Esperança, 25-A (Tel. 2767356); **LARANJEIRO – A. Araújo** – Laranjeiro de Fora; **COSTA DA CAPARICA – Higiénica** – Av. da República, 23 (Tel. 2400020); **SESIMBRA – Leão** – Av. da Liberdade, 13 (Tel. 2233471); **BARREIRO – Mascarenhas Neto** – R. Almeida Garrett, 1 (Tel. 2076454); **SEIXAL – Soromenho** – R. Paiva Coelho, 38 (Tel. 2218560); **AMORA – Julieta Campos** – R. Ribatejo, 2 – Cruz de Pau (Tel. 2211131); **MONTIJO – Montepio** – R. Almirante Reis, 93 (Tel. 2310035); **MOITA – União Moitense** – Av. Dr. Teófilo Braga (Tel. 239025); **ALHOS VEDROS – Gusmão** – R. Cândido dos Reis, 30 (Tel. 204020); **ALCOCHETE – Nunes** – L. Coronel Ramos da Costa, 10 (Tel. 234137)

Linha de Cascais

ALGÉS – Cabrita – Miraflores (Tel. 2101486); **ALCABIDECHE – Carvalho** – Até às 21 horas; **PORTO SALVO – Ferreira Bastos** – Até às 21 horas; **CAXIAS – Nova** – R. Bernardim Ribeiro, 1-A (Tel. 242839) Até às 22 horas; **CARCAVELOS – Central** – Até às 24 e das 0 às 9 horas; **CARCAVELOS – Vilar** – Até às 22 horas; **S. DOMINGOS DE RANA – Godinho da Silveira** – Av. Saboia, 29-B (Tel. 260085) Até às 21 horas; **OEIRAS – Alcântara Guerreiro** – P. Residencial dr. Augusto Castro, Lote 10 (Tel. 2430691) Até às 24 e das 0 às 9 horas; **NOVA OEIRAS – Leal** – Até às 21 horas; **PAREDE – Grincho** – Av. da República, 87 (Tel. 2471204) Até às 24 e das 0 às 9 horas; **PAREDE – Junqueiro-Mendes** – Até às 21 horas; **AMOREIRA – Amoreira** – (Tels. 262313/267314) Até às 22 horas; **MONTE ESTORIL – Ostende** – R. de Espinho, 1 (Tel. 260391) Até às 21 horas; **CASCAIS – Nova** – Est. de Alvide – Fontainhas (Tel. 281044) Até às 21 horas; **Marginal** – Av Marginal (Tel. 280078) Até às 24 e das 0 às 9 horas

Linha de Sintra

AMADORA – Helénica – R. Elias Garcia, 2 (Tel. 933613) Permanente; **Girassol** – R. Elias Garcia, 17-C (Tel. 974161) Até às 22 horas; **DAMAIA – Confiança** – R. D. Maria II, Lote D (Tel 9710231); **QUELUZ – Correia** – L. do Mercado, 3 (Tel. 950906); **CAMARATE – Batalha** – R. Avelino S. Oliv.ª 5 (Tel. 2518669); **CACÉM Garcia** – Av dos Missionários, 2 (Tel. 2942181); **MEM MARTINS – Quimia** – Est. Mem Martins, 285 (Tel. 2910012) Permanente; **AGUALVA – CACÉM – Mira Sintra** – P. N. Torre, 310 Até às 20.30 horas; **MERCÊS – Claro Russo** – Até às 21 horas; **RIO DE MOURO – Riomouro** – Av. Óscar Mont.º Torres, 8 (Tel. 2960194) Até às 23 horas; **SINTRA – Simões** – Estefânia (Tel. 2930832) Permanente; **COLARES – Abreja** – (Tel. 299088)

Porto

(De dia e só até às 22 horas)

PASTELEIRA — Rua André de Resende, 92. Telef. 687011; **ALMEIDA CUNHA** — Rua Formosa, 327. Telef. 24874; **SAMPAIO** — Rua de Cedofeita, 636; Telef. 21782; **BIRRA** — Praça da Liberdade, 125. Telef. 26463; **MAFALDA** — Rua do Monte Cativo, 444. Tel. 481687; **SÃO JERÓNIMO** — Rua de Santos Pousada, 622. Telef. 54526; **CARDONA DOS SANTOS** — Rua D. Manuel II, 90. Telef. 315051; **ORIENTAL** — Rua do Bonjardim, 727. Telef. 27878.

(De dia e toda a noite)

CONTUMIL — Rua de Contumil, 540 Telef. 485755; **MARQUES DE MENDONÇA** — Rua do Ameal, 251. Telef. 487118; **COSTA LIMA** — Avenida da Boavista, 855. Telef. 60606; **VAZ TEIXEIRA** — Rua do Heroismo, 56. Telef. 52851; **SAÚDE** — Av. Combatentes Grande Guerra, 639.

Coimbra

ADRIANA — Praça da Republica, 20-22. Telef. 23609; **ESTÁDIO** — Rua do Brasil, 348, rés-do-chão. Telef. 72710.

cartaz de cinemas e teatros

abCINE 803055
Centro Comercial de Alvalade
Sala A — 13 anos
Às 14.30, 16.30, 18.30, 21 30 e 23.45
A GAIOLA DAS MALUCAS
Com Ugo Tognazi
«La Cage Aux Folles»
Sala B — 13 anos
As 14 45, 17, 19, 21.30 e 23.45 h
UMA MULHER IMPLACAVEL
Com Jane Fonda

ALVALADE 897480
Av. de Roma
Às 15.15, 18.15 e 21 30 h
VAMOS A ISTO RAPAZES
Com Bud Spencer, Terence Hill
Int men. 13 anos
3.ª Semana

APOLO 763319
Av. Júlio Dinis, 10-A
As 13 30, 15.30, 17.30, 19 30 e 21.30
Warren Beatty, Julie Christie e James Mason em
O CEU PODE ESPERAR
Hoje e todos os dias às 23.30 h
Não acons. men 13 anos
2001: ODISSEIA NO ESPAÇO
De Stanley Kubrick

AVIS 547163
Av. Duque D'Avila, 45
As 15.30, 18.30 e 21.30 h
Int. men. 13 anos
Entre o amor e o desespero para alcançar a liberdade!
A INOCÊNCIA E O CRIME
Com Rajesh Khanna e Mumtaz

BERNA 776098
Av. Marquês de Tomar
Às 13.30, 16.15, 19.00 e 21.30 h
Robert Powell, Anne Bancroft e Ernest Borgnine em
JESUS DE NAZARÉ
Primeira parte
Um filme de Franco Zeffirelli
Para todos – Colorido
3.ª Semana

CALEIDOSCÓPIO 795093
Campo Grande
As 14 00, 16 30, 19.00 e 21.30
Walt Disney Productions apresenta
AS AVENTURAS DE PETER PAN
P. T. – Technicolor
Falado em português

CASTIL 580194
Rua Castilho
Às 15.30 e 21.30 h
Int. men. 13 anos
Um dos filmes mais importantes do ano seleccionado para o Festival de Cannes
A SEGUNDA DIMENSÃO
(Despair)
Com Dirk Bogarde e Andrea Ferreol
Hoje não há a sessão das 18.30 h

CINEBOLSO 573407
Rua Actor Taborda, 27-B
às 12.30, 14.30, 16.45, 19, 21.30 h
As imagens jamais vistas dos obcecados do sexo
«DESESPEROS SEXUAIS»
Int. men 18 anos
Às 24 h.
Int. men. 13 anos
ATENTADO AO PRESIDENTE

CINE CAMÕES 324194
Rua do Loreto, 15
As 14 15, 16 30 e 21 30 – N ac. men. 13 a
O RECONHECIMENTO DA MÃE
c/Shabnam, Nadeen Qavi
um filme invulgar que mostra o poder máximo do amor materno

CITY CINE 549999
Rua Tomás Ribeiro, 34
Às 14.30, 16 45, 19 e 21 30 horas
Não acons. men 13 anos
Um milhão de espectadores em Paris já viram
A GRANDE CARRAPATA
Um êxito com Pierre Richard
As 23.45 h.
OS DIABOS

CONDES 322523
Av. da Liberdade, 2
As 14, 16.30 19 e 21.30
Int. m/13 anos
OS COMANDOS DA MORTE
c/Gregory Peck, Laurence Olivier James Mason

DOIS MIL 2100055
Av. Bombeiros Voluntários, Lote 113 - Algés
As 15.30, 18.30 e 21.30 h
Não acons. men. 18 anos
OS 7 MAGNÍFICOS LUTADORES

D. JOÃO V 971794
Praça Centro Comercial – Damaia
Amanhã, as 21.15 h
O HOMEM QUE GOSTAVA DE MULHERES

EDEN 320768
P. dos Restauradores, 21
Às 13.30, 16.15, 19.00 e 21.30 h
Robert Powell, Anne Bancroft, Ernest Borgnine em
JESUS DE NAZARÉ
Primeira parte
Um filme de Franco Zeffirelli
Para todos – Colorido
3.ª semana

ESTÚDIO 555134/5
Av. Afonso Henriques, 35
As 15.30, 18.30 e 21.30 h
Int men. 18 a
No jogo perverso do cinismo a dimensão emorme da paixão!
REFLEXOS DO PASSADO
com Terence Morgan e Lea Dregorn
Relização de Michael Papas

ESTÚDIO 444 779095
Av. Defensores de Chaves, 83
15.30, 18.30 e 21.30 h.
Int. men. 13 anos
Um homem não pode reconstruir o mundo sozinho
JUIZ FAYARD
«O XERIFE»
Um filme de Yves Boisset com Patrick Dewaere e Aurore Clement

EUROPA 661016
R. Almeida e Sousa, 35
15.15 e 21.30 h.
Não acons. men. 13 anos
Nada consegue pará-los!
CONVOY (O Comboio dos Duros)
Kris Kristofferson, Ali MacGram e Ernest Borgnige
Hoje
Não acons. men. 18 anos
SE... (IF...)
Um filme de Linday Anderson
Amanhã
Não acons. men. 13 anos
A ESTRELA
(Star)

IMPÉRIO 555134/5
Al. Afonso Henriques, 35
As 15 15, 18 30 e 21.30
Não acons. men. 13 anos
Marlon Brando, Gene Kackman e Christopher Reeve
SUPERMAN
Um filme de Richard Donner
Atenção horários sábado/domingo 4 sessões – 14.00, 16 30, 19 00 e 21.30
Filme após início das sessões

LONDRES 801313
Av. de Roma, 7-A
Às 14 15, 16.30, 18 45 e 21.30 h.
Int. men. 13 anos
O melhor retrato de mulher do cinema americano
C/Jill Calyburgh - Alan Bates - Michael Murphy
UMA MULHER SÓ
8.ª semana

MONUMENTAL 555131
P. Duque de Saldanha
Atençao ao horário especial para este programa
Hoje e Amanhã 3 sessões. às 15 15, 18.15 e 21.45h
n. acons. m/18 anos
OS COMANDOS DA MORTE
Gregory Peck, Laurence Olivier, James Mason

MUNDIAL 538743
R. Martens Ferrão, 12-A
Às 15.15, 18.30 e 21.30 h
«CALIFORNIA SUITE»
(Um Apartamento na Califórnia0
A mais fabulosa comédia do ano!
com Alan Alda, Michael Caine, Maggie Smith, Jane Fonda
Não acons. men. 13 anos
3.ª Semana

NIMAS 574362
Av. 5 de Outubro, 42-B
Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30 h
Não acons. men. 13 anos
AS HORAS DE MARIA
Um filme de António de Macedo

NOVOCINE 840678
Av. General Roçadas, 7
Hoje as 15.15 e 21.30
Int. men. 18 anos
Os prazeres e a sensualidade do Mundo
JOGOS DE AMOR
com Astrid Kilian e Horst Heuck
Contém cenas eventualmente chocantes

ODEON 326283/4
R. Condes, 12 a 20
Às 15.15, 18.15 e 21.30 h
Não acons. men. 18 anos
AMANTE MUITO LOUCA
filme brasileiro com os ídolos da TV Teresa Rachel, Setpan Nercessian e Jô Soares
2.ª semana

PATHÉ 821933
R. Francisco Sanches, 122
Às 14, 16.30, 19 e 21.30 horas
Para todos
A TÚNICA
Com: Richard Burton, Jean Simmons
3.ª Semana

POLITEAMA 326305
R. Portas de St.º Antão
Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30h n. acons. m/18 anos
Ursula Andress em
A MONTANHA DO DEUS CANIBAL
(na esteira do famoso «Último Mundo Canibal»)
2.ª Semana

QUARTETO 771378
R. Flores do Lima, 16
SALA 1
Às 14.30-16.45-19-21.15-23.30
(Não acons. m/18 anos)
SEGUNDA DIMENSÃO
Realiz.: Rainer Werner Fassbinder
SALA 2
Às 14.30-16.45-19-21.15-23.30
(Interdito m/13 anos)
O XERIFE
Realiz.: Yves Boisset
SALA 3
Às 14.30-16.45-19-21.15-23.30
(Não acons. m/18 anos)
CAVALEIROS DO ASFALTO
SALA 4
Às 14.30-16.45-19-21.15-23.30
(Não acons. m/13 anos)
NOITE DE CHUVA

RESTELO 610375
Av. Torre de Belém
Às 15.30 e 2[illegible] horas
Não acons. [illegible]
em 5.ª se[illegible]
Uma comédia de [illegible] amor e muito h[illegible]
UM INDOMÁV[illegible]LDE
com Clint E[illegible]

ROMA 887778
Av. de Roma, Lote J[illegible]
As 15 30-1[illegible]
Não acons. [illegible]
Uma aventur[illegible]
OS RAPAZES DA [illegible]HA C
O verdadeiro [illegible]

ROXY 548560
Av. Almirante Reis, 29
as 14.15, 16 30, [illegible]
Uma bestial mag[illegible]
O QUEBRA[illegible]OS
com Bud Spen[illegible]
N. Acons. m[illegible]
3.ª S[illegible]

SÃO JORGE [illegible]4-579344
Av. da Liberdade, 175
As 15.15, 18 3[illegible]
Esta comédia [illegible]
O FIM
(The End)
Burt Reynolds, Dom De Luise e Joanne Woodw[illegible]
Int. men 13 [illegible]

SATÉLITE 562632
Av. Fontes Pereira de Melo, 61
As 15, 18.15 e 21 30 h
Int. men. 13 anos
A força destrutiva de um mundo em construção
TERRA PROMETIDA
Daniel Olbrychski e Wojciech Pszoniak
Projecção do filme cinco minutos após o início da sessão

STAR 804210
Av. Guerra Junqueiro, 14-C
14.30, 16.45, 19 e 21.45
N. ac. m/13 anos
Divertimento em cheio!
A GRANDE CARRAPATA
7.ª semana

TERMINAL 371573
Estação do Rossio
às 11, 13, 15, 17, 19, 21.30 e 23 30 h.
O espantoso Louis de Funés no seu melhor filme de sempre!
«O GENDARME E OS EXTRA-TERRESTRES»
com Louis de Funés, Michel Galabru, Maurice Risch
Não acons. men 13 anos

TIVOLI 570595
Av. da Liberdade, 188
Sessões às 14.00, 16 30, 19.00 e 21.30
Walt Disney Productions apresenta
AS AVENTURAS DE PETER PAN
Para todos em Technicolor
Falado em Português

VOX 880808
Av. Fr. Miguel Contreiras, Lote 879
14.15, 16.30, 19 e 21.45
Louis de Funés no seu melhor filme!
O GENDARME E OS EXTRA-TERRESTRES
Não acons men 13 anos

PALÁCIO FOZ 367031
P. Restauradores
SEMANA DO CINEMA CUBANO
FILME: **MELLA**
Realização: Enrique Pinedo Barnett
Classificação: Não aconselhável a menores de 18 anos
Sessões: 15.15-18.15-21.15 h.
Iniciativa da Direcção-Geral da Acção Cultural em colaboração com a Embaixada de Cuba em Lisboa

ZODÍACO 57 01 51
R. Conde Redondo, 5
SESSÕES 13, 15, 17, 19 e 21.30 horas
Não acons a m/13 anos
GRAÇAS A DEUS É SEXTA-FEIRA
Com: Donna Summer Os Commodores
7.ª Semana

teatros

Lisboa

PALACIO GALVEIAS — «Tragédia Infantil», as 21.45 (13 anos)
TEATRO DA GRAÇA – «Feliz Natal Avozinha», às 22 (13 anos)
ABC – «Direita volver», às 20.30 e 22.45 (18 anos)
MARIA VITÓRIA – «E tudo São Bento levou», às 20.30 e 22 45 (18 anos)
MARIA MATOS – «A Familia», às 21.30 (13 anos)
D. MARIA II – «Os Filhos do Sol», às 21.30 (13 anos)
MONUMENTAL – «Um Zero à Esquerda», às 21.15 (13 anos)
VARIEDADES — Felizardo e C.ª Modas e Confeções», às 21.30 (13 anos)
COMUNA — «Perdidos numa Noite Suja», às 21.45 (18 anos)

Outros Espectáculos Lisboa

OLIMPIA – «Prazeres Raros», sessões permanentes (18 anos)
CAPITOLIO – «Sexo no Colégio», às 19.00, 21.00 e 23.00 (18 anos)
PARIS – «A Ponte do Rio Kwai», às 21.30 (13 anos)
CINEARTE — «Seis Raparigas Confessam-se», às 21.30 (13 anos)
ROYAL — «Avisem, os Espartanos», às 21.30 (13 anos)
PROMOTORA — «Um Cadáver de Sobremesa», às 21.30 (13 anos)

outros cinemas

Linha de Cascais

ESTORIL — Casino — «O Comboio dos Duros», ás 17 e 21.15 (13 anos)
ESTORIL – Palácio – «O Importante é Amar», às 21.15 (18 anos)
CASCAIS – S. José – «A Maldição», às 21.15 (18 anos)

Linha de Sintra

AMADORA – Cine-Plaza – «O Gendarme e os Extraterrestres», às 21.30 (13 anos)
AMADORA – Lido – «Superman», às 21.15 (13 anos)
AMADORA – Cinestúdio – «Priminha Meu Amor», às 21.30 (18 anos)
SINTRA – Carlos Manuel – «Êxtase», às 21.15 (18 anos)

Outra Banda

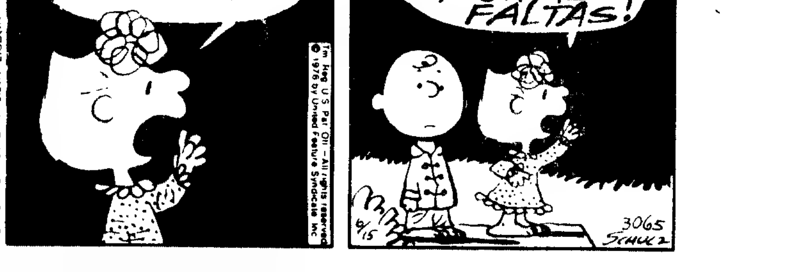
ALMADA – Academia – «Olhos Negros», às 21.15 (6 anos)
ALMADA – Incrível – «Alguém Anda a Matar os Grandes Chefes da Europa», às 21.15 (13 anos)
LARANJEIRO – Instrução e Recreio – «Vozes do Além», às 21.15 (18 anos)
SETÚBAL – Júpiter – «Pepe», às 21.15 (6 anos)

PÓVOA DE ST. ADRIAO – S. José – «Os 2 Missionários», às 21.30 (6 anos)

Porto

JÚLIO DINIZ – «Funeral assassino», às 21.30 (13 anos)
CHAPLIN — «Os Fugitivos», às 21.30 (18 anos)
LUMIERE — «O Expresso da Meia-Noite», às 21.45 (18 anos)
LUMIÈRE – Sala A «Uma mulher só», às 21.30 (13 anos)
S. JOÃO – «Peter Pan» 21.30 (6 anos) às às 21.30 (18 anos)
RIVOLI – «Amor e balas», às 21.30 (18 anos)
Batalha – Sala Bebé – «O Regresso dos Heróis» 21.00, 23.30 (int. 13 anos).
Batalha – «Par ou Impar» 21.30, 23.45, (13 anos).
Águia – «O Quebra Ossos» 21 30 (13 anos)
Charlot – «Amor e Balas» 21.30 (18 anos).
Coliseu – «Jesus de Nazaré» 1.ª parte 21.30 (Todos).
Estúdio – «A Verdadeira História de Bruce Lee», as 21.45 (13 anos)
FOCO – «Jesus de Nazaré» (2.ª parte) 21.30 (13 anos).
OLIMPIA — «O Sargento Rompiglion foi Despromovido», às 21.30 (13 anos)
Passos Manuel – «Jesus deNazaré» (2.ª parte) 18.15, 21.30 (13 anos)
CARLOS ALBERTO – «Os Olhos de Laura Mars» 21 45 (18 anos)
TRINDADE — «Superman», às 21.15 (13 anos)
VALE FORMOSO — «Terramoto», às 21 30 (18 anos)

lubrificantes
GALP
a máquina é exigente



DL

RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.

• ADMINISTRAÇÃO RUA CASTILHO 185 1.º TELEFONES 654531/2/3
• REDACÇÃO PUBLICIDADE E SERVIÇOS TÉCNICOS RUA LUZ SORIANO 44 TELEFONES 321154/5 328271/2/3 328229 372/81/2 PUBLICIDADE 368740
• SERVIÇO NOITE (DEPOIS DAS 21) PORTEIRO 321154 MENSAGENS GRAVADAS 328779
• ENDEREÇO TELEGRÁFICO DIBOA TELEX 12363 LISBOA PORTUGAL
• DELEGAÇÃO DO PORTO RUA DO ALMADA 30 2.º TELEFONES 20954/5

SUL DO LÍBANO

Milícias de direita proclamam independência?

O comandante da força de milícias direitistas estacionada no Sul do Líbano ameaçou proclamar um Estado independente na região por forma a impedir a movimentação de tropas libanesas para a zona.

«Declararemos amanhã a nossa independência», disse o major Haddad, tomando posição face à concordância de Israel em que tropas libanesas se desloquem para o sul do rio Thelitani.

Os Estados Unidos, através do seu embaixador em Telavive, pressionaram o Governo de Begin a autorizar o movimento militar em questão, cujo objectivo é contribuir para que as autoridades de Beirute recuperem a sua soberania no Sul do território.

Entretanto uma unidade militar libanesa foi ontem enviada para o Sul do território.

Composta de quinhentos oficiais e soldados e equipas com armamento pesado, as tropas libanesas deverão passar a noite na cidade costeira de Saida antes de seguir para Tiro e depois para a zona meridional, que se encontra sob o controlo das forças de paz da ONU.

Ao que parece, foram dadas ao Estado libanês novas garantias internacionais para o êxito desta operação, decidida em conformidade com a resolução 444 do Conselho de Segurança.

A Rádio libanesa anunciou hoje que o destacamento tinha entrado, na zona operacional da FINUL (Força da ONU, no Sul do Líbano).

Cúpulas do PSD e do CDS em encontros informais

Os presidentes do CDS e do PSD, Diogo Freitas do Amaral e Francisco Sá Carneiro, tiveram ontem um encontro nas instalações da Assembleia da República. Ter-se-á tratado da formação da «Frente Eleitoral Democrática», recentemente proposta pelo CDS e que integraria, além de centristas, o PSD, sociais-democratas independentes, o PPM e «reformadores».

Segundo um matutino, «O Dia» – o único a dar a notícia que esta manhã o «DL» confirmou –, terão estado em questão, no âmbito dos problemas que a «Frente» levanta, aspectos pontuais como a «liderança», por exemplo. O mesmo matutino garante que a troca havida ontem se caracterizou por «franco optimismo».

O «DL» não pôde confirmar, mas a crer no mesmo matutino, haverá hoje um encontro de cúpulas do CDS e do PSD – Sá Carneiro, Freitas do Amaral e outros dirigentes dos dois partidos – algures e para prosseguir conversações.

(Hoje 28 páginas)

Medeiros Ferreira e Barreto propõem Federação Democrática Reformadora

Medeiros Ferreira e António Barreto fizeram, finalmente, sair o seu «manifesto reformador» propondo o «aparecimento de uma nova formação política capaz de governar o país no sentido da sua transformação» e «saída de diversos centros de iniciativa». Será, no dizer dos autores deste documento, longo de quase três mil palavras vertidas em 21 páginas e subdivididas em 8 capítulos, uma «federação democrática reformadora» que «terá por fim contribuir para a constituição de uma maioria não conservadora e não revolucionária». Não escondendo a sua apetência pelo poder (de que entretanto acusam repetidamente os partidos parlamentares existentes) falam de governar como «fim último a que nos propomos».

São cinco os «pontos concretos» que o «manifesto» propõe como elementos aglutinadores de «entidades e forças agora dispersas»: anteceder ou acompanhar as novas eleições para a Assembleia da República de um **referendo**tendo em vista «uma revisão livre da Constituição»; disputar as eleições tendo como «leitmotiv» o que alegam ser a incapacidade das actuais forças políticas para governar ou para «estabelecer a necessária maioria democrática»; dar ao Presidente da República a «orientação de uma revisão constitucional concebida em termos experimentais e não ideológicos» e em que se «consagre a liderança presidencial conjuntamente com a mecânica de maiorias legislativas»; «lutar por uma Lei Eleitoral que permita maior participação directa dos cidadãos, em detrimento do actual monopólio partidário, mediante candidaturas personalizadas por círculos». O quinto e último ponto diz respeito à criação da Federação Democrática Reformadora propondo-a «assente numa base doutrinal rigorosa que permita um governo com autoridade e estabilidade».

Os autores do «manifesto» dizem-se de «inspiração socialista democrática» e propõem para o movimento que pretendem lançar «uma base social interclassista», tudo isto como alternativa ao «conservadorismo retrógrado, o imobilismo dos poderes constituídos e a aventura revolucionária totalitária». Contra estes «três males» (sic) dizem que se impõe, além da «revisão livre da Constituição» e da elaboração de uma lei eleitoral à medida dos seus desígnios, uma «reforma administrativa capaz de dotar o Estado democrático com um corpo de serviços eficazes que assegurem uma rigorosa integração na CEE».

O que classificam de «paralisia económica» e «desfalecimento da soberania portuguesa» são outros dois pontos-chave das propostas «reformadoras». Para o primeiro item propõem a «libertação social dos portugueses» traduzida em três «reformas»: agrária, industrial e da segurança social. Como alternativa para a sua segunda constatação falam da necessidade de «um maior poder nacionl do mundo» cuja concretização passaria pela «elaboração de uma política de defesa nacional encarada na sua concepção global» onde «a componente militar deverá ter um papel significativo no potencial português», pela «unidade de concepção e execução da política externa», pela «maior participação das regiões autónomas nas decisões de âmbito nacional» e, por último, pela «afirmação do poder local».

O princípio da «autoridade» é o vértice em que Ferreira e Barreto fazem assentar as suas «reformas». «Autoridade moral, técnica e política sem complexos» – dizem juntando ao apelo ao autoritarismo aquilo que classificam como «designio nacional» e o «apoio popular» como sendo «as alavancas do futuro de Portugal, as alfaias do desenvolvimento e da modernização».

Quatro dos capítulos do «manifesto» dizem respeito à reforma das instituições, do sistema social, do sistema económico e do sistema educativo.

Na assistência, enquanto Medeiros Ferreira lia o «manifesto», podiam ver-se alguns (significativos) nomes. Eis alguns: Rui Vilar, José Manuel Casqueiro, Ferreira do Amaral, Vasco da Gama Fernandes, Manuel Lucena, Pinto Balsemão, Alçada Baptista, José Manuel Morais Cabral, Nikias Scapinakis. Adicione-se um representante da Embaixada da França e, naturalmente, Sousa Tavares que aplaudiu Medeiros quando este terminou a leitura do documento.

Reforma das instituições: «A revisão constitucional deve dar origem a uma Constituição nacional, ou seja, culturalmente portuguesa. O Estado democrático, alicerçado na independência dos órgãos de soberania, tem de ficar ao abrigo do controlo pelo poder económico ou por uma força partidária, pelo que são úteis todas as formas de expressão e associação, dado que os partidos não esgotam a democracia nem o Estado» (...) «Quanto ao funcionamento da administração pública, a mais importante e necessária alteração é a que limita as funções do Estado às suas competências genéricas de orientação e serviço público, retirando-lhe o carácter de intervenção permanente, quotidiana e discricionária na vida civil».

Reforma do sistema social: «Prioridade deve ser dada à criação de instituições, regras e mecanismos de concertação social, conducentes ao estabelecimento de um clima de segurança, com promoção da responsabilidade partilhada entre indivíduos, parceiros sociais e Estado, devendo este dignificar o seu papel de legislador e árbitro em detrimento do de interveniente».

Reforma do sistema económico: «O vértice da nova política económica de que Portugal necessita reside na definição clara das prioridades, responsavelmente assumidas pela administração, pelo planeamento e pelas instituições de crédito. Tais prioridades não têm já discussão possível: agricultura e pescas, minas e outros recursos minerais, a economia marítima e a complementariadade europeia que a reforma industrial poderá assegurar».

Reforma do sistema educativo: (...)«O Estado praticará uma política de desenvolvimento acelerado da formação profissional, técnica e científica». (...) «A clarificação institucional dos organismos e empresas, nomeadamente estatais, deverá acompanhar uma consolidação da liberdade de informação, hoje frágil e insuficientemente assegurada, através da unidade orgânica e autonomia do Conselho de Informação».

No capítulo «Por um maior poder nacional no mundo», e o penúltimo do «manifesto» e que antecede as já citadas propostas de conquista do Poder, Barreto e Medeiros dizem que «o nosso poder nacional deverá afirmarse também pela concepção e execução de uma política externa convergente em alguns vectores» acrescentando: «Portugal é um país concentradamente europeu e atlântico que, por outro lado, possui laços transcontinentais localizados em África e no Brasil, afirmando-se pujante um mundo de expressão portuguesa. Tal realidade favorece a tese de que Portugal para se impor na Europa democrática, terá de haurir forças fora dele».

Este «manifesto», anunciado pouco depois da saída dos dois autores da Assembleia da República, em 1978, tem como antecendente o aparecimento, designadamente durante o II Governo constitucional, do bloco «presidencialista». Nesse sentido, o documento de Medeiros Ferreira e António Barreto penetra algumas teses que têm sido desenvolvidas por Ramalho Eanes e, neste sentido, se não envolve abertamente o Presidente da República, aponta claramente para Belém, constituindo mais um elemento importante nos dias politicamente agitados que antecedem a esperada comunicação presidencial em 25 de Abril.

Amnistia em discussão

Continuação da pág. 1

membro do CR pela Força Aérea que elaborou um parecer divulgado por um matutino, no qual defende a competência exclusiva do CR para a amnistia de faltas militares, fundamentadose na interpretação do art.º 148 n.ºs 1 e 2 da Constituição, em que, segundo a sua opinião, o conceito de disciplina é um conceito lato não se resumindo às faltas disciplinares consideradas pelo RDM, antes dizendo respeito a toda a matéria que salvaguarde o dever militar. O referido conselheiro defende igualmente que qualquer amnistia deve considerar, para além de aspectos humanitários, as repercussões no seio da instituição militar. Ribeiro Cardoso diz ainda que o projecto socialista é susceptível de violar o princípio de separação e interdependência dos órgãos de soberania (art.º 114) e como tal ferido de inconstitucionalidade.

LISBOA, VERBO AMAR

A bola

O menino subia a Rua do Carmo, encontrão daqui, encontrão dali. Se a mãe não lhe desse a mão com tanta força, ia na maré cheia como as pedrinhas e as conchas.

Foi quando se juntou muita gente e tiveram de parar. Logo calhou ser ao pé da montra. Ampla, como um céu aberto. De repente a gente sonha, ou lá o que é.

Um comboio eléctrico, às voltas, às voltas, a máquina, as carruagens doiradas. Urros de braços estendidos, a implorar o dono da sua vida. Pianos, lotos, uma bicicleta, colecções de automóveis-miniaturas. E no meio. No meio da montra. No meio da vida a bola de futebol. A bola a saltar de dentro de si própria, a penetrar nos olhos, nos pulsos, no sangue, a saltar nas frontes pelo lado de dentro.

Anda! – e a mãe puxou-o pela mão e quase o fez chorar de a apertar tanto. Ambos em silêncio, meia-dúzia de passos.

– Não pode ser, João – disse a mãe, agreste

– Eu não disse nada – respondeu o menino.

– Mas pensaste – disse outra vez a mãe.

O menino não saberá tão cedo das voltas e reviravoltas que o porta-moedas deu por dentro da cabeça da mãe. Mas não, não podia ser mesmo. Não podia.

O menino apenas reparou como os dedos da mãe estavam frios e suavam.

MÁRIO CASTRIM

tome nota

QUEM NOS DERA EM MAIO OU O ABRIL ENVERGONHADO DA RDP

Quando chega a altura do Eurofestival, eis que a RDP se desdobra em programas e programas sobre as cançonetas eleitas. Quando a Páscoa surge, eis que as antenas da RDP se transformam em campanários. Quando o Presidente Eanes vai ao estrangeiro, mesmo ao Leste, a RDP desfaz-se em crónicas.

Quando Abril começa, bom quando Abril desponta, quem nos dera já em Maio...

A CA da RDP ao saber que Maria Estrela Serrano, Maria José Mauperrin, Mário Figueiredo, José Manuel Gonçalves e Luís Filipe Costa iriam fazer alusões ao 25, arranjou logo maneira de não serem «os comunistas» a tratar da «efeméride». Assim, e com algum excesso de zelo, deve dizerse, o realizador dos programas especiais, está a apresentar discretamente ao sábado uns minutinhos sobre a data que mudou (pelos vistos não muito) este País. Consegue fazê-lo sem utilizar a «Grândola» ou a «Marcha do MFA». É tudo uma questão de imagem, bem se vê.

RDP – CONGESTÃO

Congestionada estaria a secção de transportes da RDP que não teve a possibilidade de levar da Rua do Quelhas à Rua de S. Marçal (mais ou menos 600 metros) algum material indispensável ao serviço.

Solução: o material foi de táxi.

Conclusão: a boa gestão continua.

A MÁSCARA DA LEGALIDADE

Se em vez da força dos votos, as urnas apenas lhe derem a razão de ter sido candidato, o general Galvão de Melo da derrota tiraria vantagem: «... a vantagem de fazer cair, definitivamente, a máscara. Caída a máscara, descoberta a mentira, a Nação autêntica, os militares autênticos, ficariam desobrigados da obediência que, de momento, acentam. Esperamos que assim não seja necessário.»

O quê? A desobediência dos militares?

Para onde vai senhor general?

CACILHEIRO OCUPADO NO SEIXAL

"Há que criar um nó fluvial" – afirmou ao "DL" Eufrázio Filipe

Com o compromisso expresso pela Transtejo de assegurar todas as carreiras habituais, encontra-se neste momento normalizada a situação vivida até cerca das 22 horas de ontem, no Seixal, quando os passageiros do barco «Zagaia», e mais tarde, algumas centenas de populares, ocupara o cais daquela vila, como forma de protesto contra a tentativa, (não concretizada), da companhia, em suprir a carreira programada para as 8 horas desta manhã.

«A desculpa era a de que precisavam hoje, do barco para fazer a carreira de Cacilhas, onde tinham dois barcos avariados, mas nós já sabemos que uma cedência agora poderá significar, a curto prazo, o corte total das carreiras entre o Seixal e Lisboa, como já aconteceu com Alcochete», afirmou ao «DL» um dos cerca de duzentos utentes, que, diariamente, utilizam aquele meio de transporte.

Idêntica é a posição do presidente da edilidade local. Eufrázio Filipe, que nos frisou: «Não há que ceder neste ponto: a Transtejo pretende acabar com a carreira, utilizando falsos argumentos (de que a carreira não é rentável por exemplo) e nós não podemos ceder. E isto porque ao contrário do que os responsáveis da companhia afirmam a via pode ser rentável, se melhorarem as condições da travessia, com barcos minimamente aceitáveis, e não com os agora utilizasdos, em que prqticamente as pessoas têm de viajar com o guarda-chuva aberto, para além de, nos dias mais agrestes, ficarem imobilizados a duzentos metros do cais. «Não pedimos muito – concluiu Eufrásio Filipe – mas apenas barcos, tipo «cacilheiros», mesmo dos que já têm quarenta anos, levando à formação de um nó fluvial que libertasse a auto-estrada, a Estrada Nacional n.º 1 e Cacilhas, facto que com a aplicação do Plano Siderúrgico Nacional, e a fixação nesta zona de mais cinco mil operários, se tornará mais do que imprescindível».

Entretanto, a Transtejo confirmou esta manhã ao «DL» a sua intenção de manter, sem intrrupções, pelo menos nos tempos mais próximos, as carreiras habituais: entre o Seixal e Lisboa, às 8 e às 19 horas. Do Terreiro do Paço para o Seixal, às 18 e 15 e às 19 e 45.

N.º 6/79 ● Quarta-feira, 19 de Abril de 1979

MESA REDONDA

Contraponto de opiniões

NESTE SUPLEMENTO

Sindicalismo unitário teoria e prática

participam

Silveira Ramos
Gonçalves André
Ramiro de Freitas
José Morte

O MDP/CDE constitui uma das forças políticas que mais atenção dedica ao movimento sindical. A sua acção passa, contudo, despercebida do grande público, já que fiéis a um espírito unitário, forjado nos anos sessenta na CDE, os seus militantes não arvoram diariamente a bandeira da sua filiação partidária. Apesar disso, é de grande riqueza a sua componente de quadros sindicais, bem como forte a percentagem de quadros técnicos e trabalhadores de serviços que engloba.

O MDP organizou no passado mês de Março, a 10 e 11, o seu primeiro encontro nacional de activistaś sindicais.

A mesa-redonda que a seguir se apresenta é motivada pelo encontro referido e permite aquilatar das posições serenas face ao movimento sindical unitário.

Participam na conversa, que resumimos, Silveira Ramos, responsável pelo sector de trabalho do distrito de Lisboa; Gonçalves André, activista sindical; Ramiro de Freitas, do Secretariado da União de Sindicatos de Lisboa, e José Morte, da União de Sindicatos de Torres Novas.

Sindicalismo é a prática da unidade
Esta é a prática do MDP

Silveira Ramos, como se disse, responsável pelo sector do Trabalho do MDP no distrito de Lisboa, começa por se referir aos objectivos do encontro de activistas sindicais daquele partido.

Silveira Ramos – Este encontro nasce como consequência do 3.º Congresso, efectuado pelo MDP em Julho passado e que definiu o reforço e organização das bases profissionais e das bases do local de trabalho, como uma das frentes principais. É no âmbito das conclusões do Congresso que se pode compreender o conjunto de iniciativas que o MDP tem realizado nos vários domínios de intervenção. Este congresso tornou a afirmar o MDP como uma força indispensável para a defesa e construção de uma sociedade democrática, aberta para o socialismo, tendo clarificado algumas questões importantes para a compreensão deste encontro de activistas. Em primeiro lugar, ele reafirmou o MDP como um partido político e, consequentemente, o aprofundamento da sua base organizativa, do seu projecto político e das suas linhas de actuação, de molde a permitir uma maior capacidade de intervenção e de mobilização. Em segundo lugar, reafirmou a intenção de participação do MDP nas várias áreas do Poder, ou seja, social, central ou de poder local e aos vários níveis, seja ao nível regional, seja ao nível nacional, incluindo uma participação mais activa do MDP em todos os processos eleitorais. E dentro deste quadro geral que devemos entender a realização do Encontro Nacional de Activistas Sindicais.

Não fomos à procura de soluções concretas e pormenorizadas para as questões específicas do movimento sindical, porque entendemos que elas devem ser encontradas nas próprias estruturas dos trabalhadores. Algumas dessas questões foram abordadas pelo nosso encontro, nomeadamente as referentes à democracia interna, por exemplo, mas sempre em termos gerais. Todavia, é de sublinhar que o objectivo mais geral do encontro era contribuir para a definição da posição do MDP/CDE no movimento unitário dos trabalhadores, uma orientação colectiva no sentido do aumento da nossa capacidade de intervenção. Foram estes objectivos que reuniram nos dias 10 e 11 de Março na «Voz do Operário» mais de duas centenas de activistas sindicais, dirigentes, delegados ou membros de comissões de trabalhadores. Com base no trabalho apresentado e desenvolvido, vai ser em breve divulgada uma publicação com as conclusões gerais e algumas questões específicas do movimento unitário de trabalhadores, que traduzem, finalmente, as posições do MDP. O MDP tem a sua principal base social de apoio nas camadas médias, daí que a participação regional e profissional não fosse homogénea, o que é compreensível. Em termos de sectores de trabalho, a base social de apoio encontra-se sobretudo nos trabalhadores de serviços.

DOS ANOS SESSENTA ATÉ HOJE

DL – O MDP/CDE não constitui, aparentemente, uma força de primeira grandeza no movimento sindical, não aparece constantemente como líder de movimentos dos trabalhadores, em termos de eleições sindicais, por exemplo, daí que seja interessante saber qual tem sido o desenvolvimento da sua implantação e da sua linha de acção.

Gonçalves André – Sobre a importância real do MDP no movimento sindical, e para que se possa compreender melhor o que depois se dirá, talvez fosse melhor recuar no tempo e começar por dizer que não será exagero afirmar-se que a orientação traçada na CDE de 1969 é um marco importante, quer na luta dos trabalhadores, quer no desenvolvimento da estrutura sindical portuguesa. Estamos assim em 69, naquilo a que no período do fascismo se convencionou chamar de «Primavera marcelista». Por força das próprias contradições do regime a CDE tem um papel importantíssimo no aparecimento de novas formas de actuação sindical dos trabalhadores, a principal das quais é a conquista das direcções sindicais fascistas por elementos da confiança dos próprios trabalhadores, representando os respectivos sectores profissionais, sendo daí que o MDP retira as suas origens para o trabalho militante no campo sindical. Naturalmente que esta CDE tinha a participação de outras correntes e forças sindicais, mas não podemos esquecer a importância dos militantes do MDP propriamente ditos.

DL – Na altura o CDE era uma plataforma de apoio de toda a Oposição, praticamente...

Gonçalves André – Era um ponto de encontro, no fundo, sem uma estrutura que nós possamos classificar correctamente, mas a verdade é que existia de facto no seu seio todo o conjunto de forças que se opunham à ditadura fascista, congregadas num espírito que dominava todas as pessoas e organizações nela representadas, que pode ser apontado como a génese do próprio MDP. Uma orientação profundamente unitária, profundamente virada para os problemas das populações profissionais, das regiões ou dos grupos, sempre numa perspectiva de abordagem que respeitasse o **maior** número. É daí que nasce o grande espírito unitário do MDP. A luta nos sindicatos e a outros níveis, para além de ter o denominador comum da unidade, tinha também uma perspectiva de defesa de uma sociedade mais justa, transformada, socialista.

Em 1973, no Congresso de Aveiro, uma realização também da CDE, como plataforma unitária, podia, apesar disso dizer-se que se delineava já a actuação particularizada de um ou outro sector. No sector do trabalho, por exemplo, reivindicam-se a liberdade sindical, a contratação colectiva, a livre escolha dos dirigentes, o direito à greve, à manifestaão, enfim, os direitos sindicais que estão hoje adquiridos e consagrados na Constituição. Deste conjunto de acções ressalta uma característica fundamental e que ainda hoje persiste no movimento sindical: é o prestígio real de muitos militantes do MDP que trabalham a todos os níveis da estrutura do movimento sindical unitário, sem que reivindiquem constantemente a bandeira da sua filiação. Nós entendemos o movimento sindical como, fundamentalmente, um movimento de massas e de classe que tem por base a unidade de todos os trabalhadores. É esse o motivo pelo qual não é visível o peso real dos militantes do MDP. Diria que o peso do MDP só não é visível por essa razão.

OS PRINCÍPIOS BÁSICOS

DL – O José Morte poderia falar-nos agora dos princípios bá-

➧

MESA REDONDA

Para o MDP o movimento sindical deve organizar-se segundo cinco princípios: de classe, de massas, unitário, democrático e independente.

sicos em que assenta a linha do MDP face ao movimento sindical.

José Morte – Para o MDP/CDE o movimento sindical deve organizar-se segundo cinco princípios: de classe, de massas, unitário, democrático e independente. O movimento sindical é para nós uma forma específica de organização dos trabalhadores com vista à defesa, promoção e prossecução dos seus interesses colectivos, na luta pela construção da sociedade sem classes, a sociedade socialista. É pois, enquanto organização de trabalhadores, uma organização de classe, pelo que necessariamente apenas engloba uma parte da sociedade, aquela que vende a sua força de trabalho. E, dado que os interesses fundamentais dos trabalhadores são os mesmos, o movimento sindical tem de ser encarado de uma forma unitária. Entendemos, da mesma forma, que as divergências ideológicas e de opinião entre os trabalhadores não são relevantes no sentido de forçarem a divisão da sua estrutura de classe. Esta responde aos problemas comuns dos trabalhadores, à defesa dos interesses colectivos, à sua emancipação como classe. O movimento sindical terá de ser de massas, pois é fundamental, é necessário, que os trabalhadores consigam uma grande organização para lutarem pelos seus direitos contra os seus inimigos de classe. É preciso por isso que os trabalhadores se organizem para poderem expressar os seus anseios mais profundos. É fundamental, igualmente, a unidade sindical para que se não perca a característica de grande organização de massas. Os interesses colectivos dos trabalhadores e a necessidade de transformação da sociedade são pontos comuns a todos eles, independentemente da sua opção política, ideológica ou partidária, de credo religioso ou do facto de se tratar de um quadro técnico, operário ou de trabalhador de serviços. O MDP considera prejudiciais as posições obreiristas como elitistas. O desenvolvimento da luta de classes, a defesa dos interesses e direitos dos trabalhadores passam assim por uma perspectiva unitária do movimento sindical. A preservação desta perspectiva unitária é, para nós, conseguir que a nível dos sindicatos se consiga uma forte dinâmica entre todos os trabalhadores e não apenas entre os mais conscientes. A falsa unidade deve ser banida, já que ninguém ganha com a paz quando ela é podre, a não ser os inimigos dos trabalhadores. Donde, a necessidade de fortalecer a democracia no seu funcionamento interno. É muito importante que os trabalhadores sintam, a qualquer momento, que as resoluções tomadas são as que resultam da sua participação. No que toca à democracia refira-se ainda a exigência da sujeição das minorias às maiorias e o respeito daquelas por estas, a livre eleição e destituição dos órgãos a todos os níveis, mas fundamentalmente a participação dos trabalhadores nas deliberações dos organismos sindicais. A unidade e democracia pressupõem independência. Por isso, o movimento sindical deverá continuar a ser independente e autónomo em relação a todas as organizações partidárias, do Estado ou religiosas... Infelizmente algumas pessoas estranhas ao movimento sindical e mesmo alguns sindicalistas que fazem da confusão uma constante, tendo-se convencido de que pela via reformista conseguirão humanizar o capitalismo, quando se fala em unidade e democracia, afirmam que independência implica ausência de luta ideológica. Na óptica do MDP, o movimento sindical deve ser apartidário, mas não apolítico. Para nós há aspectos ideológicos na actividade do movimento sindical relacionados com os interesses que estão na base da sua constituição. Claro que é necessário ter uma posição clara sobre a luta e classes. É preciso saber-se com correcção a natureza das relações de classe existentes. Seria hipocrisia ignorar que na luta pelos seus interesses os trabalhadores se chocam com a política do patronato e do aparelho do Estado. Perguntamos, com que intenção neste país se começou a falar de pacto social e os organismos do patronato e os representantes governamentais quando se referiam aos sindicatos usavam o termo «parceiros sociais». Para nós isso são evidentes sinais de desnorteamento e a tentativa desesperada de conter as justas reivindicações dos trabalhadores. Uma das tarefas do MDP é fazer com que a classe operária não seja isolada como força oposta aos inimigos do progresso e do socialismo.

QUESTÕES QUENTES DO SINDICALISMO

DL – Para além destas questões de âmbito geral existem problemas concretos, como o controlo de gestão, a verticalização, o divisionismo, a integração dos quadros técnicos e trabalhadores de serviços, a repressão patronal, etc.

Ramiro de Freitas – Para se falar na democracia interna, tem de ter-se presente o conteúdo de classe associado ao princípio da ampla participação dos trabalhadores, o que conduz à recusa esporádica de uma mera democracia formal, estabelecida através da consulta esporádica dos trabalhadores através de votações. Na perspectiva sindical que o MDP defende, são condições básicas da democracia interna, entre outras: a igualdade de direitos e deveres de todos os membros de uma associação sindical, seja no sindicato, na secção de empresa, seja dos sindicatos na federação, na união ou na confederação. A participação activa na vida sindical, como direito e dever de todos os trabalhadores; o direito de eleger ou ser eleito para todos os órgãos das organizações sindicais; o direito de, a qualquer momento, os associados do órgão deliberativo da associação sindical poderem destituir os órgãos dirigentes; o diálogo fraterno entre os diferentes grupos profissionais de uma mesma associação sindical e não hegemonia nos planos específicos de cada grupo profissional pelos grupos profissionais mais numerosos. A subordinação da minoria na aplicação das decisões da maioria. Seria exaustivo continuar, embora esteja defefinida assim a nossa concepção sobre a democracia interna. Contrariamente à prática dos divisionistas da UGT, o movimento sindical unitário tem mantido uma ampla democracia interna podendo afirmar-se que são, em geral respeitadas as condições básicas enunciadas. Fenómenos de dogmatismo, sectarismo ou dirigismo têm acontecido aqui e além, mas devem ser entendidos como fruto das dificuldades da luta sindical do pós-25 de Abril e por vezes até fruto da inexperiência de alguns dirigentes sindicais do que ausência generalizada de respeito pelas regras de democracia interna.

DL – Interrompo para vos perguntar o que pensam sobre a questão do órgão máximo do sindicato e das consultas eleitorais. Existe uma corrente que pretende, através da alteração dos estatutos das associações sindicais, não apenas modificar os mecanismos de participação, como a estrutura dos órgãos deliberativos. Estão neste caso, o Congresso, o referendo e a votação nos locais de trabalho.

Gonçalves André – Na base dessas questões estão problemas sérios que é necessário definir com exactidão. É evidente que o movimento sindical, as estruturas representativas dos trabalhadores têm de ser fortemente participadas. As soluções terão de corresponder ao estudo, ao debate e à participação. Teoricamente este é um problema pacífico. Vejamos como se resolve na prática. Pensamos que é a assembleia geral o órgão que melhor responde, teoricamente, a este tipo de questões, porque, antes de ser decidido o que quer que seja, é aí que se discute pelos interessados a problemática real. Simplesmente levantam-se problemas que são importantes e a que é necessário dar atenção, nomeadamente os que decorrem da diversidade de locais de trabalho, de dispersão geográfica. Nesse ponto, importa, tendo em atenção a necessidade de fortalecer os sindicatos, o reforço dos mecanismos de participação e decisão. Daí que se ponha o problema de encontrar novas soluções para esta questão. Pela nossa parte, continuamos a pensar que a melhor forma de os trabalhadores participarem e discutirem é a assembleia geral...

DL – Poderia também mencionar o referendo...

foi colocada. Se sim ou não a um aumento de salário, se sim ou não à filiação neste ou naquele organismo. Isto não é uma forma de democracia real, segundo o nosso ponto de vista. Essa faz-se num local onde os trabalhadores participem, onde possam apresentar novas propostas, ou diversas achegas para a discussão. Após este processo de debate, se se fizer um referendo, então sim, aceitamos esse método.

Silveira Ramos – Poderíamos ainda dizer que consideramos que o referendo em si não deve ser condenado como processo antidemocrático. As condições em que se realiza é que garantirão ou não a sua democraticidade. Dizemos, até, que o referendo poderá ser uma forma de culminar um vasto debate em assembleias regionais descentralizadas. Este não é assim um assunto esgotado, que deve ser desenvolvido, mas a nossa posição é esta.

DL – permitam-me insistir em vos pedir a opinião sobre a tendência que defende a subordinação da assembleia geral ao Congresso.

Silveira Ramos– Nós não concordamos com essa subalternização. Pensamos que deve ser reforçada a discussão dos problemas em Assembleias Gerais, incluindo as assembleias gerais descentralizadas, é um problema que está na ordem do dia mas que não deve conduzir à subalternização das Assembleias Gerais através do Congresso. Pensamos ainda que deve ser aumentada a forma de participação directa, representada pe

Gonçalves André – O processo do referendo é também uma falsa questão se equacionada em termos verdadeiramente democrátricos. Se o referendo é uma forma de votação que termina uma ampla discussão em que participa o maior número de pessoas, o referendo não é mais que uma votação. O que está em causa no referendo não é a palavra «referendo» nem a forma de o executar: a votação secreta. O que está para nós em causa, é o aparecimento de uma questão que é, à partida, colocada sem a discussão prévia pelos trabalhadores, sem possibilidade de alteração visto não haver pelo meio participação e debates, limitando-se os trabalhadores a dizer sim ou não a uma questão que previamente lhes

Silveira Ramos

Gonçalves André

Ramiro Freitas

José Morte

delegados sindicais, mas que isso não signifique a substituição das Assembleias Gerais.

VERTICALIZAR: UM OBJECTIVO

DL – Existem ainda por abordar alguns pormenores relativos à organização e métodos do sindicalismo. Um deles é o da votação nos locais de trabalho.

Gonçalves André – Em relação à votação no local de trabalho, não vemos qualquer inconveniente. É inclusivamente uma forma de facilitar a participação, desde que esse aspecto não esqueça a discussão prévia do objecto da votação. A questão da democraticidade passa aí. Sem conhecermos as pessoas a eleger, sem conhecermos a matéria que vai ser votada, sem o conhecimento prévio da representatividade que as pessoas a eleger receberam, não é possível falar-se em democraticidade. É assim preciso vermos que democracia existe na perspectiva dos trabalhadores, que o movimento sindical é um movimento de classe.

DL – A verticalização, o controlo de gestão, a formação de novas centrais sindicais, os despedimentos de delegados sindicais, bem como uma repressão generalizada dos direitos sindicais nas empresas constituem outro conjunto de questões a encarar.

Morte – Verticalizar para nós significa unir, e unir na mesma organização sindical os trabalhadores que exerçam a mesma profissão na mesma empresa e na mesma actividade económica. Para nós, o processo de verticalização tende para a formação de grandes sindicatos por actividade económica.

A existência de sindicatos por profissão é o fracasso da organização dos trabalhadores. Enfraquece-lhes a organização, retirando-lhes poder reivindicativo face ao patronato, nos aspectos económicos e face ao Governo, nos aspectos políticos. Seria escusado recusarmos a horizontalização do movimento sindical. O reforço do movimento sindical passa pela verticalização sindical, forma avançada de organização, e no fundamental cria condições para aumentar a democracia e a unidade interna, dificultando os movimentos divisionistas, melhorando os processos de contratação colectiva e permite finalmente melhorar o aproveitamento dos quadros, funcionários e meios materiais e financeiros do movimento sindical. Desenvolver-se uma linha sindicatos - federações - confederações, em que à federação, como associação de sindicatos do mesmo sector de actividade, caberia um papel predominante relativamente à negociação da contratação colectiva, na intervenção em conflitos de trabalho e na participação do estabelecimento e controlo dos planos económico-sociais. O MDP não encara a verticalização de um ponto de vista estático, mas sim como um processo evolutivo adequado às situações e necessidades concretas da organização sindical, tendo em conta o próprio grau de consciência dos trabalhadores quanto ao interesse da verticalização. Para nós os contratos colectivos de trabalho verticais são um passo importante no sentido de desbravar as futuras dificuldades na verticalização, pois ajudam a definir o sector, levam-no a um maior entendimento comum dos problemas específicos das várias profissões verticalizadas, permitem as diferenças remuneráveis em qualificações semelhantes, facilita a aproximação das condições sociais do trabalho. Pensamos que é necessário percorrer etapas e respeitar categorias profissionais, devendo evitar-se a aplicação simplista dos planos de verticalização estabelecidos previamente definidos sem o conhecimento aprofundado dos sectores e respectivas empresas, avançando-se de forma coordenada em todos os sindicatos interessados. Um aspecto importante é o de que as verticalizações devem basear-se em decisões colectivas através de assembleias gerais dos trabalhadores a verticalizar. Em nosso entender, deve dar-se uma atenção especial aos trabalhadores de chefia, de serviços e quadros técnicos, procurando acautelar os interesses específicos das categorias profissionais que se tornarão minoritárias sindicatos verticais.

DL – Nos processos de verticalização encetados, qual tem sido a reacção dos trabalhadores interessados e as dificuldades encontradas?

Gonçalves André – É evidente que nesta fase se assume um pouco como um ideal, já que o bairrismo, as divisões regionais, o sentimento do «meu» sindicato, o «meu» dirigente sindical e até o próprio dirigente sindical. Toda essa mentalidade que foi criada pelo fascismo no sentido de dividir as pessoas, e os bairrismos, têm a sua incidência no movimento sindical. Os trabalhadores têm de ser ganhos a pouco e pouco para a necessidade da verticalização, com base na explicação e na percepção que eles tenham do fortalecimento da sua estrutura sindical. Por outro lado tem de se observar o problema dos quadros técnicos que não têm recebido a atenção devida, o mesmo se podendo dizer dos trabalhadores de serviço e especializados. Os seus problemas são os mesmos e eles também só têm a lucrar em estar englobados, com as ressalvas feitas pelo José Morte. Isto tem a ver, particularmente, com os despedimentos. Estes são normalmente de dois tipos: ou selectivos ou em massa. Nós estamos neste momento a assistir com maior incidência aos despedimentos selectivos que atingem os activistas sindicais, os melhores quadros, os melhores defensores dos seus camaradas de trabalho. A verticalização pode responder a estas questões desde que bem percebida pelos trabalhadores e esta é uma das principais tarefas que para já se põe à estrutura sindical.

No campo da repressão patronal, esta verifica-se também ao nível dos quadros técnicos. Quem, por motivos políticos, está apostado no descalabro económico e financeiro do País são as entidades patronais, não são os trabalhadores. O grande patronato e o imperialismo tenta não só reprimir os trabalhadores dentro dos quadros sindicais, mas também os melhores quadros empresariais. Desta repressão patronal resulta a necessidade dos trabalhadores estarem cada vez mais unidos. Por isso os agentes da divisão e do capitalismo, que são os mesmos, têm conseguido enganar alguns trabalhadores de serviços com o argumento da diferenciação de interesses. Todos os trabalhadores por conta de outrem são vítimas da mesma exploração capitalista. Vejamos apenas quem são os apoiantes da divisão. São as forças que apoiam o capitalismo em Portugal, são os jornais da direita, a imprensa fascista, os representantes da exploração desenfreada, da perda das liberdades, do 24 de Abril.

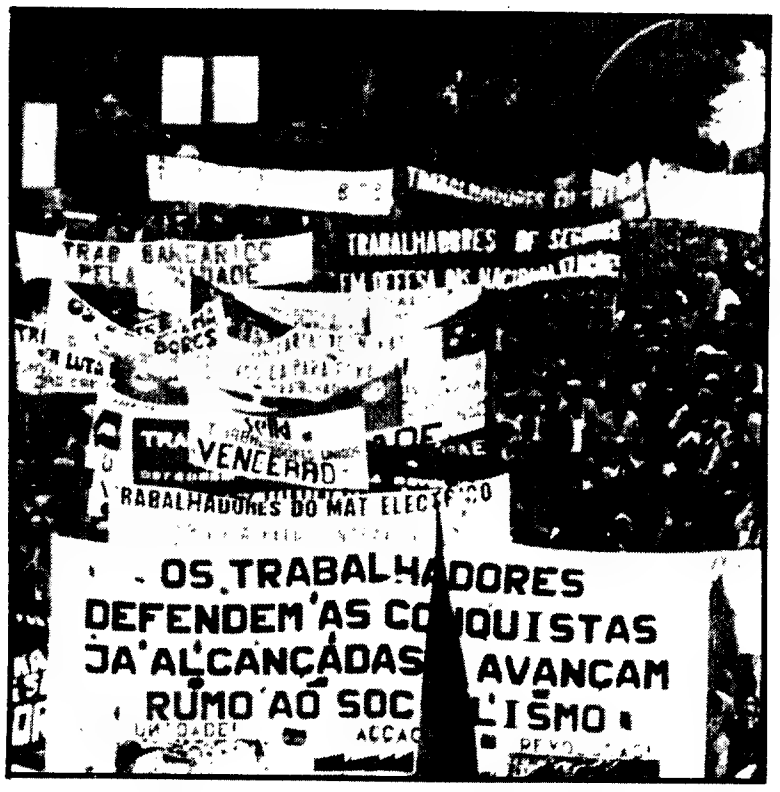
Vejamos qual o argumento dos divisionistas: a democracia interna. É preciso que nos entendamos. A democracia é a regra da maioria. Sendo assim, só são democratas aqueles que depois de participarem, de discutirem e de debaterem, se sujeitem a uma votação e aceitem as regras da maioria. Isso não acontece com os divisionistas. Estes, cada vez que estão em minoria desaparecem. O argumento da democracia não colhe. Os exemplos aí estão com a abertura do movimento unitário em numerosas ocasiões que redundou sempre numa total incapacidade de diálogo e fuga às responsabilidades através de posições individualistas e de cisão no movimento sindical.

COMISSÕES DE TRABALHADORES

DL – Outro dos pontos interessantes na organização sindical diz respeito ao papel a desempenhar pelas Comissões de Trabalhadores e pelo controlo de gestão. O MDP terá uma opinião a este respeito, e o Ramiro de Freitas poderá aproveitar para nos falar das tarefas fundamentais que neste momento se colocam perante os activistas sindicais, na perspectiva do encontro de Março que realizaram.

Ramiro de Freitas – as Comissões de Trabalhadores, cujos antecedentes se encontram nas Comissões de Unidade que se formaram no antifascismo, obtiveram uma dinâmica própria no 25 de Abril, não podendo, no entanto, ter deixado de reflectir na sua acção inicial, a inexperiência e carências dos trabalhadores nos campos da organização e ideológico. Tiveram, porém, um papel predominante, desde o 25 de Abril, no aumento da combatividade e de consciência revolucionária das classes trabalhadoras. Como organizações populares de base, reconhecidas pelo texto constitucional, continuam a desempenhar um papel importante na aproximação dos trabalhadores de diferentes empresas, de uma região ou sector de actividade. O fenómeno da unidade aparece claramente nos fenómenos de luta dos trabalhadores. Em termos gerais, tendo em conta a carência em estabelecer formas de coordenação entre CT's e estruturas sindicais da empresa, o MDP pensa que o seu âmbito deve definir-se em torno do controlo da produção, como actividade principal, para além de intervir na definição das regras de relação entre a gestão e os trabalhadores, nos aspectos sociais do trabalho na empresa, no estabelecimento de cadernos reivindicativos, convenientemente articulados com a luta da contratação colectiva, em aspectos ligados à intervenção dos trabalhadores na elaboração e controlo do planeamento sectorial e nacional e na dinamização de actividades sociais, culturais, recreativas e desportivas da empresa. Quanto ao aspecto do controlo da produção, deve começar por dizer-se que esse é um direito constitucional e é parte integrante da defesa da Democracia. O controlo de gestão tem como principais objectivos a anulação da sabotagem económica por parte do patronato, bem como do aparelho de Estado, permitindo, simultaneamente, um aprofundamento dos conhecimentos dos trabalhadores relativos à vida económica da empresa e à gestão dos serviços.

Finalmente e para terminar a



> O reforço do movimento sindical passa pela verticalização sindical, forma avançada de organização, e no fundamental, cria condições para aumentar a democracia interna, dificultando os movimentos divisionistas, melhorando os processos de contratação colectiva, o aproveitamento dos quadros, funcionários e meios materiais e financeiros do movimento sindical.

MESA REDONDA

O sindicalismo para o MDP é uma forma específica de organização dos trabalhadores com vista à defesa, promoção e prossecução dos seus interesses colectivos, na luta pela construção da sociedade sem classes

resposta à pergunta que me fez, gostaria de enumerar as principais tarefas dos militantes do MDP/CDE. A primeira é a participação nas organizações unitárias. Depois, alargar essa unidade e combater o divisionismo, fomentar a unidade entre os diversos grupos socioprofissionais, dialogar com as outras forças políticas, preservando a independência do Movimento Sindical e dinamizar o controlo de produção.

Silveira Ramos – Gostaria de acrescentar que, para além destas frentes de trabalho de ordem geral, inserimos a nossa acção num plano de luta mais geral do povo português. Perante as dificuldades e complexidade do processo político que se iniciou a 25 de Abril e posterior viragem à direita do poder político, subordinado às pressões do imperialismo e das forças conservadoras internas, nós pensamos que a força do movimento popular continua a ser a componente maior do processo político português. Dentro dele a força do movimento sindical tem sido realmente decisiva na aglutinação dos trabalhadores. Por isso mesmo o MDP/CDE considera que as organizações unitárias dos trabalhadores não devem limitar-se a uma perspectiva sindical restrita de luta reivindicativa e mesmo só de perspectiva profissional. Devem, inclusivamente, lutar pela defesa e consolidação das transformações democráticas da sociedade, tanto ao nível material como ao nível da consciência, nomeadamente nas frentes de luta comuns às organizações unitárias, como a defesa das liberdades e da democracia, das transformações do 25 de Abril, da Constituição. Neste capítulo, o de defesa da Lei Fundamental é imperativo pelo que representa no reconhecimento legal das profundas transformações económicas, sociais e políticas introduzidas no País, devendo as estruturas unitárias vigiar permanentemente a sua aplicação. Assim, a defesa das transformações do 25 de Abril passa pelas novas formas de produção que a Revolução criou, como as Empresas Públicas, as Unidades Colectivas, as Cooperativas, com especial incidência no caso das nacionalizações e Reforma Agrária.

Gostaria ainda de sublinhar três aspectos fundamentais da acção de defesa da Democracia: a sua componente política que inclui a defesa das liberdades democráticas e a defesa dos processos eleitorais. No aspecto da democracia económica damos prioridade à planificação e gestão democrática e à posse colectiva dos meios de produção. Por último, no campo social, a igualdade de todos os cidadãos, que inclui a igualdade de oportunidades, de educação, trabalho e segurança.

DL – Foi aqui referido repetidamente um termo que deveria merecer da vossa parte uma análise mais detalhada. Trata-se do divisionismo. Por outras palavras, gostaria que falassem da UGT.

Gonçalves André – A UGT não é ainda um processo acabado de divisionismo, nem é a sua primeira expressão. Ela começou logo que o capitalismo, por força do próprio 25 de Abril, viu perigar as suas posições. Aparece com vários nomes, o último dos quais é de facto a UGT. Trata-se na verdade de uma tentativa divisionista. Pela nossa parte não criticamos o aspecto da sua formação estar baseada num acordo de cúpulas partidárias, o que é mau, pois entendemos o sindicalismo como uma acção eminentemente de classe, mas o facto de não praticar a democracia, pois se a praticasse, entendida como vontade participada dos trabalhadores, o seu espírito de classe conduzi-la-ia à unidade. Por outro lado, a UGT faz parte do plano de recuperação das posições perdidas pelo capitalismo, o que é introduzido por via externa. Por estas razões, para resumir, nós verificamos que a UGT está cada vez mais isolada, que joga fundamentalmente com a divisão ideológica, no bom sentido, mas também com a divisão profissional dos trabalhadores, não procurando uni-los nos aspectos fundamentais.

Queria deixar, todavia, claro, que não se combate a UGT com processos de intenção, no sentido de melhorar uma imagem de esquerda, mas com uma prática sempre mais adequada à realidade portuguesa, no reforço das conquistas da classe trabalhadora.

Há ainda um aspecto que ficou por tratar, e que merece algumas palavras. É o direito de tendência. Quando nós dizemos que o movimento sindical não pode desprezar a expressão das minorias, não queremos de maneira nenhuma significar que defendamos o «direito de tendência».

Para nós o direito de tendência significa a introdução de mecanismos de representação partidária no seio do movimento sindical. Isso contribuiria para uma espécie de parlamentarismo sindical que desviava o campo específico da luta dos trabalhadores e poderia provocar a criação de tantas centrais sindicais quantas correntes partidárias existissem no movimento sindical. Por isso, para nós, MDP, a protecção das minorias só pode ser defendida através da mais ampla participação dos trabalhadores no cumprimento escrupuloso das regras do comportamento democrático das diferentes estruturas ou associações sindicais.

DL – Das suas palavras decorre naturalmente e sistematicamente um apoio à CGTP. Mas, apesar disso, o que pensa que deve ser aperfeiçoado na Central, por enquanto única, dos trabalhadores portugueses?

Gonçalves André – Nas estruturas da CGTP deve continuar a dar-se grande importância ao aumento da participação dos trabalhadores em todos os actos de decisão, nos diversos órgãos e aos diferentes níveis da organização sindical. Deve, também, continuar a praticar-se e reforçar a democraticidade interna da sua actividade, assunto que se não deve dar como encerrado, apesar de se considerar existir democracia na actuação do movimento sindical. Devem continuar-se as experiências de grandes encontros sectoriais com vista ao reforço da dinâmica interna das diversas estruturas da CGTP e a adopção de uma prática que permita estar cada vez mais a CGTP ao serviço da defesa dos interesses e direitos dos trabalhadores, sem esquecer que terá de haver sempre uma redobrada consciência de protecção das expressões próprias de grupos minoritários no movimento sindical. Por outro lado, considerar que se deve lutar pela despartidarização, porque para nós a unidade sindical não contempla o espírito de alianças políticas, mas resulta da procura comum pelos trabalhadores de soluções adequadas à defesa dos seus interesses imediatos e dos seus interesses mais gerais de transformação da sociedade. Por isso, nós não praticamos uma política de alianças, a nível sindical, antes desenvolvemos e defendemos uma verdadeira política de unidade.

(Mesa-redonda conduzida por **José Manuel Nunes**)

ANO 13.º LISBOA – DOMINGO, 4 DE FEVEREIRO DE 1934 N.º 403

Diario de Lisbôa de Domingo

Numero avulso: 30 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
ADMINISTRAÇÃO – Rua da Rosa, 57, 2.º
Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, composição e impressão
RUA LUZ SORIANO, 48
TELEFONES – 2 0271, 2 0272 e 2 0273
Endereço telegrafico: DIBOA

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

ALGUMAS FIGURAS DO CHIADO

Dr. Brito Camacho — Gualdino Gomes — Dr. Ramada Curto — Alfredo Soares

Dr. João de Barros — Dr. Lopes de Oliveira — Pires Avelanoso — Ramiro Leão

Dr. Orlando Marçal — Julio Ferreira — João Perestrelo — Maestro René Bohet

ANO 14.° LISBOA - SABBADO, 13 DE OUTUBRO DE 1934 N.° 4277

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 30 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
ADMINISTRAÇÃO — Rua da Rosa, 57, 2.°
Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO

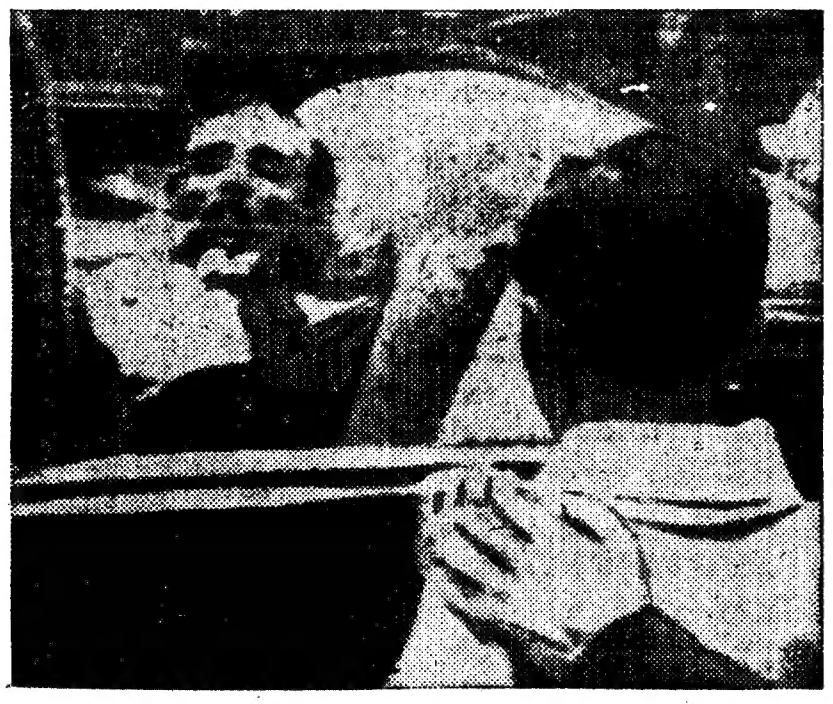
Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, composição e impressão
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEFONES — 2 0271, 2 0272 e 2 0273
Endereço telegrafico: DIBOA

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

ALGUNS INSTANTANEOS FLAGRANTES DO ATENTADO DE MARSELHA

Um instantaneo impressionante do atentado — O assassino vê-se ainda em cima do estribo do automovel que conduzia o rei Alexandre e o ministro Barthou, empurrado pelo "chauffeur", que procura inutilmente evitar o seu intento sinistro. A seu lado, o coronel Violet faz esforços por se aproximar de Kalemen, enquanto a multidão apavorada foge em todas as direcções.

Depois de praticar o seu horrivel crime, o assassino sucumbiu aos golpes que lhe vibraram. O seu corpo, estendido na praça da Bolsa, constitui uma das imagens mais impressionantes do abominavel atentado que vitimou o rei Alexandre e o ministro dos Negocios Estrangeiros francês



Um instantaneo flagrante da tragedia de Marselha. O rei Alexandre da Jugoeslavia, mortalmente atingido pelas balas de Kalemen, inclina a cabeça sôbre a almofada do automovel, ao mesmo tempo que um pânico indescritivel se apodera da multidão

O corpo de Barthou repousa sobre um divan, no hospital de Marselha, pouco depois da intervenção cirurgica a que o submeteram e que não conseguiu salvar-lhe a vida. Como se sabe, os socorros medicos foram tardios. "Não se morre duma bala num braço,"—declarou um grande cirurgião francês.

Diario de Lisbôa

Suplemento literario

DIRECTOR: JOAQUIM MANSO—PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA

Redacção, Composição e Impressão: Rua Luz Soriano, 44, LISBOA — Telefone 20271

EGAS MONIZ

Foi ala de Afonso Henriques e ofereceu-se com a mulher e os filhos para resgatar do rei a palavra mal cumprida. Os seculos foram andando e Egas Moniz ressurgiu na nossa época — cavaleiro, leal, sabio, orador, medico de doenças nervosas, politico, professor e biografo. Se lhe preguntassem :

— Não se fatiga de fazer tantas personagens ?

Ele responderia :

— Só faço uma, mas em horas diferentes.

Assim é : Egas Moniz, como as côres do espectro, vive no mesmo prisma : ilumina, aquece, c3duz e deslumbra, descobre os segredos da vida e obriga a natureza a preguntar-lhe :

— Porque me não deixas repousar no misterio em que nasci ?

— Tem paciencia, é só mais um pedacinho, enquanto eu descubro no cerebro dos homens a razão por que a sua alma, como lady Macbeth, passeia com a morte, supondo que anda num baile da côrte.

O PANORAMA LITERARIO PORTUGUES

Aquilino Ribeiro afirma que ha uma crise do espirito

e a literatura atravessa uma hora grave

Aquilino Ribeiro é um dos grandes e raros casos da literatura portuguesa. E' um escritor-tipo, de boa fibra classica, prosador por instinto e romancista por oficio.

AQUILINO RIBEIRO

Carlos Malheiro Dias, no prefacio celebre do Jardim das Tormentas, *chamou-lhe, com sincero entusiasmo, o principe das letras portuguesas. Se Aquilino Ribeiro não fosse visceralmente republicano, diriamos que ele já tinha, entre palmas de admiração, ascendido ao trono da lingua—vago no dia em que o nevrotico Camilo estoirou os miolos, em S. Miguel de Seide. O criador da* Via Sinuosa *e das* Terras do Demo *tem conseguido esta coisa admiravel: escrever sem se diminuir Cada uma das suas obras é melhor do que a anterior. Mais forte mais rija, de porte, mais alto, mais bem entroncada na linguagem, celula viva, multiplicada em ramos, raizes, fuste, como as arvores grandiosas; que, no recesso das florestas, rompem da monotonia verde, assombrando os espaços. As suas figuras são copias do modelo vivo. Têm a grandeza e a impuridade humana, com defeitos, como o criador as amassou no Paraizo.*

Mas sem elas não haveria beleza, nem aspiração, nem inquietação nem com que medir em valores os defeitos e as virtudes do ser humano.

Aquilino Ribeiro responde ao nosso inquerito, ativelando a mascara de Juvenal.

O seu riso tem um ressaibo ironico que talvez fira a mediocridade e o convencionalismo da galeria literaria. Repare-se, porém, que Aquilino Ribeiro, negando quasi sempre, desmente-se a si proprio. Não será Aquilino Ribeiro exemplo vivo de que a literatura portuguesa não é, positivamente, materia desvalorizada? Com medicos como ele, mesmo que o diagnostico fosse grave, o doente não piorava. E com estes despretenciosos comentarios, tem a palavra o autor da Maria Benigna:

—Parece-lhe que esteja em crise a literatura?

—Parece-me bem que sim. De modo geral ha uma crise do espirito. Se ainda se lê, se ainda se aprende a ler e a escrever nas escolas é por viciosa costumeira, pois estão proximos os tempos em que será de bom tom ser maciçamente analfabeto como o eram, com gloria e suficiencia os fidalgos afonsinos. A literatura vai caindo de moda, declinando para a doce e enternecida penumbra em que esmaecem os postiços do passado. Morreram tisicos os poetas e o prosador que aguente um ou dois anos a carpintejar o livro, á espera de aura publica ou galardão material, quando tudo isso se consegue do pé para a mão — dois murros cientificos aplicados no seu semelhante, a travessia do Atlantico—coitado, ou não sabe o que se passa pelo mundo, ou não tem o juizo no seu lugar. Em qualquer das hipoteses é digno de lastima.

—Aceitando esse pessimismo á letra, os exageros são evidentes. O bom cultor das letras tem as suas compensações...

—Tem, eu lhe digo. Sempre ha um ou outo patusco renitentemente romantico que tem prazer em lhe apertar a mão, este ou aquele amigo que o considera «magico» para o [illegible] da carneirada humana, um sujeito sem caracter que o lisonjea chamando-lhe criminoso. Tudo isto não passa de dinheiro de sardinhas. Quem o vê á mesa de trabalho a envelhecer, a queimar as pestanas, a escrever cada letra com sangue, nesta urdidura de Penélope que no fundo é o livro?! Nos bons velhos tempos, tempos dos Goethe, dos Musset, dos Garret, dos Anatole—pois o autor da Thais já pertence a um passado longinquo—enamoravam-se dêstes artifices as mulheres, mariposas atraidas ao resplendor da lama. A mulher hoje prefere o atleta, o homem de acção, o dominador pela força, pela fortuna ou pela audacia, e nisso dá provas dum bom senso digno de ser celebrado pela cartilha do abade de Salamonde no capitulo dos deveres sociais. A gloria a que uns emprestam corpo e encantos de huri e outros pintam como caveira embonecada de europeis, a gloria quere-se com esses mocetões desempenados, ignorantes como reis de armas, rijos como bufalos, que jogam o «tout pour le tout». O longo e paciente trabalho do genio ou apenas da inteligencia não deslumbra ninguem.

—São então os tempos barbaros que voltam?

—Não nos enganemos, não são os tempos barbaros que voltam, são outros tempos que vêm. Melhores? Piores? A humanidade vai seguindo cega o seu caminho sem saber para onde vai. Quem poderá dizer que o homem de hoje é mais feliz que o contemporaneo de Sesar? E que o operario, no regime das 8 horas de trabalho é menos escravo que o escravo de Roma? Nada escapa á lei da relatividade e na evolução das coisas valores se subvertem e valores se alevantam. O livro—é observar as luxuosas produções da livraria francesa ou alemã—vai deixando de ser manjar para o espirito para se tornar objecto de mobiliario, linda e futil bugiganga decorativa. E a manter-se o culto imoderado pelo feito de natureza muscular, ha de acabar por ser uma demonstração de idiotia especifica contra o autor, incluindo aqueles a que o nosso poder de admirar hoje qualifica de «honrosas excepções». O mundo é um belo chiqueiro.

—Não se descortina saida para a literatura dêste belo chiqueiro, uma réstea de clara luz, tendencia...?

—Em minha consciencia, não vejo. Tendencias na literatura, isto é o sentido literario colectivo definido para um rumo, como poderia havê-las a meio da universal barafunda? Nunca o intelectual foi mais individualista do que agora; nunca o pandero literario tangeu mais dissonante. O espirito é como a luz duma candeia exposta aos ventos. Donde sopram agora, donde vão soprar logo? Uma espada de Damocles pende sobre a vida do homem e das nações. Quem tem seguro o dia de amanhã? O escritor encontra-se nesta praça instavel e movediça. Não terá coragem de pegar na pena de pato romantica quando tudo em volta é ferro e cimento; da pena realista, que o panorama é sobretudo confrangedor; o naturalismo estrénuo leva ao bocejo e o psicologico é cataplasma. O escritor dos nossos dias não pertence a nenhuma escola e a sua defesa está na tecnica, uma tecnica, digamos, em que se sintam as muitas cabeças e braços de Brareu, sábia e complexa como o maquinismo de navio, insensivel a quem vai no beliche, para o nosso caso a quem lê.

—Dêsse modo a carreira literaria tornar-se-ia uma sorte de esoterismo...

—Não digo que não e será essa a sua defesa. Quere-se a literatura praticada por poucos. O numero é o mal. A carreira literaria, de resto, exige um espirito de sacrificio, uma abnegação, uma demora que não são compativeis com a nossa epoca explosiva a conceber e a realizar. Neste transcurso que vai da guerra até á data muitos têm ficado pelo caminho que é, como quem diz, têm mudado de oficio. Alguns, em virtude da velocidade adquirida, oragos com capela propria, levam ainda vida folgada. São os Burget, os Bourdeaux. Os mais vegetam. A ciencia e a industria invadindo o terreno da imaginação, têm-lhe roubado a clientela. Lê-se a gazeta de preferencia ao livro; ouve-se o alto-falante, não se folheia o guia; escuta-se a conferencia pelo radio, não se procura na revista; vê-se desenrolar a fita cinematografica, não se adormece com a novela á cabeceira. E' mais rapida a apreensão cerebral desta forma e menos esforçada. E—aqui está o paradoxo—ninguem se importa de avaliar o esforço que cada um despende para poder entregar-se a este menor esforço.

—A situação é transitoria...

—Transitoria ou perduravelmente o escritor é vitima desta americanização da vida. Já na Conferencia Internacional do Trabalho que periodicamente se reune em Genebra um filantropo ergueu a voz a interceder pelos trabalhadores intelectuais. Em verdade, será o homem de letras um obreiro necessario na cidade que se ergue? Se lhe suceder como ao escriba no Renascimento que morreu de morte-macaca debaixo dos prélos terá em grande parte a sorte que merece. O mundo de hoje criou-o esse escritor que está vendo o prestigio quebrado. Pedra a pedra, ele mais do que ninguem construiu os alicerces da casa nova. Exaltou, fomentou o culto da acção em prejuizo do culto do espirito, denegriu a propria obra, conspurcou aberrantemente a pena e o dom puro do entendimento. Cavava a ruina da inteligencia, mas ha nada mais egoista que o escritor dentro da sua obra, entregue á ansia de arte e de originalidade?

—De facto, o escritor preparou o terreno em que chafurda. Mas o naufrágio não será total. O talento verdadeiro subsiste a todas as vicissitudes.

—A' tona desta sociedade, cada vez mais mecanica e febril, manter-se-á como peixe em agua o escritor oficial. Este que é um baluarte da boa ética, «fiche» em materia de patria, de religião, de politica, que decanta as virtudes ambientes do burguês, do banqueiro, do comerciante, que detesta Caliban apenas porque veste de Candido, este resiste á avalanche. Constituir-se-á uma geração de novos Tolentinos, á mesa posta do poder. Os salões, as academias, os cenaculos distribuir-lhes-ão as migalhas do açafate como alpista aos canarios. E salvar-se-á desta forma a honra literaria do seculo.

—O cepticismo do autor do «Andam Faunos Pelos Bosques», livro tão optimista quanto ás quaalidades da criatura humana, espanta-me. O homem precisa de pão do espirito.

—O homem, antes de mais, precisa do pão que fornece a Moagem e de goso. O homem de hoje, depois da rajada mortuária da guerra, ficou um gozador carniceiro. Interessa-se pelas coisas do espirito pelo vezo. Lê por curiosidade. O grande instinto que o leva a debruçar-se sobre um livro, uma revista, é a curiosidade. Esta é a boa fada dos escritores. Pouco ou nada actua o instinto do belo. E até certo ponto é justo. Que melhor se produziu no mundo depois da «Odisseia», que tem alguns milhares de anos? As obras do espirito, depois de Homero, depois de Xenofonte, Platão, Luciano, são redundancia.

—Vai apagar-se a era das luzes...

—Começa o crepusculo matutino dum mundo novo. Porventura desapareça a letra de fôrma perante coisa melhor e mais prática. Daqui a mil anos os sabishões rir-se-ão do nosso alfabeto. A gazeta, o livro, a carta serão ouvidos e não lidos. Em vez de papel trar-se-á nos bolsos pequenos disticos duma materia suprasensivel e leve que arquivará a nossa voz a qual como hoje, confiaremos ao correio para que a leve a seu destino. Será um aparelho cómodo e precioso como as caixas de rapé dos marqueses do tempo de D. Joãoã V, salvo a função que é nobre. O mundo, e em particular o mundo simpático que são as crianças, ficará liberto da estopada de aprender a ler e escrever. Aos olhos restará como função suprema, o prazer de recrear-se no panorama doutros olhos e mais raras belezas eternas, sobreviventes ao prosaico e banalizado planeta.

—Onde vai a imaginação dum romancista! Tambem ha coisas a admirar no nosso tempo, na nossa terra, na republica das letras nacionais...

—Ninguem tem mais prazer em admirar do que eu.

—Cite-nos nomes... Dos novos... ou pelo menos da sua geração em diante...

—São tantos esses nomes! Ponha lá... ponha lá Rocha Martins, o compadre Rocha Martins, cheio de qualidades, não limpo de defeitos, fazendo prosa rijamente como um britador, depois de Camilo o mais laborioso e o mais curvado sobre a banca, denodado, ardente, não temendo abordar qualquer assunto, nunca fugindo ao adversario, a este dando um arranhão, áquele uma cachaçada, além acenando com o marmeleiro, sempre valente e admiravel. Ponha Augusto de Castro que continuou a tradição de Eça, largando o relatorio de diplomata para lavrar uma bela pagina, paradoxal por vezes mas sempre singular e musical; ponha João Gaspar Simões, que eu vejo crescer como pujante e primaveril planta; ponha Tomaz Ribeiro Colaço, porventura a maior revelação dos ultimos anos; Ferreira de Castro, consagrado no estrangeiro, Antonio Sergio, infatigavel e aguerrido, e mais nomes «panachés» saídos de campos diversos previlegiados de Minerva.

Figuras do Chiado bem conhecidas: da política, das artes, das profissões liberais, das actividades de uma artéria que foi um padrão de vida urbana e de vida cultural. Gualdino, Ramada, Brito Camacho, o nosso colaborador João de Barros, o republicano Ramiro Leão — eram o Chiado. Noutra primeira página a valorização da imagem marcando um estilo moderno de jornalismo. No Suplemento Literário: Egas Moniz e um depoimento do grande Aquilino. Já então se falava de crise... da literatura.